

A MENINA INSUPORTÁVEL

Condessa de Ségur

A MEU NETO

LOUIS DE SÉGUR-LAMOIGNON

Meu querido netinho, tu és forte e generoso como um leão, meigo como um cordeiro e sereno como um anjo. Ao leres a história de Gisela, sei que não irás imitá-la; ao contrário de um cordeiro ela procede como um lobo, ao contrário de um anjo ela age como um diabo. Eu não temo, pois, que te deixes contagiar por esta tão mal educada rapariga. É preciso agradecer aos teus pais que te educaram de tal modo. bem que vejo as tuas boas qualidades ressaltarem em todas as tuas acções. Deseja-te uma vida cheia de ternura, a tua avó que te ama.

Um anjinho, esta Gisela

Havia já uns dias que o Sr. Néri e sua esposa Noémia tinham regressado a Paris com seus filhos, e com Branca e Lourença Néri, uma de dezoito anos e a outra de dezasseis, que estavam a viver em casa do irmão e da cunhada:

Após a morte da mãe, sucedida quatro anos antes, tinham ficado com a irmã mais velha, chamada Leontina Gerville, ao tempo de vinte e três anos; dado, porém, o carácter intolerável da sobrinha Gisela, que andava então nos seis anos, e da excessiva condescendência de seus pais, Leontina e Vitor Gerville, por esta filha única, viu-se Pedro Néri obrigado a retirar as irmãs do jugo escravizante que suportavam.

Tinham ido passar o Inverno a Roma; de regresso a Paris, o Sr. Néri encontrou novamente ali a mana Leontina, de quem muito gostava, e que via quase diariamente.

Tendo-se a Gisela enfurecido certa manhã, na presença do tio, e procurando Leontina convencer o irmão da sensatez e meiguice da filha, não conseguiu este evitar um comentário a propósito.

- Afirmo-te, Leontina, que não vês os defeitos de Gisela; ela é simplesmente insuportável.

LEONTINA - Ó Pedro! que ideia a tua! Toda a gente a acha agora adorável.

PEDRO - Sim, acredito que to digam; mas não posso acreditar que te falem com franqueza.

LEONTINA - Se soubesses como me tornei severa! Não só a censuro asperamente, como a castigo sempre que o merece.

PEDRO (sorrindo) - Pois sim; o pior é que ela nunca



merece castigo...

LEONTINA - Lá isso é verdade; tornou-se meiga, obediente e encantadora. Tu és tão severo para as pobres crianças, que não lhes suportas o barulho nem as faltas leves.

PEDRO - De facto, não lhes suporto os gritos furiosos nem as maldades; mas no que respeita às suas brincadeiras, gritos alegres e discussõezinhas, não só os tolero, como até me agradam, chegando mesmo a tomar parte neles. Demais, se me engano quanto a Gisela, tanto melhor para ti e para ela. Como prometi a meus filhos comprar-lhes flores para oferecerem à Noémia no seu aniversário, vou sair, já é tarde. Até à volta, irmãzinha.

Leontina beijou o irmão, embora contrariada pela opinião que ele tinha da sua encantadora filha, e, recostando-se na poltrona, ficou uns instantes pensativa e melancólica.

Que triste não é - pensava ela - ver toda a família embirrar com a minha Giselinha! Lá por eu e o pai a termos amimado em pequenina, já a acham insuportável... Querido anjinho! É tão bonita e tão dócil !

Enquanto a Sr.a Gerville se extasiava ante a graça da filha, Pedro Néri chegava a sua casa com um ramalhete de flores, indo mostrá-lo à esposa.

- Olha, Noémia - disse ele -, olha que lindas flores eu trago às crianças. Há aí para uma boa meia dúzia de ramalhetes.

NOÉMIA - São lindas, lindas; até lindas de mais para serem entregues a crianças: as camélias são um encanto. Dá-mas cá; seria pena vê-las estragar por crianças de tão tenra idade.

PEDRO - Não posso recusar-te nada, querida Noémia; pega nas camélias e deixa para eles os lilases, os junquinhos e os goivos.

- Obrigada, meu amigo - disse ela, apressando-se a tirar as camélias e um bonito ramo de lilases brancos.

PEDRO - Chega, Noémia, chega! Se continuas, que fica para as crianças?

E levou-lhes o ramalhete. Quando as crianças o viram, deitaram a correr para ele.

JORGE - Papazinho, estamos à espera das flores; arranjou algumas?

SR. NÉRI - Pois não! E bem bonitas. Tomem, filhinhos; têm aqui para uns poucos de ramos.

Pedro colocou sobre a mesa as flores que trazia escondidas atrás das costas; ao vê-las, tanto o Jorge como a Isabel deram um grito de alegria.

- Oh! Que lindas, mas que lindas flores! Muito obrigado, papá. Que bom que é o papá!

E abraçaram o pai, que os deixou sozinhos para arranjarem os ramos, indo ter com a mulher.

O Jorge começou a juntar as flores mais lindas, que Isabelinha lhe apontava. Estava a acabar, quando se abriu a porta para dar passagem à prima Gisela.

GISELA - Estão aqui! Pensei que tinham ido passear.

JORGE - Estamos a fazer raminhos para a mamã, que faz anos amanhã.

GISELA - E que pensas tu receber da minha tia?

JORGE - Eu? Nada; não sou eu que faço anos.

GISELA - Pois acho isso bem estranho. O papá e a mamã presenteiam-me sempre quando fazem anos. Ora, vamos lá a ver as flores. Na verdade, lindas são elas! E que bem cheiram! Onde as apanhaste?

JORGE - Não as colhi, trouxe- as o papá.

Gisela ia a repontar, quando entrou Lourença. Jorge e Isabel apressaram-se a ir ter com ela, beijando-a repetidamente. Gisela ainda deu um passo, mas deteve-se, e disse de um modo seco:

- Bom dia, minha tia.

- Bom dia, Gisela - respondeu Lourença. E quis beijá-la, mas esta repeliu-a.

-Amável como sempre - disse Lourença, rindo.

LOURENÇA - Estavas a preparar ramalhetes com os primos.

GISELA (em ar resmungão) - Não, estava a vê-los fazer.

LOURENÇA - Vou ajudar-vos. Anda, Jorginho, chega-me as flores mais lindas. E tu, Isabelinha, vai à criada que te dê o fio; vou arranjar-vos dois amores de ramalhetes, para oferecerdes amanhã à vossa mamã.

GISELA - E eu que tenho a fazer?

LOURENÇA - O mesmo que fazias quando aqui cheguei: ficas a olhar...

GISELA (mal-humorada) - Julga-me então divertida a ver fazer ramalhetes?

LOURENÇA - Se não te agrada, faz outra coisa.

GISELA (com vivacidade) - Que quer que faça?

LOURENÇA - Sei lá... o que te apetecer. És tão difícil de contentar...

GISELA (sempre excitada) - Já vejo que é a tia quem espalha que eu sou má. Vou dizê-lo ao papá e à mamã: certamente ficarão irritados com a tia.

LOURENÇA - Podes dizer o que te apetecer. Quando, na idade de treze anos, eu estava em vossa casa, na ocasião em que morreu a minha querida mamã, receava muito as tuas maldades, por o teu pai nos tornar infelizes, a mim e à Branca, com os seus ralhos. Mas agora, que nos sentimos tão bem em casa do mano, não me importa o que tu dizes, lamentando apenas que sejas tão má aos dez anos como eras aos seis.

GISELA - Isso não é verdade; diz a mamã que sou agora muito bem comportada.

LOURENÇA - O amor materno obceca a tua pobre mamã,

julgando-te boa. Pergunta ao tio Pedro o que pensa de ti.

GISELA (irritada) - O tio é mau; só quer que gostem dos seus filhos, e trata de me prejudicar.

LOURENÇA - Menina má: se não te calas, é melhor pores-te a andar.

GISELA - Pois nem me retiro, nem me calo; e afirmo que meus tios são muito maus, o que me leva a detestá-los.

JORGE - Não quero ouvir-te dizer tais coisas do papá e da mamã, ouviste, minha feia?

ISABEL - Nem eu tão-pouco, mázona!

Lourença pousa as flores na mesa e quer obrigar Gisela a sair, mas esta debate-se, escapa-se, corre para a mesa e, antes que Lourença a possa impedir, pega nas flores, esmaga-as nas mãos, atira-as ao chão, calca-as aos pés, ao mesmo tempo que entoa em ar escarninho e triunfante:

Ai! ai! que linda aventura! Ai! mas de tão pouca dura!

Jorge e Isabel ficaram mudos de pasmo, em grande consternação; Lourença chama a criada.

- Aninhas fazes o favor de chamar o Sr. Pedro? Fecha a porta, dando duas voltas à chave, para a Gisela não fugir.

A criada deu-se pressa em cumprir a ordem; Gisela percebeu o perigo e procurou, em vão, escapar-se. Não teve grande tempo para reflectir: depressa chegou o Sr. Néri.

SR. NÉRI - Então que foi, Lourença? Porque me mandaste chamar? Porque choram as crianças?

LOURENÇA - Por uma nova maldade da Gisela. (E contou a Pedro o que se passara.) Mande-i-te chamar, porque não há meio de acabar com isto; ela não quer sair daqui.

SR. NÉRI - Se fosses minha filha, Gisela, castigar-te-ia de forma que perdias a vontade de recommençar as tuas maldades; como, porém - graças a Deus-, só és minha sobrinha, limitar-me-ei a levar-te comigo para o meu gabinete de trabalho, onde terás de ficar todo o tempo que devias passar aqui.

GISELA (batendo o pé) - Não quero ir para o seu gabinete, onde seria espancada; quero-me ir embora.

PEDRO (para a criada) - Quanto tempo devia a Gisela ficar aqui?

CRIADA - Penso que hora e meia. A criada da menina está com a aia da senhora; deseja que a vá chamar?

SR. NÉRI - Obrigado; não é preciso. Dir-lhe-ás que, em sendo horas, vá buscar a Gisela ao meu gabinete.

E, chegando-se à sobrinha, disse:

- Gisela, adiante de mim, já!

GISELA (chorosa) - Não quero acompanhá-lo nem mesmo vê-lo.

O Sr. Néri não disse nada; aproximou-se dela e, agarrando-a, não obstante os seus gritos e esforços, cingiu-lhe os pulsos com uma só mão, e seguiu corredor fora, levando-a à força. Chegando ao gabinete, puxou de uma correia em que estavam suspensas as suas caçadeiras,

levantou a Gisela para a sentar numa poltrona, e, sem a magoar, prendeu-a com a correia.

- Agora - disse ele - podes gritar e torcer-te à vontade, que não me comoves: tens para uma hora bem puxada. Medita e vê se compreendes o triste desenlace das tuas maldades, que nenhum proveito te dão; pensa em quanto ofendes a Deus; na infelicidade que a ti própria acarretas, tornando-te aborrecida a toda a gente.

Dizendo isto, Pedro sentou-se e continuou o trabalho interrompido, não tornando a levantar os olhos para a sobrinha, que gritava e se torcia, como possessa. Ao cabo de uma hora, veio a criada buscá-la: parecia prostrada. O tio desligou-a e deixou-a ir, sem sequer olhar para ela. Esta lançou-lhe um olhar furioso, e apressou-se em voltar para casa, onde, é claro, contou a aventura à sua moda.

Sinceridade do anjinho

Após a intervenção do pai, que arrastara a prima para fora da sala, Jorge e Isabel voltaram às flores.

JORGE (entristecido) - E os ramalhetes? Ficaremos sem nada para dar à mamã?

LOURENÇA - Lá quanto a isso, não se incomodem; há dois lindos ramos, os mais bonitos que, por felicidade, eu arranjava e pusera no toucador antes da chegada de Gisela. Estava a preparar outros com as flores mais pequenas que restavam. Há ainda muitas flores em bom estado; tu e a Isabel ides oferecer os ramos maiores; eu e a Branca daremos outros dois mais pequenos, que vou tratar de concluir.

JORGE - Não, não, querida tia, guarde os maiores e dê-nos os pequeninos; não achas, Isabel?

ISABEL - Não acho, não; quero um dos grandes; pega tu num pequenino.

JORGE - O quê? Não dás um ramo grande à tiazinha, tão boa para nós?

ISABEL - Pois sim, dá-lhe o teu; eu para mim quero um dos grandes.

JORGE - E para a boa da tia Branca?

ISABEL (hesitante) - Para a tia Branca?... Como há-de ser? Olha, apanha, apanha o que está no chão; tens bem por onde escolher.

JORGE - Está tudo pisado! As flores partidas! Nada disso presta.

LOURENÇA - Meus amiguinhos, guardem os ramalhetes grandes. Olha, Jorginho, tu e a Isabel sois os filhos; eu e a Branca somos irmãs; é aos filhos que pertence dar o melhor presente às mães.

Entretanto, chegava Gisela a casa dos pais. Estava furiosa.

GISELA - Mamã, não quero mais voltar a casa do tio

Pedro e da tia Lourença.

LEONTINA - Então porquê, minha queridinha?

GISELA - O Jorge e a Isabel não me deixaram arranjar ramalhetes de flores; a tia Lourença bateu-me, fechou-me e... espancaram-me.

LEONTINA (indignada) - Espancada! Fechada! Meu rico tesouro! Porque te bateu ela? Que foi que fizeste?

GISELA - Nada, absolutamente nada, mamã. Fiz apenas cair algumas flores, o que ela afirmou ter sido de propósito. Estava aborrecida por me não deixarem tocar em nada e que havia de fazer? pus-me a cantar. A tia zangou-se, empurrou-me, obrigando-me a gritar. Ela então mandou chamar o

tio para me vir chibatar...

LEONTINA (soltando um grito) - Chibatar-te! É horrível! Bateram-te deveras.

GISELA - Não se atreveram, porque lhes disse que vinha fazer queixa à mamã e ao papá. Mas o tio ralhou muito e afirmou que, se eu fosse filha dele, me vergastaria até me ficar o corpo marcado com vergões; que só tinha receio do papá e da mamã, e se envergonhava de me ter por sobrinha.

LEONTINA - É inacreditável! Estou pasmada!...

GISELA - Foi então que o tio me agarrou e arrastou por toda a casa, apesar dos meus gritos, puxando-me pelos pulsos, que ainda estão vermelhos. Levou-me para o seu gabinete de trabalho, amarrou-me com cordas de couro, que me faziam sofrer horrivelmente, e assim me deixou; por mais que lhe pedisse para me soltar, ali fiquei durante uma hora. Ao desamarrear-me, estava quase desfalecida por tanto sofrimento. Já vê a mamã a razão por que não desejo voltar a casa do tio Pedro. Estimo-o muito, mas ele é mau a valer.

Na sala de visitas encontrava-se um antigo amigo da família, o Sr. Tocambel, de uma franqueza benévola, mas que não se constrangia com ninguém.

- Viva a menina bonita! - disse à Gisela. Continua a ser má, não é assim? Fez hoje muito barulho?

GISELA (despeitada) - Há muito que não tornei a ser má, como o senhor bem sabe.

TOCAMBEL - Pois que sei eu? Nada. Mas vejo, pelos seus lindos olhos vermelhos e pelo cabelo em desalinho, que houve novidade esta tarde.

GISELA - A novidade é o tio Pedro estar pior que nunca, e a tia Lourença não lhe ficar atrás.

TOCAMBEL - Minha menina, conheço os seus tios desde que vieram ao mundo, podendo garantir que são umas excelentes criaturas.

-Ah! É o senhor! -disse Leontina, ao entrar. - De que falava à Gisela?

TOCAMBEL - Falávamos de uma fada que tem demónio, em luta aberta com dois génios benfazejos, metamorfoseados pela fada em malfeitores.

LEONTINA - O Sr. Tocambel fala por enigmas; mas eu tenho de falar-lhe a sério. Gisela, vai ter com a criada, minha queridinha.

GISELA - Ó mamãzinha, deixe-me ficar aqui... gosto tanto da mamã...

LEONTINA (beijando-a) - Meu amorzinho, preciso de falar com o Sr. Tocambel sobre um assunto que não te diz respeito; rogo-te, pois, que vás ter com a criada.

GISELA - Oh! eu bem sei o que a mamã vai dizer ao meu amiguinho, de quem tanto gosto: quer falar-lhe dos tios.

Leontina fez um gesto de surpresa, dizendo ao ouvido do Sr. Tocambel:

- Adivinhou; mas que inteligente não é esta criança !

Percebendo que a mãe hesitava, Gisela beija-a, faz-lhe festas e diz com meiguice:

- Querida mamã, perdoe-lhes, pois que é tão boa. Não diga nada ao nosso amigo; isso penalizá-lo-ia e ele é tão velhinho, que o não devemos atormentar.

Tocambel - Gisela, a mamã ordenou-lhe que saísse; deixe-nos sós, se faz favor.

GISELA - bom amigo, o senhor está zangado comigo, e o motivo sei-o eu bem: Por lhe ter chamado velho. Perdoe-me, que não me lembrava já da recomendação da tia Monclair de não falar nunca da sua idade nem da sua cabeleira. Diz ela que é relva o que o senhor tem na cabeça. É estranho, não é?

Tocambel - a menina é muito nova para se permitir gracejos sobre a minha idade e a minha cabeleira; mas tem idade bastante para conhecer que acaba de praticar uma dupla maldade. Agora saia, peço-lhe muito seriamente.

GISELA (fingindo chorar) - Mãezinha!

LEONTINA (beijando-a) - obedece ao nosso melhor e mais antigo amigo.

Gisela retirou-se, fingindo chorar, mas lá no íntimo ia muito satisfeita por ter desgostado o Sr. Tocambel, que lhe adivinhara a intenção malévola, e que indubitavelmente, ia falar nisso a sua mãe.

Ânimo de Leontina

A Gisela não se enganava; mal saíra, voltou-se o Sr. Tocambel para Leontina, dizendo:

- Queira dizer, minha senhora: sou todo ouvidos.

LEONTINA - Fiquei magoada, querido amigo, com o seu ar severo para a pobre Gisela. Receio que ela tenha compreendido todas as suas palavras; é de uma inteligência viva e, por certo, vai ficar desgostosa.

TOCAMEL - Desiluda-se, minha senhora; longe de estar desgostosa, sente-se, ao contrário, satisfeitíssima por me supor vexado. Não estou vexado, mas penalizado, pelas

intenções falsas e maliciosas dela, e pela brandura e cega confiança da senhora.

LEONTINA (surpreendida) - A minha brandura! Exactamente no momento em que eu uso de severidade para com ela, em que a forço a obedecer-me, apesar das lágrimas, sou acusada de brandura? Que devia eu então fazer?

TOCAMBEL - Abrir os olhos, minha senhora, e ver a falsidade da sua fingida estima por mim, da desculpa que pediu para seus tios, do modo estouvado como falou da minha idade, transmitindo as palavras da tia Monclair, das lágrimas forçadas; sim, tudo isso é falso e mentiroso. Tratando-se de Gisela, a senhora fica logo cega à evidência, surda à verdade. Ora, diga-me agora o que me desejava comunicar, minha senhora.

Leontina relatou, com certa comoção, a cena decorrida em casa do irmão e o tormento da infeliz Gisela. Foi escutada com toda a atenção pelo Sr. Tocambel, que, no final, lhe lançou um olhar sorridente e, tomando-lhe as mãos, disse:

- Pobre mãe! Tão incomodada por nada!

LEONTINA - Por nada? Chama então o senhor nada a terem arrastado a minha filha por toda a casa, a ameaçarem-na com a chibata, a amarrarem-na como a um malfeitor, a torturarem-na assim durante uma hora? Nada disso conta? Se exceptuarmos a morte, não vejo que mais lhe podiam fazer.

TOCAMBEL - Tudo isso é falso, posso garanti-lo. A senhora conhece o Pedro tão bem ou melhor do que eu. Sabe, pois, que ele é bom e imparcial, que a estima, sendo incapaz de qualquer acção menos justa e cruel.

LEONTINA (indignada) - O senhor então não acredita na minha filha?

TOCAMBEL - Não acredito em nada do que ela diz; primeiro, porque está irritadíssima contra os tios que, muito provavelmente, a impediram de fazer qualquer disparate. E depois, porque ela nem sempre diz as coisas tal qual se passam, antes de condenar o seu irmão, espere a versão dele sobre os factos.

LEONTINA (com vivacidade) - E acha que Pedro ousará negar as suas atitudes para com Gisela.

TOCAMBEL - Penso que dirá sempre a verdade, o que não deixa de ser perigoso com a senhora. Olhe, estou convencido de que, neste momento, a senhora me detesta e me desejaria ver a cem léguas de distância.

LEONTINA (soluçando) - Eu tinha-o por amigo, mas vejo que não o é. Pela sua influência na família, contava consigo para defender a pobre Gisela, e, afinal, o senhor esmaga-a com o seu desdém e juízos temerários. Pobre criança! Pobre anjinho caluniado.

A mãe chorava deveras, mas o Sr. Tocambel ficou impassível: de vez em quando cheirava uma pitada, aguardando que a crise terminasse.

Falou-lhe então, suave mas seriamente, da excessiva brandura dela para com a filha, do mal que lhe ocasionava e do triste futuro que lhe preparava. E conseguiu obter o seu consentimento para uma explicação com o mano Pedro.

TOCAMBEL - Quer ir lá comigo? Não tenho dúvida em consagrar-lhe o resto do dia, se for preciso.

LEONTINA - Seria melhor temporizar; estou agora muito nervosa. Que devo dizer à Gisela?

Contrariamente ao que o senhor pensa, eu não creio que houvesse falsidade, vingança, maldade no seu procedimento desta manhã.

TOCAMBEL - Minha senhora, de alguma coisa vale a minha longa experiência; a Gisela tem de ser repreendida, castigada e tratada com severidade, até a senhora conseguir torná-la meiga, boa e sincera. Quanto ao Pedro, se a senhora não quer ir, vou eu lá sozinho e transmitir-lhe-ei as explicações que ele der.

LEONTINA - Obrigada, muito e muito obrigada. Veja se consegue trazer consigo o Pedro. Tenho necessidade de o ver.

A severidade de Leontina

Uma hora depois da saída do Sr. Tocambel, chegou Pedro. Dirigindo-se para a irmã, que se pôs de pé, abriu-lhe os braços, beijando-a repetidas vezes.

PEDRO - Pobre irmãzinha! Como pareces triste e desolada! Tu, na verdade, acreditaste que eu tivesse torturado a tua filha?

LEONTINA - Pedrinho, meu bom Pedro! Perdoa-me! Sim, acreditei que tivesses sido mau, cruel, para a infeliz Gisela! Julguei...

Os soluços abafaram-lhe a palavra; estreitou irmão de encontro ao coração, e chorou, com a cabeça apoiada no ombro dele.

- Se soubesses como me é difícil e doloroso julgar a Gisela mentirosa, maliciosa e falsa! Quero tanto a esta criança, a única que Deus me deu...

PEDRO - Bem compreendo, querida Leontina mas, no próprio interesse de Gisela, tens de saber que se passou esta manhã; farás depois o que entenderes. Sentemo-nos e presta atenção.

Pedro contou rigorosamente o que houvera com Gisela. Leontina chorou amargamente, e, apenas ele acabou de contar os factos, foi efusivamente abraçá-lo dizendo:

- Mano Pedro, vais prestar-me um grande serviço trazendo-me aqui a Gisela e ficando ao pé de mim, para me incutires a coragem de que preciso e que peço a Deus.

Pedro apertou-lhe as mãos e foi buscar Gisela.

PEDRO - A mãe chama-te, Gisela; vem à sala de visitas.

GISELA - Com o tio é que eu não vou.

PEDRO - Pois é mesmo comigo que tens de ir, Assim o quer a tua mãe.

GISELA (maliciosa) - Qué-lo a mamã... Qué-lo se eu quiser.

PEDRO - Enganas-te, menina. Repito: é a tua mãe que o quer, ouviste?

O tom firme de Pedro levou Gisela a obedecer às boas. Não desejando que a mãe a julgasse capaz de resistência aberta à vontade do tio, ergueu-se e acompanhou-o.

Ao ver a mãe, Gisela teve medo. O meigo e afectuoso sorriso cedera a vez a uma expressão fria e severa. Parou no meio da sala.

- Aproxima-te, Gisela. Pedro, vem sentar-te a meu lado.

Leontina mostrou-se um instante recolhida, de rosto encoberto pelas mãos, que tremiam sensivelmente.

- Gisela - disse então em voz repassada, de tristeza e de brandura -, tu mentiste-me; acabo de saber tudo pelo teu tio, que teve muitíssima razão; o teu procedimento foi péssimo e isso é o que me aflige. Perdeste a minha confiança; não posso, de futuro, acreditar nas tuas palavras; já sei o descaramento com que mentes. O meu excesso de indulgência vai ser substituído pela severidade. Recolhe ao quarto e deixa-te lá ficar com a criada; terás de jantar sozinha; não te quero tornar a ver até amanhã.

GISELA - Mamã, querida mamãzinha, eu quero-lhe tanto! Perdoe-me, pois eu não sabia o que dizia ao voltar da casa do tio; prometo não tornar a fazer outra maldade. Acredite, querida mamã, e deixe-me ficar consigo.

Dizendo isto, pôs-se de joelhos e beijava as mãos da mãe, que se via fraquejar e enternecer-se.

Leontina, irresoluta, olhou para Pedro, que lhe apertou a mão, dizendo em voz baixa:

- Ânimo, não cedas.

Leontina suspirou e, retirando a mão que Gisela estava a beijar, disse-lhe com frieza:

- Retira-te, Gisela, não posso acreditar-te; obedece. Quando te vir emendada, tornarei a dar-te minha confiança e ternura. Querido Pedro, leva-a daqui e volta a falar-me.

Pedro não se fez rogado e levou à força Gisela, que resistia, agarrando-se ao vestido da mãe. Não ousou, contudo, oferecer um espectáculo de violência e deixou-se conduzir.

- Foi o tio - disse, quando a porta se fechou sobre ela -, foi o tio, já vejo, que aconselhou a mamã. Ela não me trataria assim, se não fosse instigada.

PEDRO - É verdade, Gisela; a tua mãe escutou os meus conselhos e os do nosso velho amigo Sr. Tocambel, e, o que é bem mais, está disposta a segui-los, de futuro; aconselho-te, portanto, a mudares de conduta e de sentimentos, se não quiseses ver diminuir, dia a dia, a

ternura dela para contigo.

Gisela ficou silenciosa, decidida a vencer a mãe por carícias e a firmar a protecção do pai.

Pedro veio ter com a irmã, que encontrou desolada e inquieta. Acalmou-a quanto a Gisela, aprovou-lhe o procedimento, animou-a a resistir e saiu quando o Sr. Gerville entrava.

Os ramalhetes

Na manhã do dia que se seguiu a este tão agitado, Jorge acordou muito cedo.

Saltou da cama e começou a vestir-se com a ajuda da tia Lourença, enquanto a tia Branca se ocupava de Isabelinha.

Quando ficaram prontos, as tias foram buscar os ramalhetes.

JORGE - Ai que lindos! Que lindinhos! Que feliz que a mamã vai ficar! Muito obrigado, querida tia. Que bem feitos que estão! Até parecem mais lindos hoje do que ontem.

LOURENÇA - É porque lhes misturei mais algumas flores.

De facto, Lourença metera nos ramos das crianças as camélias de que Noémia tanto gostara na véspera e as guardara, mas que agora já não corriam perigo, visto os meninos só lhes deverem pegar na ocasião de as entregarem à mamã. O cortejo pôs-se em andamento, dando-se os meninos as mãos, seguidos pelas tias. A mamã recebeu-os com muitos beijos e abraços, bem como às queridas manas.

Após haver examinado e admirado os ramalhetes, Noémia disse aos filhos que os ia pôr nas jarras que lhe oferecera o papá.

JORGE - Eu vou enchê-las de água, mamã.

ISABEL - Também eu quero deitar água.

NOÉMIA - Não, queridinhos, que me quebram as jarras e entornam a água. Tirem só o papel que envolve os ramos e dêem-mos depois.

Lourença e Branca ajudaram Noémia a pôr os ramos nas jarras; as crianças não largavam a mesa, literalmente encantados.

JORGE - Mamã, porque não nos deixa deitar a água? É sempre a Gisela quem deita a água nas jarras da sua mamã.

NOÉMIA - É que a Gisela é mais velha do que tu; isso em primeiro lugar. Depois, ela não é obediente, pois deita a água sem licença da mãe; ora, eu não quero os meus filhos desobedientes.

JORGE - Mas, se a mamã consentir, não há desobediência. Posso saber a razão da recusa?

NOÉMIA - Porque és pequenino e não tens força para deitar água de um jarro pesado, sem a entornar e a água entornada molha e estraga os móveis.

JORGE - Ah! mas é que eu sou forte.

NOÉMIA - Isso é outro caso. Já que és assim forte, pega no jarro e deita água no copo, que está sobre a mesa. Encantado, Jorge correu para o jarro, que estava cheio: pegou nele, entornou na blusa e levou-o, seguidamente, à mãe, sem mais percalços.

JORGE - Pronto, mamã, tome lá.

NOÉMIA- Ah! isso não, meu filho; já que és tão valente, quero que sejas tu a deitá-la no copo.

Jorge preferia não ser ele a deitá-la; já percebera que era de mais para as suas forças e receava entornar outra vez. Mas não querendo dar parte de fraco, ergueu o jarro, com ambas as mãos. Não obstante todas as precauções, inclinou o jarro mais do que desejava, e transbordando o copo a mesa ficou inundada, correndo a água por todos os lados e ensopando o lindo fato de Jorge. A mãe olhou para ele.

- Então, que te dizia eu? Não tinha razão para afirmar que te faltava a força para isso?

O Jorginho corou, envergonhado. A mãe tomou-lhe o jarro das mãos, e, com a ajuda da Lourença e da Branca, enxugou com uma esponja o que se molhara. A Isabelinha, julgando ajudar, lavou a sua cadeirinha de veludo azul, enxugando-a depois com o lencinho de cassa.

BRANCA - Ah! meu Deus, Isabelinha! Tu que fizeste? Tens a cadeirinha ensopada em água.

ISABEL - Agora está limpinha; veja, querida tia, como estava suja! Tenho o lenço e as mãos azulados.

LOURENÇA - Ó Isabel, que disparate! O teu lindo vestido branco todo cheio de manchas azuis!

ISABEL - Não tem importância. Que mal há nisso?

NOÉMIA - Não tem importância o quê? Vais já mudar de vestido e lavar as mãos. E tu, Jorge, vais tirar tudo, pois estás como um pinto. Eis no que deu julgares-te um valentão.

LOURENÇA - E não acreditares na mamã.

Os culpados retiraram-se sem dizer palavra, ainda foram mal acolhidos pela criada que, por motivo da festa da mamã, lhes vestira o que ambos tinham de melhor.

Só depois de lavados e novamente vestidos, é que a tia Lourença os foi buscar para almoçarem com a mãe.

LOURENÇA - Como é o dia dos anos da mamã, vamos todos tomar chocolate. Também lá temos o papá à nossa espera.

JORGE - O papá vai-nos ralhar?

LOURENÇA - Oh! isso não; a mamã já lhe contou o sucedido. O papá não está zangado.

JORGE - E que foi que o papá disse?

LOURENÇA - Disse que era bem feito, julgares poder fazer o que fazem as pessoas crescidas; que não se devia dar-te ouvidos.

ISABEL - E a meu respeito, que disse ele?

LOURENÇA - Que eras uma tolinha de três anos, motivo

por que não te ralhava.

Lourença beijou-os e levou-os, muito satisfeitos. Só a criada ficou mal-humorada por se terem estragado os lindos fatinhos.

Ao entrarem na sala, o Jorge olhou, receoso, para o pai. Vendo-o assim intimidado, a Isabelinha fingiu de medrosa também, deixando-se ficar de olhos no chão ao lado de Jorge.

PEDRO (sorridente) - Ora, vamos, meus meninos, não tremam assim. Já sei que fizeram uns disparates, mas sem maldade. Cheguem-se, quero beijá-los, e vamos ao chocolate, que está a arrefecer.

A alegria voltou como por encanto. Tendo abraçado e beijado a todos, luziram-lhes os olhos como rubis ao verem as chávenas a transbordar de chocolate.

Enquanto durou o almoço, reinou profundo silêncio. Um suspiro de satisfação anunciou aos pais que os meninos se sentiam satisfeitos, o que nas crianças quer dizer fartos.

PEDRO - Vão agora correr para o jardim, meus filhinhos; mas juízo; tu, Isabel, não faças de lavadeira; e tu, Jorge, nada de basófias.

- Eu vou ser muito ajuizado, papá - disse Jorge, beijando-o.

O mesmo disse e fez a Isabelinha. E lá foram ambos a correr. Encostado ao parapeito da janela, o pai seguiu-os com a vista.

- São interessantes estas crianças: ambos muito bons. A Isabel é engraçada: imita o Jorge em tudo que ele diz e faz.

LOURENÇA - Oxalá que não venha a Gisela estragar-nos hoje a festa.

Leontina torna-se temível

Mal tinha acabado a frase, Gisela aparecia à porta, exclamando:

- Venho, querida tia, dar-lhe os parabéns pelo seu aniversário. - E dirigiu-se para ela com um lindíssimo ramo, que lhe ofereceu.

NOÉMIA - Obrigada, Gisela, pela visita e pelas flores que são, na verdade, soberbas.

GISELA - Escolheu-as o papá, a fim de substituir as flores que aqui estraguei ontem aos primos, do que me sinto bem arrependida, querida tia, e do que peço perdão, pedindo-o igualmente ao tio.

Gisela abraçou a tia e beijou a mão do tio.

GISELA - Foi ao tio que eu mais ofendi. Qual não seria a minha satisfação ouvindo-o dizer que me perdoa!

PEDRO - Perdoo-te de todo o coração, minha pobre Gisela; só desejo que o teu arrependimento seja sincero. Foi a mamã que te mandou vir, ou foste tu que vieste de

moto próprio?

A Gisela hesitou um instante, mas respondeu:

- Foi a mamã, meu tio; se mo não ordenasse não teria vindo.

NOÉMIA - E porquê, Gisela? Bem conheces a bondade do tio. Já te perdoou tantas vezes, e estima tanto a tua mãe!

GISELA - Pois sim, mas já não estima tanto o papá.

PEDRO - Como se te meteu isso na cabeça, Gisela? Na verdade, estou menos ligado a teu pai do que à tua mamã, que é minha mana; mas nem por isso deixo de o estimar a ele também. Olha, não achas que deves pedir desculpa à tia Lourença, também?

GISELA - Tanto não disse a mamã.

PEDRO - Mas deve dizer-to o coração, se é que o tens.

Gisela pareceu hesitar; contudo, chegou-se à tia Lourença e disse, com manifesta relutância:

- Perdoe-me, tia.

LOURENÇA - Estás perdoada, pobre menina; e oxalá Deus te ilumine, para te corrigires e ganhares, de novo, a nossa afeição.

GISELA - Tio, poderei ir brincar com o Jorge e a Isabel?

PEDRO - Pois vai, mas tem juizinho; lembra-te de que és uns anos mais velha do que eles.

GISELA - Vou portar-me muito bem, tio.

A Gisela saiu e Pedro olhou para a mulher e para as irmãs, dizendo:

- Que vos parece o arrependimento de Gisela?

Noémia sorriu sem responder.

Branca pretendeu falar, mas conteve-se.

A Lourença abanou a cabeça, dizendo:

- Nem o creio sincero nem proveitoso; obedeceu a Leontina por entender que devia ceder. Parece que, desta vez, Leontina sempre se encheu de coragem e mantém a penitência.

PEDRO - Branca, tu não dizes nada?

BRANCA - Pois que hei-de eu dizer, Pedrinho?

Todos tendes, indubitavelmente, razão; mas querendo tanto à Leontina, custa-me censurá-la. Além de que a Gisela é tão falsa...

Jorge interrompeu Branca, abrindo a porta num repente.

JORGE - papá, venha depressa, por favor! A água escoase toda; não podemos fechar a torneira.

PEDRO - Que torneira? Como foi que a abriram?

JORGE - A torneira do jardim, papá; foi aberta pela Gisela, mas não a consegue fechar.

PEDRO - Então não está lá a criada?

JORGE - Estava, sim, papá; mas teve de ir com a Isabel mudar as meias, que se molharam todas.

PEDRO - Lá está a Gisela a fazer das suas!

LOURENÇA - Como sempre, para não variar.

Pedro saiu precipitadamente com o Jorginho, que ia correndo à frente. Chegados ao local da torneira, mandada colocar pelo Sr. Néri num depósito de água a fim de regar as flores, já o caminho estava inundado. A Gisela esforçava-se por dar a volta à torneira. abria-a a custo, mas a força da água impedia-lhe de a fechar.

Não foi sem dificuldade que o Sr. Néri o conseguiu.

SR. NÉRI - Para que foi que abriste a torneira, Gisela? Bem sabes que eu o tinha proibido.

GISELA - Não fui eu, tio, foi o Jorge.

JORGE - Não é verdade; tu é que quiseste.

GISELA - Para te ajudar, visto que o querias.

JORGE - Não estás a falar verdade. Eu disse-te que o papá proibira de se mexer na torneira, e tu respondeste que não fazia mal, nem isso vinha a saber-se.

GISELA - Que mentiroso! O que tu queres é que o tio me ralhe.

JORGE - Mentiroso é que não sou, minha mázona! Papá, quem mente é a Gisela e não eu.

SR. NÉRI - Gisela, fizeste uma tolice; em vez de o confessar, dizes uma mentira e cometes uma maldade; não te quero aqui, vai-te embora.

Gisela fez-se vermelha; os olhos luziam de cólera; esteve vai-não-vai para responder desabridamente, mas não se atreveu. Retirou-se sem uma palavra, indo ter com a criada.

CRIADA - Então já quer partir, menina Gisela? Supunha que se demorava mais.

GISELA (em tom seco) - Prefiro ir ter com a mamã, a ficar aqui.

CRIADA - Então vamos lá. Já vejo que fez alguma.

GISELA - Não fiz tal, e peço-te que não inventes histórias que me provoquem ralhos.

CRIADA - Ora, menina, eu não invento nada, nem sei porque se minta.

Chegando a casa, a Gisela foi ter com a mãe.

-Mamãzinha -disse ela, beijando-a muitas vezes -, seguindo as ordens da mamã, pedi perdão ao tio e às tias; mas tenho razões para crer que não me perdoaram.

LEONTINA - Que te leva a pensar dessa maneira, amorzinho? O tio foi tão bom para contigo ontem mesmo. . .

GISELA (contristada) - Sim, é bom, na verdade, em presença da mamã, que não deseja magoar; mas estando eu só, fala-me e olha para mim de um modo tão severo, que mete medo. Todos lá me tratam com aspereza, o que muito me entristece. Ainda há pouco, estava eu a ajudar o Jorge a abrir uma torneira para lhe encher o regadorzinho, aproximando-se muito, a Isabel molhou-se toda. Pois ao tio meteu-se na cabeça que fora eu que, por maldade, a encharcara. Por castigo mandou-me retirar. Eles é que

mentem, mas lançam sobre mim as culpas.

LEONTINA - Minha querida, é que o tio ainda não acredita que estejas emendada; mas descansa que eu lhe falarei; não fiques triste.

A Gisela fingiu chorar.

LEONTINA - Não chores, queridinha, suplico-te.

GISELA (soluçando) - O tio não acredita e vai dizer-lhe que me portei mal. A mamã dá-lhe ouvidos e vem ralhar comigo. Sinto-me tão infeliz quando a mamã me ralha! Gosto tanto da minha querida mamãzinha!

Gisela soluçava, a valer. A mãe estava desolada; abraçava-a, estreitava-a de encontro ao seio, chamava-lhe o seu anjinho, o seu querido amor, e prometeu finalmente acreditar nela e não dar ouvidos aos tios, prometendo ainda voltar a estimá-la como dantes. Foi o que ela quis ouvir; tal promessa teve o efeito de suspender o pretense desespero e as fingidas lágrimas da Gisela. Abraçou a mãe e pediu-lhe uma recompensa por lhe ter obedecido no pedido de perdão aos tios.

LEONTINA - Que recompensa te hei-de eu dar, amorzinho?

GISELA - Queria que a mamã desse um baile para meu divertimento.

LEONTINA - Um baile! Mas, ó amorzinho, ainda és tão nova para ir a bailes!

GISELA - Sou agora! A tia Monclair disse, há tempos, que, aos doze anos, já ia aos bailes, e que era muito admirada.

LEONTINA - Antes de mais nada, doze anos não são dez, que é quantos tu tens. E depois, a intenção da tua tia era fazer ver que fora mal educada, não admirando nada que fosse ignorante, pois não tivera oportunidade de estudar.

GISELA - Mas eu já sei muito; além de que não lhe peço um baile todos os dias - apenas uma vez, querida mamã. Que boa que a mamã era! Como eu lhe queria!

LEONTINA - Ninha pobre filha, como queres tu que eu dê um baile? Que diria o papá? E porque havia eu de dar um baile?

GISELA - Para me dar prazer, mamãzinha. Pois a mamã não quer ser agradável à sua infeliz Gisela? Pelo papá respondo eu: convencê-lo-ei à força de meiguices. Então, mamãzinha, posso convidar as minhas amigas, sim ou não?

LEONTINA - Ainda não, minha querida, ainda não; deixa-me pensar e falar a... a... a pessoas amigas.

GISELA - Pessoas amigas? Isto é, ao tio Pedro e ao velho Tocambel de relva na cabeça -disse Gisela, afastando-se da mãe e franzindo as sobrancelhas. - Se lhes falar em tal, eles aconselhá-la-ão a não consentir, só para me contrariarem.

LEONTINA - Não penses nisso, minha querida. eles estimam-te deveras e...

GISELA (irritada e batendo o pé) - Pois eu afirmo que

não: não me podem ver; bem o sinto, bem o sei. Se a mamã lhes falar nisso, deixarei de gostar da mamã; verá.

LEONTINA - Ah! Gisela, que pena me fazes, falando-me assim!

GISELA - Ora, ora! Se a penalizasse, a mamã atender-me-ia dando um baile para me ser agradável.

LEONTINA - Crê que não posso, filhinha; não me é possível.

Abriu-se a porta e apareceu o Sr. Gerville.

- Então, que há? - perguntou ele. - Porque está assim triste a querida filhinha? E tu, Leontina? Pareces zangada. Ralhavas à Gisela, não? - acrescentou em tom severo.

LEONTINA - Não, Vítor, não ralhava; dizia-lhe apenas que... que...

GISELA (atirando-se aos braços do pai) - É verdade, papá, meu papazinho; a mamã ralha-me por eu ter vontade de dançar, por lhe pedir que dê um baile para me distrair.

- Um baile ! - replicou, surpreso, o Sr. Gerville.

LEONTINA - É verdade, meu amigo, ela pediu-me um baile! Como queres tu que se dê um baile? A quem e por que motivo? Que se diria? Era extremamente ridículo! Um baile no fim da Primavera quando já ninguém os dá!

SR. GERVILLE - Isso não queria dizer nada; não fora a Gisela tão nova...

LEONTINA - Foi precisamente o que lhe disse. Na idade dela pensa-se em estudar.

SR. GERVILLE - Verdade seja que não se pode estar sempre a estudar; é preciso distrair-se de vez em quando.

Gisela aperta-lhe a mão.

LEONTINA - Mas bem sabes, Vítor, que um baile fica dispendioso; que nos vemos atrapalhados por causa do terreno que compraste e mandaste ajardinar para recreio da Gisela.

SR. GERVILLE - Oh! lá por isso... nem tão caro fica um baile de crianças.

Gisela beija-lhe a mão.

LEONTINA - Mas, meu amigo, que diriam dessa loucura, pois que é deveras loucura, a minha família e as amigas?

SR. GERVILLE - Homessa! Digam o que lhes aprouver! Passo bem sem a aprovação deles! Será preciso pedir-lhes licença? Não teremos o direito de fazer o que bem nos parecer?

Gisela atira-se-lhe ao pescoço e abraça-o com ternura, exclamando:

- Quem me estima deveras é o meu bom, o meu estremecido papá; por isso mesmo é que lhe quero do fundo do coração!

LEONTINA (entristecida) - E a mim, Gisela, não queres tanto como ao papá?

Sempre agarrada ao pescoço do pai, Gisela lançou à mãe

um olhar frio e seco e, estreitando de novo o pai, repetiu:
- Quero muito e muito ao meu papazinho.

E deixou-se ficar de cabeça apoiada no ombro dele, amimando-o de vez em quando com um beijo ou uma carícia.

LEONTINA - Peço-te, Vítor, que nada prometas à Gisela antes de eu ter consultado certas pessoas amigas.

SR. GERVILLE - Quem desejas consultar?

LEONTINA - Primeiro que tudo falarei com o mano Pedro...

GISELA (em voz baixa, ao pai) - Ó papá! Esse tio que me detesta!

SR. GERVILLE - Não me interessa a opinião do teu irmão.

LEONTINA - Consultarei também o nosso velho amigo Tocambel.

GISELA (em voz baixa, ao pai) - Esse ainda é pior que o tio!

SR. GERVILLE - Esse velho tonto! E quem mais?

LEONTINA - A tia Monclair.

SR. GERVILLE (rindo) - Ora aí está um grupo selecto! Um irascível, um maluco e uma doida. Ah! ah! ah!

A Gisela riu também, com gosto e affectação. Ah! ah! ah!

LEONTINA - Gisela, não é próprio de meninas bem educadas escarnecer do que eu digo. Farás o favor de te calar.

GISELA - O papá riu com gosto, e eu faço o que faz o meu estremecido papazinho. Foi tão engraçado o que a mamã disse ! Ah ! ah ! ah !

LEONTINA - Gisela, recolhe imediatamente ao quarto, e fica certa de que não terás o baile.

GISELA - Isso é que terei, se o papazinho resolver. Ele é tão bom e eu quero-lhe tanto!

LEONTINA - Vítor, não reconheces o mal da tua excessiva bondade para com esta criança? Bem tinham razão o mano Pedro e o velho amigo To cambel! Nós estragamo-la e perdemo-la. Rogo-te, Vítor, que a faças obedecer; manda-a retirar-se, imediatamente.

Após certa hesitação, o Sr. Gerville ergueu-se e quis pôr Gisela no chão, para a mandar embora; ela, porém, agarrou-se-lhe, abraçou-o, chorou e tanto pediu, que ele voltou a sentar-se com ela nos joelhos.

LEONTINA - Não ouviste o que eu disse, Gisela? Sai e recolhe ao teu quarto.

GISELA - Papazinho; acuda-me!

Leontina ergueu-se, disse qualquer coisa em voz baixa ao marido, agarrou em Gisela, que já começava a assustar-se com a firmeza da mãe, afastou-a do pai e levou-a para o quarto da criada, a quem recomendou:

- Tome cuidado com esta menina má... - e acrescentou em voz baixa: - e faça-a estudar... se puder.

Voltando para junto do marido, que estava triste e pensativo, Leontina sentou-se ao lado dele, dizendo:

- Vítor, tu fraquejaste, como eu; mas a mim valeu-me a lembrança do mano Pedro e do nosso dedicado amigo Tocambel, com os seus judiciosos conselhos. Querido Vítor, a Gisela perde-se pelo nosso excessivo amor e brandura; estamos a preparar a infelicidade dela e a nossa. Ó Vítor, peço-te que me atendas e ajudes a manter a coragem em vez de a enfraqueceres; auxilia-me quando eu afrouxar, resiste às vontadinhas da Gisela e escutemos ambos os conselhos sensatos dos nossos melhores amigos, que tanto se interessam pela nossa filha.

Vítor estreitou a mulher contra o peito, dizendo:

- Prometo fazer o que pedes, minha querida. Onde está ela, a pobre pequena? Está desolada, pela certa.

LEONTINA - Não, está calma; percebeu que devia ceder. Deixemo-la almoçar no quarto...

VÍTOR - Sem nós? Pobre criança! Como te vais tornando severa, Leontina!

LEONTINA - Querido amigo, ela ofendeu-me gravemente, faltando-me ao respeito. Foi isso o que me deu ânimo contra ela e contra ti... - acrescentou, sorrindo.

O criado veio dizer que o almoço estava na mesa. Almoçaram sem a Gisela.

Gisela é sempre um amor de criança

De tarde, enquanto a Gisela passeava com a criada nos Campos Elíseos e aborrecia as crianças com quem brincava e as criadas que as acompanhavam, Leontina foi abraçar o mano Pedro, as irmãs e Noémia, não deixando de lhes contar o seu acto de coragem dessa manhã, e a semifraqueza que precedera esta força extraordinária.

OPedro e as irmãs deram-lhe sinceros parabéns.

- O que é bastante singular - disse Pedro - é que, enquanto tu recusavas esse baile solicitado por

Gisela, nós combinávamos um divertimento no jardim para as crianças, para os restantes membros da família e para as pessoas das nossas relações que ainda estão em Paris. Virá Guinhol com o seu Polichinelo, havendo depois lotaria; dançar-se-á, pular-se-á à vontade, e lancharemos, ou melhor, jantaremos às seis horas, devendo estar tudo concluído às oito. Já vês, mana Leontina, que te é recompensada a coragem, pois que, sem haveres cedido ao capricho da Gisela, lhe proporcionarás o prazer que te solicitou, trazendo-a à nossa festa.

LEONTINA - Como te agradeço, querido mano, a alegria que me dás, e quão proveitosa não deve ser a lição para Gisela!

PEDRO - Para ser mais completa, rogo-te que não lhe fales nisso, já. E até quando ela tiver conhecimento do nosso divertimento, não deixes de te fazer rogada antes de

consentires em a trazer cá, em vista do procedimento impertinente dela para contigo.

LEONTINA - Ou melhor ainda, só no último dia cederei aos seus pedidos.

NOÉMIA - E aos nossos, meus e de minhas irmãs, de a fazer mudar de ideias sobre os sentimentos que nos animam a seu respeito.

LEONTINA - Muito obrigada, Noémia, e muito obrigada a todos, pois sei que tenho em vós amigos verdadeiros.

Ao chegar a casa, Leontina foi dar com a Gisela a um canto, amuada, tendo-se negado a fazer o trabalho que a criada lhe dera.

LEONTINA - Gisela, reflectiste, minha filha, no teu procedimento para comigo?

GISELA - Nada, não tive tempo.

LEONTINA - Pouco tempo basta para se compreender que se faz mal, que se é incorrecta, e para nos arrependermos.

GISELA - Eu não fiz mal nenhum. Parece-me que não é mal ser amiga do papá e dizer-lho.

LEONTINA - Bem pelo contrário, minha filha, é até louvável.

GISELA - Porque me ralha então?

LEONTINA - Isto não é ralhar, minha filha, é falar. O que é grave é tu mostrares que não gostas de mim, que só estimas o papá, escarneceres do que eu digo, e seres impertinente para comigo. Ora aí tens o que é mal.

GISELA - A mamã recusa o que me distrai; e quando o papá mo vai dar, a mamã impede-o. Acha isso agradável?

LEONTINA - Não, agradável não é; mas também não é razão para seres impertinente para comigo, que te quero tanto, andando à cata das ocasiões de to provar.

GISELA - Sim, sim! De uma linda forma; ralhando-me e castigando-me.

LEONTINA - Minha pobre Gisela, ainda estás mal-humorada. Não sabes o que dizes.

GISELA - Se não hei-de estar mal-humorada! A criada não fez senão ralhar-me durante o passeio!

Encantada por poder dar uma satisfação à Gisela, Leontina dirigiu-se à criada.

- Porque foi que ralhaste com a menina? Não tinha ela sido bem castigada para a deixares em paz durante o passeio?

CRIADA - Deus sabe, minha senhora, se eu podia proceder de outra maneira; ela divertia-se a correr atrás das bolas dos rapazes e a atirá-las para os quintais murados, onde a senhora sabe que é proibi do entrar; de maneira que só se ouviam gritos e choro das crianças por todos os lados; as criadas, enfurecidas, caíam sobre mim. Podia eu deixá-la continuar as travessuras? Já tinham mandado chamar os guardas; que escândalo não seria ver a menina Gisela conduzida à esquadra pelos polícias!

LEONTINA - Podias levá-la para mais longe.

CRIADA - Foi o que eu fiz, minha senhora, mau grado as injúrias e resistência dela. Contudo, foi o mesmo. continuou as travessuras: lembrou-se de tirar e atirar para longe os chapéus das crianças mais afastadas das criadas; estas corriam atrás das crianças, que tinham de andar a apanhar os chapéus, que a menina Gisela voltava a arrancar para os lançar a maior distância. A senhora pode fazer ideia da desordem, dos gritos e das censuras que eu tinha de suportar. Vi-me obrigada a repreender a menina Gisela e levá-la para mais longe ainda. Chegada aos fontenários, de que se havia ela de lembrar? De encher de água a mão e atirá-la aos transeuntes; mas nem todos fechavam os olhos à travessura: um cavalheiro a quem atirara água à cara pela segunda vez, abespinhou-se todo, agarrou-se-lhe às orelhas e puxou-as de tal forma, que tive medo que lhas arrancasse. A menina gritou durante um bom quarto de hora. Formou-se um ajuntamento à volta de nós, o que me levou a encurtar o passeio e a trazê-la para casa.

LEONTINA - Ó Gisela, então foi bonito o que fizeste, diz lá? Como vês, são perigosas certas brincadeiras. Pessoas há que não estão para graças, zangando-se por nada.

GISELA - Isso é verdade. Para outra vez só pregarei partidas às crianças novinhas; ao menos, essas não se defendem. As criadas estão entretidas na conversa, sem olhar por elas.

LEONTINA - Não te divirtas a pregar partidas, minha filha: os meninos queixar-se-iam às criadas, às mães, e ninguém mais brincaria contigo. Ora vem trabalhar para o meu quarto: ainda não fizeste nada hoje!

GISELA (bocejando) - É tão aborrecido trabalhar! E então esta mulherzinha que me vem dar lição é tão maçadora, tão estúpida! Está sempre a ralhar...

LEONTINA - Porque tu não fazes lá grande coisa, minha filha: a tua professora receia ser acusada de incompetente, se tu não trabalhares e não mostrares progressos.

GISELA - Que se importa ela com isso?

LEONTINA - Então não se havia de importar? Se os alunos não aproveitarem, os pais retiram-lhos, e ela deixa de ganhar.

GISELA - Ah! isso prejudica- a! Já sei como proceder quando for maçadora; não farei nada de jeito; ela enfurece-se e o caso diverte-me.

LEONTINA - Seria muito triste, por haver maldade da tua parte. Não farás tal, tenho a certeza.

GISELA - A mamã verá se o farei ou não.

LEONTINA - Ora vamos lá, Gisela, que a senhora Tomme já deve ter chegado.

Dizendo isto, saiu com a Gisela, que ia de má vontade. A professora já estava à espera da aluna, com tudo pronto para dar começo à lição.

A lição da Sr.a Tomme

Mal Gisela se entregara ao trabalho, chegavam de visita a Leontina o Sr. Tocambel e a Sr.a Monclair.

SR.a MONCLAIR - Bom dia, Leontina. Bom dia, minha pequena; estás a estudar? Não desejo incomodar. Sr.a Tomme, rogo-lhe a fineza de continuar como se eu aqui não estivesse. E o senhor, papá Toc, tenha a bondade de ir cavaquear com a Leontina; não tardarei a ir ter convosco.

LEONTINA - Mas, tiazinha, receio...

SR.A MONCLAIR - Quê? De que tens receio? Não é, por certo, da minha grande sabença; a Gisela está na convicção de que eu sou uma autêntica ignorante. Ora vai, vai, andorinha, e deixa-nos trabalhar. Principie, Sr.a Tomme, não lhe dê ouvidos. E vós ide também.

Tocambel e Leontina saíram, e a professora começou a lição.

-Menina Gisela, vamos a uma repetição do que estudámos na semana passada. Entremos na História da França, e depois, na História Sagrada. Como se chamava o primeiro rei da França?

GISELA - Não é difícil; chamava-se Faraó.

SR A MONCLAIR - O quê? Faraó? Certamente queres dizer Pharamond.

GISELA - Não, tia; a senhora Tomme ensinou-me que era Faraó.

PROFESSORA - Gisela! A menina sabe muito bem que é Pharamond. Diga então quem era Faraó.

GISELA - Faraó era rei da França e Navarra; verdade seja que houve outro Faraó, que pescava peixinhos vermelhos num grande lago, em que se afogou, debruçando-se da janela.

PROFESSORA (indignada) - Ó menina Gisela! Na presença da sua tia!

GISELA (fazendo de ingénua) - Repito o que a senhora me ensinou! Pois então? Se não sei outra coisa. . .

SR.A MONCLAIR - Ah! ah! ah! Muito bonito! Já vejo que, em questão de ignorância, ainda és mais forte do que eu. Deixemos a França, Sr.a Tomme, e vamos à História Sagrada.

PROFESSORA (muito mortificada) - Não percebo o que se deu com a Gisela; sabia tudo na ponta da língua, até Carlos IX...

GISELA - Ah! sim! Que bem que eu sei isso! O Carlos que passou a trincheira do avô, quando foi para Inglaterra. Estava lá o Sr. Tocambel e penso que a tia também lá estava, pois não é verdade?

Sr.a MONCLAIR (rindo) - Ah! ah! ah! Vamos a Adão e Eva, filhinha. Eu é que vou interrogar-te. Que nome tinha o filho de Abraão?

GISELA (reflectindo) - O filho de Abraão !. . ah! já

sei. Chamava-se Noé.

SR.a MONCLAIR (rindo cada vez mais) - Cada vez melhor. E Isaac, quem era?

GISELA - Isaac? Era um judeu velho, cuja ocupação era comprar e vender tudo o que lhe aparecia.

SR.a MONCLAIR - Bravíssimo! Não se incomode, Sr.a Tomme. Isto corre admiravelmente. Que sucedeu a José, filho de Jacob?

GISELA - José? Mataram-no os judeus, cuido eu, por ter oferecido um túmulo para sepultar Nosso Senhor Jesus Cristo.

SR.a MONCLAIR - Bem, bem, minha filha, muito bem. És forte em História Sagrada. A Sr.ª Tomme tem uma aluna que a honra sobremaneira. Se tiver muitas desta força, cria fama no mundo ilustrado. Ah! ah! ah! Muito bonito! Muito divertido!

Deixando Gisela, a Sr.a Monclair entrou na sala a rir a bandeiras despregadas, em frisante contraste com a boa Sr.a Tomme que, muito consternada, se pôs a chorar diante de Gisela, que estava radiante por haver pregado uma partidita à desditosa preceptora, cujas lições a aborreciam.

TOCAMEL - Qual o motivo desse riso, baronesa? Há-de, por força, ter muita graça.

SR.a MONCLAIR - Ah! ah! ah! Não querem saber? Ah! ah! ah! Que pena não terem assistido! Uma sabatina, como o bom do Sr. Toc nunca ouviu na sua vida.

LEONTINA - Então a Gisela não se saiu bem?

SR.a MONCLAIR - Perfeita, admiravelmente!

Faraó - Primeiro rei de França! Carlos IX, que há trinta e seis anos passou a barreira do seu país! Abraão, pai de Noé! Isaac, velho judeu, ferro-velho. José, que deu um túmulo para sepultar Nosso Senhor! Ah! ah! ah! Nunca ouvira coisa semelhante! Meu Deus! Que instrução! Que aluna!

LEONTINA - Por favor, tiazinha, não diga mais, nada conte do que ouviu a Gisela; prejudicaria a pequena, mas não prejudicaria menos a professora.

SR.a MONCLAIR - Pobre Sr.a Tomme! Estava envergonhada por causa dela. Se ensinasse melhor a Gisela... Ah! ah! ah! Uma menina de dez anos que se sai com aquelas respostas... Mas fica descansada, que nada direi. Não quero fazer perder a carreira à professora que, pelos vistos, tem um método excelente! Não serei eu que a recomende!

TOCAMEL - Baronesa, quer esperar um bocadinho? Preciso de aclarar este mistério. A pobre

Tomme, como a baronesa lhe chama, é muito instruída, estou disso absolutamente certo. Há-de haver, por força, qualquer história...

O Sr. Tocamel entrou na sala de aula e fechou

a porta. A Sr.ª Monclair chegou o ouvido à fechadura à espera de novos pretextos para maior risota, enquanto Leontina se deixava ficar sentada, triste e pensativa; demais adivinhava ela a causa da alegria da tia e da pretensa ignorância de sua filha, e esse pensamento muito a abatia e magoava.

Dizia para si mesma. - A Gisela será realmente má, ou não se tratará antes de uma criança, de uma brincadeira, cujas funestas consequências para a infeliz Tomme ela não podia prever?

Mas a Sr.ª Monclair já não ria; continuava a escutar e, por fim, deixando o seu posto, foi sentar-se ao lado da sobrinha, sem vestígios da alegria anterior.

- Leontina - disse ela, gravemente -, vai-te preparando para ralar a Gisela; fica sabendo que deu respostas asnáticas só para prejudicar a professora, cujas lições a aborrecem. A infeliz Tomme está a chorar, ela a rir e o bom do Toc a ralar. Não fraquejes; toma coragem e não a poupes. É baixo o que fez a tua filha. Para crianças assim não deve haver compaixão.

LEONTINA (agitada) - Ó minha tia, a Gisela é tão novinha ainda! Por certo que não pensou no mal que podia causar à professora com semelhante brincadeira. As crianças - demais sabe a tia - gostam de rir e de provocar o riso. A intenção dela há-de ter sido a de se divertir!

SR.ª MONCLAIR - Leontina, cuidadinho! Não te deixes levar por excessiva indulgência! Ralha e castiga quando é preciso. Lá vêm eles. Sempre quero ver como procedes.

O Sr. Tocambel abriu a porta.

-Tenha a bondade de passar, Sr.ª Tomme. Queixe-se à Sr.ª Gerville.

PROFESSORA - Minha senhora, seja-me permitido explicar na presença da senhora sua tia o que se passou.

SR.ª MONCLAIR - Já não é preciso, minha senhora; compreendo agora, e a minha sobrinha também, que a Gisela fingiu propositadamente ser ignorante, respondendo mal a todas as perguntas, o que, indubitavelmente, é grande maldade. Receia agora a senhora professora que eu a culpe a si de ignorante ou desleixada, não é verdade?

PROFESSORA - Acho que sim; simplesmente, desejo acrescentar que peço para deixar de ser professora da menina Gisela; as lições não têm utilidade

para ela e são para mim motivo de grande desgosto.

SR.ª MONCLAIR - Tem toda a razão, professora; a Gisela nunca aprenderá coisa de jeito, e a senhora nada tem a lucrar com tal criança. Tens tu a palavra, Leontina. Olha, vê no espelho a linda figura que estás fazendo. Pálida e triste, como uma condenada à morte! Vamos, coragem! Aproxima-te, Gisela.

LEONTINA - Senhora professora, suplico-lhe que perdoe o gracejo de mau gosto da menina Gisela. Garanto-lhe que ela

não tornará a fazê-lo. Gisela, venha pedir desculpa à Sr.a Tomme, que tem sido boa para si. Prometa ser, para o futuro, bem comportada e aplicada ao estudo.

Gisela aproximou-se.

GI SELA (com fingida humildade) - Senhora professora, prometo-lhe ser de futuro bem comportada e aplicada ao estudo.

PROFESSORA - Isso é possível, menina Gisela, e bem fará em manter essa promessa à professora que me substituir, pois eu, repito, não ficarei no lugar.

SR.a MONCLAIR - Tem toda a razão, Sr.a Tomme; no seu lugar eu faria o mesmo. Mas deixe estar, minha senhora, que eu me encarregarei de lhe arranjar outros alunos.

A Sr.a Tomme agradeceu, despediu-se e saiu. Leontina convenceu-se de que andara mal em tentar diminuir na presença da filha a gravidade da falta. Disse-lhe então com severidade:

- Gisela, diante da Sr.a Tomme procurei desculpar-te, mas diante da tia e do nosso bom amigo devo dizer-te que estou muito desgostosa contigo; sei que respondeste torto diante da tia por pirraça à pobre professora, visto eu acabar de dizer que a tua ignorância a prejudicaria. Mereces um castigo rigoroso e tê-lo-ás. Devíamos jantar todos em casa do tio Pedro, para festejar os anos da tia Noémia; mas tu ficas em casa só com a criada. Recolhe ao teu quarto; mortificaste-me muito. Espero que, a sós contigo mesma, reflectas na tua maldade, e te arrependas.

Na presença da tia e do Sr. Tocambel, Gisela não se atreveu a oferecer resistência, compreendendo que a submissão era o único meio de atenuar, aos olhos deles, a falta cometida, e obedeceu prontamente à mãe.

Leontina ficou a chorar, na poltrona.

SR.a MONCLAIR (beijando-a) - Vamos, vamos, querida, nada de aflições; fizeste muito bem; começaste mal, mas acabaste bem. Não é verdade que a Leontina falou bem, meu amigo? - acrescentou a baronesa, dirigindo-se ao senhor Tocambel. Ora faça o favor de lho dizer; não fique para aí como uma estátua. Anime-a; faça como eu.

TOCAMBEL - Minha boa senhora, se me vê calado, é porque a senhora já disse tudo, e com perfeição. Custa-me ver a mágoa da Sr.a D. Leontina; mas sirva-lhe de consolação o ter falado muito bem e ter-se portado lindamente no interesse próprio e no de sua filha. Continuando assim, por força a corrigirá dos seus defeitos, e terá a felicidade de a ver ficar tão boa como é linda.

LEONTINA - Obrigada, Sr. Tocambel. As suas palavras tocaram-me no fundo do coração.

SR.a MONCLAIR - Ora vamos, querida. Vou retirar-me. Logo nos veremos no jantar do Pedro. Não apareças com cara de carpideira. Tio Toc, anime-a, ouviu? Se no-la trouxer triste e de olhos entumecidos, aí de si e da relva da sua

cabeça! E Leontina, sê sensata, minha amiga, e pensa que tua filha será um amor se o quiseses de verdade. Adeus.

A Sr.a Monclair foi-se embora e o Sr. Tocambel deixou-se ficar em conversa com Leontina, acabando por animá-la.

Reincidência de Gisela

- Venho saber notícias tuas, Leontina - disse Pedro, entrando em casa da irmã, na tarde do dia seguinte.

LEONTINA (abraçando-o) - Excelentes, querido mano. A Gisela está um encanto, obedecendo prontamente. Há muito que lhe não via um aspecto suave e feliz, como tem agora. Hoje sou feliz. Deus queira que a Gisela não perturbe esta paz que tão raramente usufruo !

PEDRO-Deus ouvir-te-á, querida Leontina, se puseres em prática o provérbio: Ajuda-te, que Deus te ajudará.

LEONTINA - Conto também contigo, meu bom Pedrinho. Reconheço-me tão fraca! Na luta contra a Gisela e meu marido preciso do teu apoio.

PEDRO - Precisas de lutar contra ti mesma, Leontina. Venho comunicar- te que resolvemos, eu e a Noémia, que o divertimento no jardim se realize daqui a oito dias; o tempo está óptimo, e a Gisela também não vai mal; não deixemos passar o ensejo de a firmar nos seus bons propósitos. A Noémia queria que fosses ajudá-la a embelezar a casa com flores, na encomenda dos doces, gelados, etc., para um jantar de cinquenta convidados; enfim, para todos os preparativos da diversão. Sabe que tens bom gosto e ideias felizes nesse género de ocupações.

LEONTINA - Queres que te acompanhe já?

PEDRO - Se pudesse ser, com muito gosto te raptaria, e ficarias lá até à hora de jantar.

LEONTINA - Pois bem; a Gisela já acabou de estudar as lições, e saiu com a criada, para ir ao jardim com o pai, que a espera nos Campos Elísios: creio que só voltarão à hora do jantar.

Abriu-se a porta, entrando a criada.

LEONTINA - Então, que há, Emilia? Não tinhas saído com a Gisela? Há perto de uma hora que te supunha a passear com a menina.

CRIADA - Venho procurar a senhora para obrigar a menina a vestir-se. Estamos a altercar desde que a senhora a deixou.

LEONTINA - A altercar, a que propósito?

CRIADA - É que a menina teima em vestir o vestido de seda azul e em pôr o chapéu de palha de arroz guarnecido a rosas. Por mais que lhe diga que é demasiado elegante para um simples passeio ao jardim, e lhe faça ver que se pode estragar e sujar, não há modo de convencê-la. Não me atende; zanga-se e chora. Como nada consigo, venho pedir a intervenção da senhora.

Leontina ficou consternada.

LEONTINA - Pedro, que me aconselhas que faça? Ai, Senhor! Como a ventura é de pouca dura!

PEDRO - Não desanimes. Pois meteu-se-te na cabeça que a Gisela podia corrigir-se num só dia, de hábitos inveterados de rebeldia e teimosia? É preciso tempo e firmeza. Não cedas, será ela a ceder. Vai ter com ela; fala-lhe com brandura, mas seriamente; ela compreenderá que a tua vontade é mais forte que a dela.

LEONTINA - Vem comigo, Pedro; a tua presença incutir-me-á coragem.

PEDRO - Com muito gosto, querida irmã. Não faças cerimónias; estou ao teu inteiro dispor.

Seguida de Pedro, Leontina entrou no quarto da Gisela, encontrando-a sentada no chão, em trajes menores, descalça, braços nus, cabelos desgrehados, olhos fuzilantes, rosto afogueado com todos os indícios de uma cólera prestes a explodir. Os dois colocaram-se diante dela.

- O meu tio! -exclamou-, sempre o meu tio!

LEONTINA - Sim, Gisela, o tio que vem dar-nos parte de uma festa a realizar na próxima quinta-feira; festa divertidíssima, com lotaria, um Guinhol, baile, etc. Mas duvido de lá poderes ir.

- Porquê, mamã? - perguntou Gisela, um tanto despeitada. Passara a cólera.

LEONTINA - Porque estás outra vez com as tuas maldades, não querendo obedecer à criada; teimas em pôr um vestido que te faria parecer uma tola e, com essa teimosia, fazes esperar o papá...

GISELA - Oh! o papá distrai-se a ver passar os carros; não se importa de esperar.

LEONTINA - É pouco amável o modo como acabas de referir-te ao papá. Venho dizer-te que, ou pões o vestido e o chapéu que trazes todos os dias, ou não assistirás à festa do tio; escolhe... e trata de sair depressa.

Gisela não disse palavra. Ergueu-se e foi envergar o vestido preparado pela criada. Leontina deixou-se ficar uns minutos a vê-la pentear, calçar e acabar de vestir-se. Quando ficou pronta, quis abraçá-la, mas Gisela voltou a cabeça, saindo sem olhar para ninguém.

Leontina estava imóvel, triste e pensativa. Pedro não se perturbou; mas ao ver uma lágrima a rolar-lhe no rosto, tomou-lhe as mãos e abraçou-a, dizendo:

- Resolveste muito bem o assunto, mana Leontina, muito habilmente; a festa foi a isca para se lhe acalmar a cólera e obedecer-te; falaste com firmeza, conseguindo um resultado rápido e inesperado.

LEONTINA - Achas, Pedro? Então não percebeste como ela me repeliu desabridamente quando a quis abraçar?

PEDRO - Bem vi e até esperava por isso. Dificilmente

agiria de outro modo, por se ver obrigada a ceder em toda a linha; nem mesmo esboçou um gesto de resistência; evidentemente que devia sofrer no seu orgulho e na sua natureza violenta. Mas que é isso? Nada, absolutamente. Não te incomodes. Só te digo que alcançaste uma vitória completa, podes acreditar-me. O que podes é preparar-te para um futuro sem nuvens, ao contrário do que ainda ontem tínhamos.

LEONTINA - Encontras sempre, Pedrinho, forma de consolar-me.

PEDRO - É que te conheço bem! Compreendo os teus fracos, as tuas impressões e desânimos...

LEONTINA - A diferença está em que as afeições a mim obcecaram-me.

PEDRO - Já comesças a ver claro; e eu começo a recear que cheguemos a casa muito tarde.

LEONTINA - Tens toda a razão; vou, num instante, buscar o chapéu e as luvas, e estou ao teu dispor.

Leontina, inteiramente senhora de si, voltou momentos depois, pronta a sair. Foi muito útil a visita a Noémia. Reuniu-se o conselho de família, em que também tomaram parte as tias Lourença e Branca. Ficou tudo combinado, Pedro e Branca foram incumbidos de adquirir os objectos necessários para a lotaria; cada criança devia tirar dois prémios, tendo-se efectuado a distribuição dos bilhetes. De regresso a casa, Leontina encontrou Gisela de muito mau humor. Não encontrara o pai nos Campos Elísios, nem vira por lá amiga nenhuma, passando o tempo todo a resmungar com a criada.

LEONTINA - Então, Gisela, não deste com o papá?

GISELA - Como podia eu encontrá-lo, se a criada me fez perder uma boa hora recusando vestir-me?

LEONTINA - Queres dizer que tu é que recusaste vestir-te.

GISELA - Isso é menos verdade.

LEONTINA - Não é assim, Gisela, que se responde à mamã. Ainda esta manhã estavas tão simpática, minha filha! E eu tão contente! Suplico-te, querida filha, que não voltes às tristes cenas dos últimos dias. Não penses mais no capricho do vestido azul, e retoma o aspecto agradável desta manhã.

Gisela não deu resposta. Estava amuada. Entrou o Sr. Gerville, e Gisela correu para ele.

SR. GERVILLE - Ora, cá está o meu amorzinho! Porque não foste aos Campos Elísios ter comi go? Estive mais de uma hora à tua espera.

GISELA - Porque não me quiseram levar a tempo de encontrar o papá.

SR. GERVILLE - Ora essa! Não quiseram? Í Deitou a Leontina um olhar descontente.

- Foste tu, Leontina, que impediste a criança de sair?

LEONTINA - Não, foi ela que teimou em não querer vestir- se.

SR. GERVILLE - Mas, se diz que a não quiseram levar.

LEONTINA - Bem queria a criada vesti-la decentemente; mas a Gisela preferia vestir- se de maneira a tornar-se ridícula. Chamaram-me depois de uma hora perdida em altercação.

SR. GERVILLE (mal-humorado) - Aquela Emília está de uma forma... Dás-lhe muita confiança.

LEONTINA - Pelo contrário, meu querido. A Gisela é que se torna insuportável para a criada, não lhe obedecendo em nada.

SR. GERVILLE - És muito amável para a tua filha.

GISELA - A mamã não me pode ver. Segue os conselhos do tio Pedro, que veio com a mamã forçar-me a vestir um vestido velho e horrível. O que eu sofro, quando o papá está fora de casa!

SR. GERVILLE (estreitando-a contra o peito) Minha querida filha, não te hei-de tornar a deixar sozinha! Acompanhar-te-ei a toda a parte, para ver se alguém ousa contristar-te na minha presença. Olha cá, Leontina, porque se mete o teu irmão na educação da Gisela? Eu meto-me, por acaso, na dos filhos dele?

LEONTINA (contristada) - Pedro só intervém a meu pedido; e tudo o que diz e faz é para bem da Gisela, incutindo-me ainda coragem contra os caprichos desta pequena amimada.

SR. GERVILLE - Pois farás o favor de lhe dizer que deixe de se ocupar da minha filha. E isto, hoje mesmo.

LEONTINA - Hás-de dizer-lho tu próprio, Vítor. Quanto a ti, Gisela, lembra-te de que, para ires à festa do tio, precisas de mostrar-te bem comportada; aconselho-te, pois, a ser meiga, delicada e obediente.

GISELA - Se a mamã não quiser levar-me, irei com o papá. Não é assim, papazinho? Não me deixará em casa a chorar, enquanto a mamã se diverte a dançar, pois não?

SR. GERVILLE - Não, meu amorzinho, não. Levar-te-ei a toda a parte onde houver divertimentos, e dançarás enquanto tiveres vontade.

Leontina decidiu não tornar a responder às impertinências da Gisela. Pobre criança! -pensava ela. - Quão enganosa fora a esperança de a ver regenerada!

Esperteza da Sr.a Monclair

Leontina abandonou a sala, deixando a Vítor o campo livre para estragar a filha com mimos.

- Que posso eu fazer? As repreensões excitam a resistênCia da Gisela, que aumenta de impertinência comigo... É o castigo da minha brandura. Também há-de chegar a vez ao pobre Vítor.

- Ó Leontina, venho propor-te uma professora excelente

para a Gisela - disse a Sr.a Monclair, entrando com o Sr. Tocambel. - A Sr.a Tomme era muito nova e tinha medo da tua filha; o mesmo não se dará com a que te vou indicar. Se a apoiares, verás a tua filha adquirir hábitos de humildade que lhe faltam, e que é indispensável inculcar-lhe.

LEONTINA - Que grande amabilidade a sua, querida tia, de se ocupar de mim e de Gisela!

SR.a MONCLAIR - Ó querida filha, que sucedeu desde ontem para te mostrares tão sombria?

LEONTINA - Nova rebeldia da Gisela e nova fraqueza do Vítor. Nem sei já que dizer, nem como proceder! Acolhi-me ao quarto para fazer cessar as impertinências da minha pobre filha. Cada palavra sua, de zombaria e insolência, e a passividade de Vítor, atinge-me duramente.

SR.A MONCLAIR - Pois deixa-te ficar quietinha; vou trazer-te já a Gisela, arrependida.

A Sr.a Monclair voltou à sala, e encontrou Vítor embaraçado com o que dissera e fizera; já nem olhava para a filha, não dando resposta às suas perguntas. Gisela estava apreensiva com o aspecto descontente do pai.

SR.A MONCLAIR - Vítor, observo-lhe um ar inquieto, como de quem se sente culpado. Note que desconheço o que sucedeu. Vá, vá abraçar a sua esposa, que tanto o ama; e que está a chorar. Eu fico com a Gisela; vá lá, vá.

Encantado com este belo pretexto para se escapar e sobressaltado com as lágrimas da esposa, Vítor foi precipitadamente ter com ela. Enquanto se entendiam os dois, a Sr.a Monclair fazia sentar a Gisela a seu lado.

SR.A MONCLAIR - Ora, vamos lá conversar um bocado, minha amiguinha. Diz-me cá, tu és mesmo feliz?

Apesar de surpreendida, Gisela respondeu com franqueza:

- Não, tia, não sou.

SR.a MONCLAIR - Então porquê, minha filha?

GISELA - Porque todos me ralham: ralha-me a mamã, ralha-me a criada, e a mamã castiga-me de há uns dias para cá.

SR.a MONCLAIR - Ah!... E, todavia, tu és bem dócil, não?

GISELA - Nem sempre, minha tia.

SR.A MONCLAIR - Boazinha?

GISELA - Não lá muito, minha tia.

SR.A MONCLAIR - Obediente?

GISELA - Excepto quando não me agrada.

SR.a MONCLAIR - Ora, vejamos! Então, nem és meiga, nem boa, nem obediente, nem mesmo delicada. Assim já compreendo que a mamã te castigue... Ora, isso deve, por certo, aborrecer-te, não?

Ser censurada e punida...

GISELA - Se lhe parece, tiazinha! É irritante!

SR.a MONCLAIR - Tens razão, lá isso tens! Quando eu

era pequenina, muito me aborrecia que me ralhassem, e muito mais o ser castigada. Mas a verdade é que não há nada a fazer: que remédio, senão ceder? Uma criança é sempre fraca, está sempre do pior partido.

GISELA - Ainda bem que a tia compreende; como tudo isso me enfada.

SR.a MONCLAIR - Oh! Se compreendo! Compreendo-o... e deploro-o.

Gisela estava encantada; já não desconfiava da tia.

SR.A MONCLAIR - Quererás tu que te indique um meio de seres feliz e de nunca mais te ralharem nem punirem?

GISELA - Se quero! Diga-mo, querida tia.

SR.a MONCLAIR - Foi o que empreguei quando tinha a tua idade. Quanto mais ia crescendo, mais era censurada e punida.

GISELA - É o que me acontece a mim: dia-a-dia sobe a severidade da mamã.

SR.a MONCLAIR- Sim, pobre criança, é assim mesmo. Para obviar a tudo isso, eis o que tens a fazer. Quando a mamã ou a criada te impedirem de fazer uma coisa que te agrada, ou te mandarem executar aquilo que te desagrada, diz para contigo: Que remédio tenho eu senão obedecer, visto que sou uma criança. Se isso não bastar, diz ao bom Deus: Dai-me, Senhor, a coragem de obedecer. Verás como logo foge o desejo de lhes resistir.

GISELA - Mas, querida tia, desde que eu resista, quase sempre cedem.

SR.a MONCLAIR - Nem sempre, nem sempre ! Não jantaste com o tio daquela vez; não envergaste o vestido azul esta manhã... e ainda bem, pois serias o escárnio de toda a gente, assim vestida. O pior é que tu és mais infeliz, quando o papá te apoia contra a vontade da mamã. Não és tola nenhuma e, no fundo, também não és má; o teu coração está longe de ficar sossegado. Quando notares que estás a ser má depois de ter resistido, pensa que terrível não é a gente parecer-se com o Diabo, em vez de nos parecermos com o bom e amoroso Jesus, com a Santíssima Virgem, com o teu bom anjo, e diz para ti: Não quero ser feia como o Diabo; quero ser linda como Nossa Senhora.

GISELA - Mas eu sou sempre linda, quer seja boa, quer seja má; assim mo diz o papá, e assim mo dizia, há tempos, a própria mamã.

SR.A MONCLAIR - Olha, Gisela; eu por mim, acho-te linda; garanto-te, contudo, que és feia e desagradável à vista sempre que praticas qualquer maldade. Ainda há dias dizíamos em casa do teu tio Pedro: quando a Gisela se emenda, fica bonita, a ponto de mal a reconhecerem. Suponho que preferes ser bonita a ser feia, não?

GISELA - Decerto, minha tia.

SR.a MONCLAIR - Pois então, sê boa, dócil e meiga, para

ficares bonita. Mas não te esqueças de chamar em teu auxílio o bom Deus, a Santíssima Virgem e o teu anjo protector.

GISELA - Pois bem, minha tia, vou pensar nisso a sério.

SR.a MONCLAIR - Quando te vier o desejo de ser indelicada com a mamã, lembra-te de que todos deplorarão o facto e te hão-de detestar e desprezar, pois nada há tão revoltante como a insolência de um filho para com os pais.

GISELA - Oh, o papá não se importa. Continua a fazer-me todas as vontades.

SR.a MONCLAIR - Não importa agora! Importa, sim, embora o não confesse, pobre criança. Vou-te dizendo uns segredinhos, que talvez não devesse dizer. Assim, há pouco, estava ele zangado contigo; bem viste que o adivinhei logo ao entrar na sala. Nem sequer para ti olhou, ao sair tão depressa para consolar a mamã, que chorava desgostosa contigo.

GISELA - É bem aborrecido ter de obedecer continuamente, ter sempre uma pessoa de se refrear.

SR.a MONCLAIR - Aborrecido! Pelo contrário: é encantador! Ora experimenta e verás. Estamos sempre satisfeitos e alegres; diverte-nos o ar feliz dos outros; todos procuram dar-nos prazer. Posso garantir-te que nos sentimos muito felizes; sei-o por experiência própria, pois o que passa agora por ti, já passou há muito por mim. Mas o melhor ainda é a gente habituar-se também a ser bondosa, meiga, atenciosa e obediente, que, por fim, já nada custa. Tu verás. Experimenta e verás.

GISELA - Que devo eu fazer agora que os tenho a todos contra mim? Diga, minha boa tia!

A Sr.a Monclair levantou-se, abraçou-a e disse afectuosamente :

- Deves, antes de mais nada, minha pequena, falar polidamente, nunca dizendo ele ou ela, tratando-se do pai ou da mãe.

GISELA - Como devo dizer então?

SR.a MONCLAIR - Papá, ou mamã. Tu vais agora já abraçar a mamã, e dir-lhe-ás que desejas ser uma menina muito boazinha, meiga, obediente, delicada; bem sabes como a boa da mamã te quer. Nem mesmo te deixará acabar a frase, com a pressa de te abraçar. Em seguida, vais pedir ao papá que não te dê força quando fizeres qualquer maldade, e que deixe a mamã entender-se contigo. Como ele vai ficar admirado! Vamos depressa. Até me parece que já estás mais linda. Não nos esqueçamos de pedir a Deus que te ilumine.

Encantada com a tia e com os seus bons conselhos, e de poder ser bonita à vontade, Gisela começou por a abraçar.

- Querida tia, bem sabe como gosto de si! disse ela.

SR.A MONCLAIR (retribuindo o abraço) - Querida menina, também eu te quero muito, toda a gente te estimará... até Nosso Senhor... Meu Deus, vinde em nosso auxílio - acrescentou ela. - Santíssima Virgem, ajudai-nos.

Aproveitando a boa disposição de Gisela, a Sr.a Monclair entrou com ela na saleta de Leontina que, muito triste, estava sentada entre o marido e o Sr. Tocambel.

SR.a MONCLAIR - Leontina, trago-te uma me nina encantadora, que te vai tornar feliz.

Gisela atirou-se aos braços da mãe e ainda começou a frase que lhe ensinara a Sr.a Monclair; mas, conforme a previsão desta senhora, Leontina apertou a filha contra o peito, de tal modo que Gisela só pôde proferir as primeiras palavras.

Apenas recuperou a liberdade dos movimentos, Gisela virou-se para o pai e recitou-lhe toda a frase que a tia lhe aconselhara. A surpresa imobilizou Vítor; de olhos pasmados, boca entreaberta e totalmente imóvel, fez dar uma gargalhada à Sr.a Monclair. Gisela não se conteve que não partilhasse da alegria da tia, e abraçou o pai, ainda a rir.

SR. GERVILLE - Que foi, Gisela? Que disseste? Que foi que pediste? Parece que ouvi mal.

GISELA - Querido papá, suplico-lhe que deixe a mamã ralhar-me e castigar-me à vontade, pois sei bem que, sempre que o fizer, é porque eu o mereci.

SR.GERVILLE - Mas,coitadinha de ti! Quase nunca o mereces. Se te não valer, serás muito infeliz.

- Ó Vítor! - disse Leontina,instintivamente.

GISELA - Nada receie,mamã; sei bem quanto sou querida,e também sei que,sempre que o papá, por excesso de ternura,me apoia contra a mamã, sou eu que procedo mal,é a mamã quem tem razão.

- TOCAMBEL (beijando a mão da Sr.a Monclair) -Já vejo,minha senhora,que conseguiu transformar num instante,e completamente,a Gisela.Nem parece a mesma!

SR.a MONCLAIR - É verdade! Está linda como um anjo e mansa como um cordeiro.Do senhor é que eu não conseguia nada; não há perigo de o ver transformado em anjo ou em cordeiro.

TOCAMBEL - Na verdade,bem sei que não terei essa sorte,enquanto estiver sob a sua terrível direcção.

SR.A MONCLAIR - Terrível! Deixe lá! Sou boa de mais para o senhor: levo-o com muita suavidade, bem o sabe.

TOCAMBEL - Ai,meu Deus! A suavidade de uma leoa.

SR.a MONCLAIR - Gisela,eu devorei-te?

GISELA (rindo) - Não,querida tia,abraçou-me.

SR.a MONCLAIR - Ralhei contigo?

GISELA (rindo) - Também não ; falou-me com tanta suavidade e doçura,que foi com grande prazer que a ouvi.

SR.a MONCLAIR - Já vê! A Gisela fala verdade, e o senhor só diz falsidades, por isso, vai ficar aí quietinho, sem falar.

Impeliu-o brandamente para o sofá, sobre o qual o fez sentar. Ele pretendeu erguer-se, mas o pulso ainda robusto

da Sr.a Monclair fê-lo cair outra vez no sofá, onde ficou.

- Deixe-me em paz! Deixe-me ir embora - dizia o Sr. Tocambel meio a rir, meio impaciente.

SR.a MONCLAIR - Isso é que não; há-de ficar aí, enquanto me aprouver. Vou ter precisão do senhor para me acompanhar a casa daqui a nada, e fico a seu lado, para não o deixar fugir. Não conheço ninguém mais teimoso!

TOCAMBEL - Teimoso, eu! Com a senhora ser-me-ia impossível: cortar-me-ia em postas. Tenho sempre de me submeter, sejam quais forem as ideias que lhe venham à cabeça!

SR.a MONCLAIR (satisfeita) - Bem, não quer calar-se? Não se ouve senão o senhor. Deixe-nos acabar as nossas questões domésticas.

TOCAMBEL - Nem sempre sou eu que falo.

SR.a MONCLAIR - Como assim? Se não faz outra coisa...

TOCAMBEL - Deixe-me em paz, pelo amor de Deus! SR A Sr.a MONCLAIR - Deixe-me em paz! Nada faz senão repetir a mesma coisa... Schiu! Nem mais uma palavra. Minha Giselinha - acrescentou, voltando-se para a sobrinha -, sabes que estás linda? Voltarei a ver-te, e conversaremos mais um bocado, só nós as duas...

LEONTINA - Dá-me licença que assista à conversa, querida?

SR. MONCLAIR - De maneira nenhuma, minha filha; não precisas de ouvir cá os nossos segredos. E o Vítor muito menos. Agora, retiro-me. Sê muito ajuizada, Leontina; para isso, pergunta à Gisela o que é preciso fazer. E tu, Vítor, sai, sai muito;

aparece em casa o menos possível, e fala o menos que puderes à Gisela, quando ela estiver um tanto... agitada. Até à vista, meus filhos.

Apertou a mão de Vítor, abraçou Leontina, que, em voz baixa, lhe agradeceu efusivamente, e abraçou a Gisela, que lhe perguntou ao ouvido:

- Sou linda, minha tia?

- Encantadora - respondeu a Sr.a Monclair. Em seguida, quis levar o Sr. Tocambel, mas já não o viu. Aproveitara-se das despedidas da boa senhora, para se escapulir.

- Foi-se? - exclamou ela, rindo. - Fugiu? Ele mas pagará. Ainda o vou agarrar; não deve ir longe! e fá-lo-ei andar acelerado uma boa hora, para o ensinar a não se escapar.

E saiu, estugando o passo. Não tardou a ver o espertalhão do Sr. Tocambel a andar o mais depressa que lho permitiam as pernas; ao dobrar de uma esquina, e já a supor-se fora de alcance, caiu sobre ele a Sr.a Monclair:

- Pimba! - Era um aviso da Sr.a Monclair.

TOCAMBEL - Ai! Só da senhora se podia esperar isto! Deitou-me o ombro abaixo! A senhora cai sobre as pessoas como a águia sobre a presa.

SR.a MONCLAIR - Sempre o apanhei. Vai acompanhar-me a casa do Pedro antes de recolher. Para o ensinar a não me fazer correr atrás de si, com os meus quarenta e seis anos!

TOCAMBEL - Grande vantagem o agarrar um velho de sessenta e quatro, que...

SR.a MONCLAIR - Que anda como se fosse sobre ovos partidos, pois o cavalheiro quer fingir que tem os pés pequeninos. Olhe para os seus sapatos; são duas polegadas mais curtos e uma mais apertados.

TOCAMBEL - Ora, valha-a Deus, baronesa; deixe-me os pés quietinhos. Sempre tem ideias bem extravagantes!

Prosseguiram o seu caminho em marcha forçada - o Sr. Tocambel a pedir misericórdia e a Sr. Monclair a obrigá-lo a seguir, a passo estugado, e a rir-se dos suspiros e gemidos da sua vítima.

Em casa do Sr. Gerville e de Leontina entrara tudo nos eixos, até nova agitação. Gisela manteve-se toda a noite de uma encantadora meiguice; ainda se lhe carregaram as sobancelhas e entumeceram as narinas duas ou três vezes; lembrando-se, porém, dos conselhos da tia, acalmava logo, gozando, assim, da surpresa dos pais. Era tão estranha essa repentina mudança, que o Sr. Gerville se aterrava com a doçura da filha.

Nova reincidência

Decorreram dois dias, mantendo-se Gisela extremamente dócil. Leontina exultava de alegria; o Sr. Gerville, porém, tornava-se sombrio, de dia para dia. Uma tarde, Gisela, recordada da festa que o tio Pedro ia dar, perguntou à mãe que vestido teria de levar.

LEONTINA - Vou mandar-te fazer um vestido de musselina branca com fitas azuis.

GISELA - Azuis? Então não era mais bonito com fitas brancas como o vestido?

LEONTINA - Tudo de branco far-te-ia parecer uma menina da primeira comunhão. Demais, o azul fica-te a matar, minha filha.

GISELA - Não me pode ficar bem o azul, visto que tenho o cabelo castanho.

LEONTINA - E depois? O azul quadra tão bem com cabelos castanhos como com loiros.

GISELA - Tenho a certeza de que não; lá fita azul é que não levarei.

LEONTINA - Que remédio senão contentares-te com o vestido assim, filha, pois as fitas já foram compradas e cosidas.

GISELA - É-me indiferente. Tirem-nas e ponham-lhe as fitas brancas.

LEONTINA - A criada já não tinha tempo de as mudar, minha filha, visto só faltarem dois dias.

GISELA - Três, pois hoje é quinta-feira.

LEONTINA - Tu contas com o domingo, embora saibas que nesse dia não se trabalha.

GISELA - Pois que trabalhe nesse domingo.

LEONTINA - Mas, Giselinha, sê razoável, querida filha; podes estar certa de que o vestido é lindíssimo, e te ficará muito bem.

GISELA - Pois eu digo-lhe que não o porei!

LEONTINA - filha! Foste tão linda estes dias! Queres agora voltar a ser má? Suplico-te que não faças isso!

GISELA - Não o farei, se a mamã for boa para mim; mas a mamã arrelia-me propositadamente. Disse-me a tia que eu seria feliz e que todos me estimariam e dariam prazer. Ora, verifico que, pelo contrário, quanto mais dócil me torno, mais contrariada sou pela mamã; o papá nem se atreve a apoiar-me; tem pena de mim, bem o noto, porque ele, sim, quer-me muito. Não procederia como a mamã a respeito do vestido; comprar-me-ia um novo.

LEONTINA - Olha, Gisela, agora nem és meiga, nem obediente, nem delicada.

GISELA - Ó mamãzinha, se gosta de mim, conceda-me o que lhe peço. Mande comprar fitas brancas para o meu vestido.

LEONTINA (beijando-a) - Querida Gisela, gosto muito de ti, não duvides disso. Desejo fazer-te a vontade, mas receio que... (Leontina deteve-se).

GISELA - Receia o quê, mamã... Diga, diga... que receia?

LEONTINA - Receio ter de ceder sempre, depois de ceder hoje, voltando a repetir-se mais vivas as cenas de há tempos.

GISELA - Não, querida mamãzinha - exclamou Gisela, abraçando a mãe e beijando-lhe as mãos e o rosto. - Experimente só esta vez, e verá. Nunca mais lhe pedirei nada.

LEONTINA - Visto que o prometes de modo tão positivo, querida filha, vou ceder ao teu desejo; lembra-te, porém, de que é uma vez sem exemplo.

GISELA - Pois sim, mamãzinha; vá então dizer à criada que mude as fitas.

O todo triunfante de Gisela fazia ver a Leontina que se deixara levar por outro acesso de fraqueza. A criada recebeu as novas ordens, sem réplica; de mais conhecia a inutilidade da luta contra a vontade de Gisela, conjugada com a fraqueza dos pais. Pôs-se logo a descoser as fitas.

CRIADA - É bem pena inutilizar tudo isto, minha senhora.

LEONTINA - Não inutilizes, Emilia. Guarda para ti as fitas azuis, para a guarnição de toucas.

CRIADA - Muito lhe agradeço, senhora. Mas que grande porção! Tenho fita azul para uns cinquenta anos, pelo

menos.

Leontina voltou, algo contristada. Gisela pôs-se a abraçá-la e a fazer-lhe festas; não conseguiu, porém, restituir-lhe a alegria. Na manhã do dia da festa, perguntou Gisela à mãe a que horas viria o cabeleireiro.

LEONTINA - Qual cabeleireiro? Eu não mandei vir cabeleireiro nenhum, filhinha: a criada fará o serviço tão bem ou melhor do que ele.

GISELA - Ora essa! A tia Noémia manda vir o cabeleireiro para as tias Branca e Lourença.

LEONTINA - Essas tuas tias são meninas de dezoito e vinte anos, minha filha, e tu não passas de uma criança. Levas um penteado de canudos; porás um colar simples que é o mais próprio.

GISELA - Contudo, eu vi nos Campos Elísios três meninas que frequentam a casa do tio Pedro, e que são penteadas pelos cabeleireiros.

LEONTINA - Essas crianças fazem rir; ora, eu não quero que tu sejas ridícula.

GISELA - Não serei nada ridícula, mamã; quero que venha o cabeleireiro.

LEONTINA - Ó Gisela, não me peças absurdos; rogo-te que não insistas.

GISELA - Não é absurdo; vou pedir ao papá.

E antes de Leontina a poder impedir, Gisela correu ao gabinete do pai.

GISELA (atirando-se aos braços do pai) - Papazinho, venho pedir-lhe o seu auxílio.

SR. GERVILLE - Então que há, meu anjinho?

- Que há? É que a mãe não pode passar sem me contrariar; pedi-lhe que mandasse vir um cabeleireiro, para ir bem penteada à festa do tio, mas ela não quer; diz que vou penteada como tenho andado.

- É de mais, francamente! - exclamou o Sr. Gerville.

- Fizeste bem em vir ter comigo; já vais ver como eu soluciono o assunto.

O Sr. Gerville tocou, violentamente, a campainha. Ao criado que acorreu, pressuroso, ordenou o patrão:

- Vai imediatamente, José, chamar um cabeleireiro, mas um bom cabeleireiro, o melhor cá do bairro, e vem com ele, para pentear a menina. Que traga flores, fitas e o que for preciso, pois aqui não há nada.

- Sim, patrão - respondeu o José, dissimulando um sorriso.

Decorreu um quarto de hora, durante o qual o Sr. Gerville inquiriu da filha as severidades de que fora vítima. Descontente com a mãe, Gisela exagerou muito as exigências de Leontina e a sua obediência, a tal ponto que, ao entrar o cabeleireiro, o Sr. Gerville estava irritado contra a esposa, contra a cunhada, contra o Sr. Tocambel e contra a Sr. Monclair.

CABELEIREIRO - Como devo arranjar o cabelo da menina?

SR.GERVILLE - Como ela quiser. Faça o que ela pedir.

CABELEIREIRO - Que vestido leva a menina?

SR.GERVILLE - De musselina branca.Pois que vestido queria que lhe dessem?

Intimidado pelo tom irritado do Sr.Gerville,o cabeleireiro não fez mais perguntas e abriu uma caixa grande,com flores e fitas.

- Que escolhe a menina - perguntou ele.

A Gisela,que nada percebia de enfeites nem de flores,achou maravilhoso tudo o que via,acabando por escolher uma coroa de grandes rosas brancas, junquinhos e lilases,terminada por uma larga fita branca,que atava pela retaguarda e caía até ao tornozelo. O cabeleireiro, compreendendo logo que estava com uma menina mal educada, não pôs objecção alguma e arranjou-lhe o penteado em conformidade com o seu mau gosto.

Depois de acabar,Gisela viu-se ao espelho e, seguidamente, foi mostrar-se,triunfante, ao pai.

Não obstante a sua admiração pela filha,o Sr.Gerville achou o penteado feio e ridículo.Mas o cabeleireiro já se tinha retirado.

- Minha filhinha - disse brandamente -,não me parece lá grande coisa o penteado; não ficas bonita com ele.

GISELA - Mas porquê,papá?

SR.GERVILLE - É pesado de mais.Essa massa branca dá-te um ar estranho.

Proferindo estas palavras,não pôde o Sr.Gerville deixar de rir. A princípio Gisela admirou-se, depois zangou-se, o que agravou o seu aspecto ridículo; aquela carinha afogueada pela cólera, encimada por aquela massa enorme de pesadas flores, oferecia um aspecto tão caricato, que provocou no pai um acesso de riso, que nem a raiva, nem as injúrias da Gisela conseguiram dominar. Gisela, irritada e enfurecida, sem mesmo pensar em que também estava zangada com a mãe, correu para junto desta, mas deteve-se ao notar que Leontina se encontrava acompanhada pelo Sr. Tocambel e pela Sr.a Monclair.

Todos soltaram uma gargalhada homérica ao ver a cabeça inacreditável de Gisela. Esta desatou a chorar, debulhando-se em lágrimas; a dor mais fez sobressair o ridículo do seu penteado, e dos enfeites. Contudo, Leontina teve coragem para voltar a ficar séria, enquanto Tocambel e a Sr.a Monclair continuavam a rir a bandeiras despregadas,chegando a baronesa a pôr a mão no estômago,e o Sr.Tocambel a saltar na cadeira.

LEONTINA - Quem foi que te penteou assim de um modo tão caricato,minha filha?

GISELA (a soluçar) - Foi o papá,e ainda por cima se pôs a rir de min; eu não quero que escarneçam de mim.

SR.a MONCLAIR (sempre a rir) - Ah! foi o pai que a penteou! Ah! ah! ah! Que lindo! tenho de lhe dar os parabéns! Vítor! Onde está? - exclamou ela, dirigindo-se para o gabinete do sobrinho.

VÍTOR (ainda a rir) - Minha tia, pergunta por mim? Que manda?

SR.a MONCLAIR - Venha cá depressa...

E empurrando-o para a saleta de Leontina:

- Admire a sua obra! Mas que bom gosto! Que delicadeza! E as fitas a chegarem-lhe ao tornozelo!

Que perfeição! Já sei a quem me hei-de dirigir, quando me quiser mascarar. Não lhe conhecia este jeito para cabeleireiro.

Vítor não compreendia os cumprimentos irónicos da tia; mas, olhando para Gisela, teve novo ataque de riso.

LEONTINA (em voz baixa, ao marido) - Foi então uma lição que quiseste dar à Gisela? Muito te agradeço, querido Vítor: foi a melhor que lhe podias ter dado.

Cada vez mais surpreendido, Vítor pediu explicações, que a Leontina se prontificou a dar-lhe. Depois delas, envergonhado e confuso, jurou, tarde de mais, não tornar a cair noutra.

Confessou-se culpado, concordou que Leontina não deixava de ter razão, pois Gisela fora desobediente, aceitou humildemente as repreensões da Sr.a Monclair, as observações de Leontina, os gracejos escarninhos do Sr. Tocambel, e saiu, resolvido a não mais se intrometer com Gisela, nem a ceder aos seus caprichos. Humilhada e muito descontente, Gisela arrancou flores e fitas, que atirou ao chão, e dispunha-se a pisá-las se Leontina não se interpusse, pondo-as a salvo.

SR.A MONCLAIR (muito seriamente) - Não tens memória, menina; já esqueceste a minha receita.

Gisela só respondeu por um olhar furioso.

SR.a MONCLAIR - Ah! menina, como estás feia!

GISELA - Não é verdade! Sou sempre bonita. Bem o vejo no espelho.

SR.a MONCLAIR - É que tens a vista turva. Eu, que vejo bem, afirmo-te que estás feia a não se poder olhar para ti; demais, vendo as impertinências a acumular-se-te na língua, vou retirar-me. Venha, Sr. Tocambel, vamos para casa do Pedro e deixemos à Leontina o cuidado de se arranjar como puder. Ah ! ah ! ah ! Que linda figura a desta pobre e infeliz Gisela!

E saiu a rir, seguida do Sr. Tocambel, que também ria. Leontina olhou para a filha, com dó.

LEONTINA - E eu a julgar-te emendada, pobre Gisela! Até o rosto começava já a tomar uma expressão mais suave e meiga. Ao ceder, na troca das fitas azuis pelas brancas, prometeste-me que nunca mais pedirias o que eu te recusasse.

GISELA - A culpa é sua, por tanto me haver martirizado!

LEONTINA (contristada) - Martirizei-te? Eu! Ó Gisela! Tu não pensas tal; porque me dás o desgosto de o dizer?

GISELA - Foi o papá que o disse; penso-o e não me fartarei de o dizer. .

LEONTINA - Quando foi que o papá te disse tal coisa? É lá possível!..

GISELA - Disse-mo há pouco. Afirmou que a mamã me tornava infeliz, e fez-me a vontade, mandando chamar o cabeleireiro.

Leontina não deu resposta; deixou-se cair na poltrona com o rosto escondido nas mãos. Embora satisfeita, mas inquieta com o efeito das suas palavras, Gisela aproximou-se devagarinho da mãe a fim de verificar se, na verdade, ela chorava. Desviando-lhe ao de leve as mãos, viu-lhe o rosto inundado de lágrimas. Sentindo um ligeiro remorso,

receu o castigo. E se a mamã me impedisse de ir a casa do tio Pedro?, pensou consigo mesma.

- Mamã! - disse, após uma curta hesitação.

LEONTINA - Que desejas, minha filha?

GISELA - Não esteja zangada comigo; perdoe-me, sim?

LEONTINA (contristada) - Perdoo-te, Gisela. Oxalá Deus te perdoe, como eu!

Gisela não disse nada.

LEONTINA - Vai dizer à criada que te prepare. Vão ser horas de partir. O tio pediu-me que fosse cedo, para ver o Guinhol.

Gisela deitou a correr, muito satisfeita. Chegou a recear o que ela chamava uma vingança da mãe. Tocando a campainha para chamar a criada, Leontina foi também preparar-se.

A lotaria

Uma vez pronta, Leontina foi buscar Gisela e o marido; subiram os três para a carruagem, sem dizerem palavra. O marido mostrava-se embaraçado perante a mulher, que ele censurara diante da Gisela, e perante esta, que ele escutara e amimara demasiado. Leontina ia preocupada e triste; nem sequer olhara para Gisela antes de entrar no carro. Gisela sentia-se vexada por nem o pai nem a mãe terem admirado o

seu lindo vestido. Ao apearem-se na casa de Pedro Néri, já lá estavam muitos convidados. As crianças brincavam no jardim. Nem Pedro nem a esposa puderam dominar uma exclamação de surpresa ao verem Gisela. Esta ordenara à criada que lhe pusesse no vestido grande profusão de fitas, não consentindo que ela comunicasse o facto à senhora. Levava também as flores que lhe tinham enfeitado a cabeça, prendendo boa parte delas entre o cabelo e as malhas da coifa; nem mesmo o laço fora esquecido: prendera-o à nuca.

PEDRO (a rir) - Ó Leontina, por que motivo carregaste a Gisela de fitas e flores?

Pasmada, Leontina voltou-se e olhou uns momentos a filha.

LEONTINA - Não fui eu, mano Pedro, mas ela mesma quem, assim, se tornou ridícula.

PEDRO - Ouve então luta renhida, querida irmã?

LEONTINA - Pior que nunca. Depois te contarei.

Dizendo isto, foi saudar as pessoas suas conhecidas, enquanto Gisela se escapava para o jardim, onde era alvo de risota das crianças.

JAIME - Ó Gisela, até pareces o Monte Branco.

LUÍS - Ou um requeijão.

PAULO - Ou uma grande bola de neve.

LOURENÇA - Porque vens assim toda de branco?

UMA AMIGA - É que quer parecer uma noiva.

OUTRA AMIGA - Porque vens tão cheia de fitas?

RAPAZINHO - Olhem! Nem de propósito: para fazer de cavalo; as rédeas são as fitas compridas que lhe caem pelas costas.

O Jorginho exclamou: tal e qual, lançou mão das longas pontas das fitas dependuradas, e puxou por elas, dizendo: hop! hop!

Gisela irritou-se e repeliu-o, fazendo-o cair. Todas as demais crianças o rodearam e abraçaram, dizendo:

-Fujamos da Gisela, que, por certo, nos vai pregar qualquer partida, como fez nos Campos Elísios.

Fugiram dela, levando o Jorginho consigo; Gisela correu atrás deles; estes cercaram-na, improvisando uma roda em torno e cantando:

Andemos em volta do Monte Branquinho; Provemos, vejamos se ele é um queijinho; As fitas branquinhas vejamo-las bem; Fujamos! Gisela, raivosa, lá vem!

Na verdade, Gisela estava furiosa. Cercada por uma roda de vinte crianças que ela queria evitar, corria da direita para a esquerda, tentando escapar-se; mas a roda girava com tal rapidez, que lhe era impossível atravessar ou apanhar alguém na passagem. Os mais traquinas puxavam por uma fita, agarravam uma flor, que lhes ficava nas mãos; a cauda foi

o primeiro troféu apanhado ao inimigo; ao cabo de cinco minutos via-se o chão juncado de despojos.

A princípio, não atraíram a atenção os gritos de raiva da Gisela, à mistura com os cantos e gritos de alegria das crianças; mas o Sr. Néri ficou inquieto com a continuação do tumulto, do qual sobressaíam os berros furiosos de Gisela. Veio à sacada observar a roda, que rodopiava como um furacão, percebendo logo que este divertimento, tão do agrado de alguns, não o era de todos. Fê-los parar e retirou do centro Gisela.

SR. NÉRI - Meninos, essa brincadeira é de mau gosto;

nunca nos devemos divertir à custa de ninguém.O que vos parece tão engraçado faz chorar a Gisela.

CRIANÇAS - Não a queríamos fazer chorar, senhor, nem lhe pretendemos fazer mal algum.

SR.NÉRI - Não queriam,mas fizeram.Arrancaram-lhe todas as fitas,a linda cauda e despentearam-na,rasgando-lhe o vestido.E ainda acham que não lhe fizeram mal? Se recomeçarem com disparates desses,não será a lotaria senão para os meninos bem comportados.

Chegaram as tias Branca e Lourença,que procuraram consolar Gisela,levando-a consigo para lhe comporem o penteado e consertarem o vestido,algo amarrotado,e coserem alguns rasgões. Pedro contou à Leontina o sucedido; ao vê-la aterrada,tranquilizou-a dizendo que as tias Branca e Lourença se haviam encarregado de reparar a desordem do vestido e o penteado da pequena; convenceu Leontina a não ir ter com ela, para não lhe exaltar a impertinência, ou alguma cena desagradável, prometendo que as manas não deixariam o jardim, a fim de impedir nova lembrança infeliz das endiabradas crianças. Depressa voltou Gisela com as tias, que a pentearam e arranjaram convenientemente, de forma a parecer bem, em vez de estar na figura ridícula em que se encontrava pouco antes. Ela era a primeira a reconhecê-lo; até o rosto se lhe iluminara, depois que a cólera cedera lugar a um sorriso de satisfação; recebeu, sem amuo, os sentimentos que as crianças lhe manifestaram, e só pensou em divertir-se.

Não tardou que Guinhol erguesse o pano, dando início à representação que, como sempre, provocou alegria e gargalhadas. Guinhol excedeu-se; Polichinelo mostrou-se cheio de espírito e malícia; o Comissário, mais malicioso que nunca; as demais personagens, incluindo o Diabo, houveram-se às mil maravilhas, cada qual no seu papel. A representação acabou, com grande mágoa dos espectadores. Houve um ah! geral de satisfação quando o pano voltou a levantar-se, aparecendo Polichinelo e o Diabo, cada qual com um saco na mão.

Polichinelo carece de bom timbre de voz; bem o sabem os que o têm ouvido. Pôs-se a gritar:

- Saco das sortes! Parem lá; o meu amigo Diabo e eu temos uma coisa para dar... com a breca! Não ouvem? Cheguem-se todos,um por cada vez.Estendam a mão.

As crianças desfilaram uma após outra,recebendo todas,do Diabo,um bilhete de lotaria preto,e de Polichinelo,dois encarnados. Ao distribuir o bilhete,o Diabo deitava a língua de fora,grande língua vermelha e pontiaguda,ou batia com ele na cara da criança,ou dava-lhe um piparote no nariz.Pelo contrário,Polichinelo prometia lotes soberbos,pedia abraços às crianças,praguejando contra o nariz,que o impedia de beijar à vontade a mão das meninas. Toda a gente viera ao espectáculo do Guinhol e à

distribuição dos bilhetes da quermesse. Depois de todas as crianças terem os respectivos bilhetes, Polichinelo deixou ver ainda alguns, dizendo:

- Tenho ainda umas coisas para dar às pessoas amáveis e bem comportadas. Meninas Branca e Lourença, cheguem-se também. Espera-as o velho amigo Polichinelo, inteiramente às ordens. Cá está! Cá está!

A rir, as duas senhoras foram receber os bilhetes que lhes deu Polichinelo, que também lhes endereçou um beijinho, na qualidade de um dos seus mais velhos amigos.

Polichinelo lançou um olhar e, divisando o Sr. Tocambel, gritou:

- Venha cá, irmãozinho, chegue-se aqui. Somos gémeos, como vê. Lindo nariz, palavra! Falta a corcunda; mas ela não deixará de vir... Já se vê o princípio.

- Mano Polichinelo - respondeu o Sr. Tocambel -, dá cá um bilhete e dos melhores; trata-me como irmão, visto assim me chamares.

- Aqui tens, irmãozinho, o que se chama uma pechincha; verás !

Polichinelo entregou-lhe um bilhete, e lá se foi, a rir que nem um doido. Mas o Diabo, mais bem educado, inclinou-se para a esquerda, para a direita e para o centro, numa saudação a todos, caindo então o pano. Fez-se ouvir música. As crianças entraram a dançar galopes, valsas e contradanças, indo, depois de bem cansadas, sentar-se à mesa, onde lhes foi servido um succulento jantar, a que fizeram honra, tão grande era o apetite. Os pais foram servidos depois, enquanto se procedia à extracção da lotaria.

Que lindos prémios! Os bilhetes de Polichinelo davam coisas encantadoras, ao passo que os do Diabo despejavam prémios absurdos, tais como: varas, cenouras, cebolas, nabos, batatas, pedras, pregos, farrapos, etc. No final, apareceu o prémio do Sr. Tocambel. Apesar das reclamações deste, quis a Sr.a Monclair abrir o embrulho, ao que o dono se opunha tenazmente, dizendo:

- Nada, não quero! A senhora vai pregar-me uma das suas partidas. Eu é que o desembulharei; dê-mo cá, baronesa; não lhe reconheço o direito de lhe mexer.

SR.a MONCLAIR - Ah, não tenho o direito, meu velho! pois arrego-me esse direito!

E num instante, cric, crac, rasgou o invólucro mostrando a todos um lindo par de sapatinhos de marroquim vermelho, para minúsculos pezinhos de senhora, dignos de calçar o pé da Gata Borralheira.

- Muito bem ! - foi a exclamação geral.- Que lindo! Vamos experimentá-los.

Quando a Sr.a Monclair baixou o braço que levantara para os fazer ver, todos a rodearam para examinar de perto os sapatinhos, vendo com surpresa que um deles continha tudo

o que é necessário à toilette; e o outro, tudo o que é preciso para escrever.

- Teve sorte ! - disse a Sr.a Monclair, entregando a Tocambel o seu lindo prémio.- Devia ficar com ele, mas sou de excessiva honradez.

- Quer dar-mo, querido amigo? - perguntou Gisela, em tom carinhoso.

TOCAMBEL - Não, minha menina; quero ficar com ele.

GISELA - POr favor, Sr.Tocambel, dê-mo; é lindo de mais para o senhor!

TOCAMBEL - O quê? Lindo de mais para mim?

Já viram uma coisa destas? Fique sabendo que não é bonito de mais, desde que seus tios assim o entenderam.

GISELA - Esses sapatinhos são mais interessantes do que os meus prémios. Quer trocar? Serão seus o meu espelho de pé e a minha faca de cortar papel de marfim, ornamentada, se me der os sapatinhos.

Vejamos, resolva-se !

TOCAMBEL - Já estou decidido; fico com o meu prémio e a menina com os seus.

GISELA - Para que quero eu os meus prémios? São tão feios! Escolheram-nos de propósito para mim.

Os meninos à sua roda bem a quiseram convencer de que era lindíssima a faca de marfim para cortar papel, e que era formosíssimo o espelho sobre pé de bronze.

GISELA - Para que me serve isto? Se tenho espelhos a dar com um pau, e facas por todos os cantos!

JORGE - Dá-me então a faca! Eu não tenho nenhuma.

GISELA - Não dou; vou deitá-la fora.

TEODORA - Não faças tal, ela é tão linda! Dá-ma, em vez de a deitares fora.

GISELA - Não quero dá-la a ninguém; prefiro deitá-la fora.

TEODORA - Nesse caso seguir-te-ei por toda a parte e, quando a deitares fora, apanho-a.

MIGUEL - Pois também a vou seguir e, lesto como sou, vou ser eu a apanhá-la.

Outro tanto disseram as demais crianças; e, quando Gisela, aborrecida, quis afastar-se, viu-se escoltada por uns trinta companheiros, que não a largavam.

- Afastem-se - dizia ela. - Quero-me ir embora.

MENINOS - Ninguém te impede de ir embora; o que não queremos é perder os prémios.

Gisela experimentou deitar a correr, mas todos se precipitaram atrás dela; quanto mais se impacientava, mais as crianças se divertiam a arreliá-la. De um

e de outro lado havia zangas. Querendo afugentá-las,

Gisela chegava-lhes e dirigia-lhes palavras injuriosas; elas respondiam e ameaçavam arrancar-lhe os prémios.

Lourença chegou-se ao grupo compacto, que

zumbia como um enxame, e disse:

LOURENÇA - Então, que é isso, meninos?

Porque se mostra a Gisela tão zangada?

GISELA - É que me querem arrancar os prémios, tia.

JULIETA - Isso não é verdade; só queremos impedir-te de os deitares fora e de os perderes.

LOURENÇA - E que mania é essa de queres deitá-los fora?

JULIETA - É com inveja dos sapatinhos do Sr. Tocambel.

GISELA - Não tenho inveja nenhuma; tanto se me dá, como se me deu.

TOMÁS - Se tu assim pensasses, não lhos tinhas pedido.

GISELA (irritada) - Deixem-me em paz; já disse que não me importa..

LOURENÇA (com doçura) - Então é assim que se responde, Gisela? Sê boazinha; bem vês que eles estão a querer fazer-te zangar para se divertirem, visto que te enfureces por tão pouco. Anda, vamos ter com a tua mamã.

GISELA - Ora! Não quero ir ter com a mamã...

LOURENÇA - Mas foi a mamã que disse que te queria ver.

GISELA - Pois então, que me venha ver; eu cá estou com as minhas amigas.

LOURENÇA - Bonitas amigas essas! Altercavas tanto com elas à minha chegada!

GISELA - Por serem estúpidas e insuportáveis; no entanto, prefiro ficar com elas.

LOURENÇA - Está bem! Visto não queres vir comigo, deixa-te ficar; eu vou-me embora.

E se bem o disse, melhor o fez.

MAURÍCIO (para Gisela) - Muito obrigado por nos chamares estúpidos e insuportáveis. Vingança, amigos !. . . Atiremo-nos aos prémios !

E todos se lançaram ao assalto. Como Gisela não esperava esse movimento assim rápido, ficou sem a faca e o espelho, num segundo; por sua vez, foram os vencedores atacados pelos amigos. No meio de gritos e explosões de alegria, foram os dois objectos passando de mão em mão, até ficarem reduzidos a pedaços.

O Sr. Tocambel roubado

Enquanto decorria esta garotice de mau gosto, Gisela correu para a sala, à procura do pai, de quem esperava socorro. Custou-lhe muito a encontrá-lo, pois ele conversava com uns amigos, aos quais, precisamente, estava a gabar as qualidades da filha, exagerando-as. Ao vê-lo, correu para ele.

GISELA - Papá, venha depressa em meu auxílio; aqueles meninos endiabrados arrancaram-me os prémios que me couberam, e não mos querem entregar. Estão a bater-se pela posse deles e vão quebrar-mos, pela certa.

SR. GERVILLE - Então, as tias já não estão lá?

GISELA - Pois não: foram comer, deixando-me sozinha no meio daquela criançada.

O Sr. Gerville acompanhou a filha ao jardim. Bem lhe custou a fazer parar o movimento infernal dos meninos, e a fazer-lhes compreender que tinha de reaver a faca e o espelho de Gisela. Uma das meninas foi apresentar ao Sr. Gerville alguns fragmentos desses objectos.

HELENA - Aqui está o que pude encontrar, senhor; partiram tudo.

GISELA - Vê, papá, a maldade deles? Estou sem nada, quando todos têm coisas tão bonitas! Só eu é que não tenho nada.

SR. GERVILLE - Coitadinha! Que fazer agora, se esses meninos feios te arrancaram os prémios?

HELENA - Ela é que teve a culpa! Disse que não gostava de tais objectos e que os ia deitar fora. Pediram-lhe para os dar, em vez de os estragar; ela recusou. Foi por isso que a perseguiram, a fim de os apanharem, quando ela os atirasse fora.

SR. GERVILLE - Como pode lá ser que a Gisela não os quisesse se chora por os não ter?

HELENA - Isso não quer dizer nada, senhor. Nós conhecemo-la bem; chora, mas é de raiva. É assim que ela faz sempre nos Campos Elísios e nas Tulherias.

SR. GERVILLE - Olhe, menina, não deve crer em tudo o que lhe dizem da Gisela.

HELENA - Não são coisas que me disseram, senhor, mas que eu vi pessoalmente. Cuida o senhor que ela chorava por reaver os prémios? Nada disso; chora, porque queria os sapatinhos que saíram ao Sr. Tocambel, que não lhos quis dar.

SR. GERVILLE - Os sapatinhos do Sr. Tocambel? Para que os queria ela?

HELENA - São os sapatinhos que ele ganhou, senhor, e que Gisela quer a todo o preço, não é verdade, Gisela?

GISELA - Deixa-me sossegada. Tu és tão boa como eles.

HELENA - Não vê, senhor, como ela está furiosa?

SR. GERVILLE - Na verdade, a menina diz coisas bem desagradáveis e que, de mais a mais, me parecem não ser verdadeiras.

HELENA - Não são verdadeiras? Pode informar-se com as nossas amigas.

Lançando a Helena um olhar indignado, o Sr. Gerville levou consigo Gisela, dizendo-lhe:

- Vem daí, minha filhinha; vou dar-te outra faca e outro espelho em substituição daqueles que te inutilizaram; quando sairmos daqui, iremos comprá-los.

GISELA - Para que quero eu isso, se não me serve de nada?

SR. GERVILLE - Então, porquê? Cuidei que chorasses com

pena de já os não teres.

GISELA - Não, não; chorava, porque gosto muito dos sapatinhos do Sr. Tocambel, e ele não quer dar. Olhe, papá, lá estão eles! Naquela mesa cor-de-rosa, lá no canto! Deixou-os ficar ali por esquecimento. Olhe que lindos!

O Sr. Gerville deixou-se levar para junto da mesa, a fim de ver os sapatinhos, que também achou encantadores.

SR. GERVILLE - Vou comprar-te uns iguaizinhos, minha querida; já tomei nota do endereço do fabricante, que está por baixo.

GISELA - Não, papá; não quero outros iguais, quero estes.

SR. GERVILLE - Tu não vês, minha filha, que são do Sr. Tocambel que não tarda a vir buscá-los?

GISELA - Mas não os encontrará, se eu os levar.

SR. GERVILLE - É impossível, minha filha; tu não farias tal; seria uma desonestidade.

GISELA - O papá vai já a casa do fabricante comprar outros, que deixará no lugar destes.

SR. GERVILLE - É melhor ir comprá-los para ti e deixá-los no quarto.

GISELA - Isso não, porque certamente não serão tão bonitos como estes; estes é que eu quero.

SR. GERVILLE - Como farias para os levar, se toda a gente tos via nas mãos?

GISELA - Oh! não! Eu não sou parva nenhuma; meterei um em cada bolso do papá, e desta maneira ninguém será capaz de os ver.

SR. GERVILLE - Ah! isso é que não! Quero lá parecer um ladrão!

Gisela fartou-se de suplicar, mas o pai recusou-se a deixá-la levar o prémio do Sr. Tocambel, prometendo-lhe apenas ir imediatamente comprar-lhe outros sapatinhos inteiramente iguais. E saiu, deixando Gisela só. As crianças estavam no jardim. Ela lançou ainda a vista sobre os tão cobiçados sapatinhos, hesitou um instante, mas, cedendo à tentação, agarrou neles e meteu um em cada algibeira. Por infelicidade, vira-a um dos meninos agarrar em não sei quê e depois deitar a fugir. Indo ver o que faltava no sítio abandonado por Gisela, deu pela falta dos sapatinhos do Sr. Tocambel. Deitou a correr para junto dos demais meninos, aos quais relatou o que acabara de presenciar. A notícia correu célere entre as crianças, fazendo todas elas comentários acerca do vergonhoso roubo. Custava-lhes a crer em tal. Um dos mais ladinos lembrou que se fosse ver se os sapatinhos ainda lá se encontravam sobre a mesa.

- Ainda há uns cinco minutos lá estavam - disse ele. - Foi mesmo o Sr. Tocambel que os pôs na mesinha de madeira cor-de-rosa, junto ao fogão.

- Vamos lá ver! - exclamaram. Parte dos meninos precipitou-se para o salão e não encontrou os sapatinhos.

-Já lá não estão! Desapareceram ambos! disseram eles, ao voltarem a reunir-se aos compa nheiros.

Todos os olhares se dirigiram para Gisela, que não dizia nada e ali estava sentada, sem olhar para ninguém.

ROSÁLIA - Ó Gisela, tu saberás que foi feito dos sapatinhos que tanto cobiçavas?

GISELA - Como queres que o saiba, se não mos deram a guardar?

FELÍCIA - É que o André afirma que foste tu que os retiraste.

GISELA - Que tolice! E tu crês nisso?

CONSTÂNCIA - Mas... ouve lá!... O André afirma que viu.

GISELA - Não dês ouvidos a um mentiroso como é o André.

ANDRÉ - Mentiroso é que eu não sou. Vi-te pegar em não sei o quê.

Não sabendo que responder, Gisela empurrou o André e foi ter com a mãe à sala. Anteviu que ia ter necessidade da sua protecção. Propagou-se rapidamente o boato do desaparecimento dos sapatinhos do Sr. Tocambel. Ao perceberem que o Sr. Tocambel se dispunha a ir pessoalmente verificar se era verdadeiro o boato, os meninos acorreram em grupos vários e seguiram-no em tropel, desejosos de ver o desfecho. Logo à primeira vista verificou o Sr. Tocambel ter, de facto, desaparecido o seu prémio.

Quem poderá ser o autor de tão feia acção? Ou melhor, quem magicou uma brincadeira de tão mau gosto?

Correu entre as crianças o ruído surdo de: Foi a Gisela. E o boato chegou aos ouvidos do Sr. Tocambel, que disse:

- Meninos, eu ouço circular o nome da Gisela. Algum de vós tê-la-ia visto mexer nos sapatinhos?

VOZES - Não, senhor.

TOCAMBEL - Porque vos permitis uma tão grave acusação? Não sabeis que seria um roubo o que ela teria feito? E, visto não haver mexido no meu prémio, nada vos deve fazer supor que ela o tenha levado.

ANDRÉ - É verdade, senhor; mas...

TOCAMBEL - Mas quê? Explica-te, amiguinho; que receias?

ANDRÉ - Senhor, nós estamos todos convencidos da culpabilidade da Gisela, pelo que ela dizia e pelo grande desejo que mostrava de os possuir. Ora nós conhecemo-la bem, e sabemos que, quando pretende uma coisa, ninguém a pode recusar; tem de obtê-la seja como for.

TOCAMBEL - Bem; eu vou falar-lhe; aconselho-vos, porém, meus meninos, a não julgardes sem provas, como acabais de fazer.

O Sr. Tocambel voltou à sala acompanhado de numerosa comitiva, empenhada em conhecer o desenlace da história.

- Gisela - disse o Sr. Tocambel, fixando nela o olhar -, eu não encontro os meus sapatinhos.

- Que pena! - respondeu Gisela. - Eram tão lindos!

TOCAMBEL - É pena principalmente para ti, Gisela, pois, quanto a mim, de mais sabes que eu nunca poderia utilizar objectos tão minúsculos.

GISELA (com vivacidade) - Então, a quem tencionava dá-los?

TOCAMBEL (sorridente) - A ti, possivelmente.

GISELA - A mim! - exclamou Gisela, erguendo-se e lançando-se-lhe nos braços. - A mim! Como o senhor é bom ! Ai, como estou contente ! Posso então guardá-los?

TOCAMBEL - Guardá-los! Mas, pobre menina, não há já nada a guardar; desapareceram.

GISELA - Oh! com certeza que os encontrarão; e, nesse caso, serão meus?

TOCAMBEL - Isso fica dependente do modo e do local em que forem encontrados. E agora, para descobrir o ladrão?... Onde procurá-los? A quem se devem pedir?

GISELA - Não há-de ser difícil. Ofereço-me para lhos procurar, se deseja.

TOCAMBEL - Tu? Então sabes onde eles estão? Sabes quem os tirou?

Só então percebeu Gisela que, com a alegria de vir a possuir os sapatos tão desejados, se tinha descoberto, difícil lhe sendo agora recuar.

Corou vivamente e respondeu a medo:

- Lá saber não sei... mas... cuido ser possível encontrá-los.

TOCAMBEL - Vou eu procurá-los, Gisela, e espero vir a encontrá-los. Quanto a vós, meninos acrescentou ele voltado para o numeroso séquito -, não torneis a acusar ninguém, assim, levianamente. Os sapatinhos devem ter sido levados por engano com outros embrulhos; mas conto reavê-los dentro em pouco.

GISELA - Então não mos quer dar, meu bom amigo? O senhor prometeu-mos.

TOCAMBEL - Não (e olhou para ela com ar severo). Fico com eles; não tos prometi.

Satisfeitas com este desfecho, as crianças dispersaram pelo jardim. Gisela queria ficar, mas a tia Monclair obrigou-a a ir ter com as amigas, ou melhor com as inimigas.

Logo que Tocambel ficou só com Leontina e com a tia Monclair, sentou-se no meio das duas senhoras, recebendo de Leontina um reconhecido aperto de mão.

LEONTINA - Mil vezes obrigada, caro senhor, pela forma delicada como terminou o incidente. Adivinhando quem seja o autor da proeza, confesso que não compreendo o procedimento

da Gisela. Qual o motivo? Qual o fim em vista? Criancice, pela certa. Deve tê-los escondido.

TOCAMBEL - Cuido ter destruído um pouco o mau juízo formado pelas crianças; mas ficará sempre uma impressão desagradável no ânimo delas contra a Gisela, que é, sem dúvida, a culpada. Sabê-lo-ei amanhã.

LEONTINA - Ah! Quando terei eu a ventura de a ver emendada?!

SR.a MONCLAIR - Queres então que ela mude de repente, como sob a acção de varinha mágica? Cabe-te na cabeça que uma criança amimada por ti, e ainda mais por teu marido, durante dez anos, possa mudar de um dia para o outro? Tem de levar o seu tempo.

Aparecimento dos sapatinhos

No dia seguinte, entrou o Sr. Tocambel em casa do Sr. Gerville.

TOCAMBEL - Venho pedir-lhe de almoço, Vítor; mas, antes disso e de cumprimentar a D. Leontina, vou pedir os meus sapatinhos à Gisela.

SR. GERVILLE (embaraçado) - Os seus sapatinhos ! Que sapatinhos?

TOCAMBEL - Os que foram distribuídos como prémio, e que a Gisela escondeu ou trouxe por descuido.

SR. GERVILLE - A Gisela! Ora essa! Não compreendo...

sr. TOCAMBEL (sorridente) - Não se faça de novas! Gisela cedeu à tentação e eu venho exigir o que me pertence.

SR. GERVILLE - Sinto muito, caro senhor, que possa supor. . . que. . .

TOCAMBEL - Acabemos com a brincadeira, amigo. O senhor continua a ser um pai... demasiado condescendente. Eu reclamo os meus lindos sapatinhos, e vou pedi-los à Gisela. Até logo, ao almoço.

Saindo do gabinete do Sr. Gerville, o Sr. Tocambel foi ter com a Gisela.

- Menina - disse ele, ao entrar -, dê-me cá os meus ricos sapatinhos que trouxe ontem; preciso deles.

GISELA - Não os tenho, e por isso não os posso entregar.

TOCAMBEL - Mas a menina pegou neles ontem; estou certo disso.

GISELA - Se peguei neles, guardei-os; já lhe não pertencem.

TOCAMBEL - Gisela, tome cuidado! Ou me entrega o que me pertence, ou vou já buscar um polícia, que a levará à presença do comissário, ao qual terá de responder, em virtude da queixa que vou apresentar. Terá de ficar presa, o que não é nada agradável.

Esta ameaça atemorizou-a de veras; mas animou-se com o

pensamento de que o Sr. Tocambel não se atreveria a pô-la em execução. Não respondeu nem se mexeu.

TOCAMBEL - Eu volto já, menina. Espere por mim.

Gisela esperou, de facto, uns cinco ou dez minutos, sem que o Sr. Tocambel voltasse. E já se felicitava por não haver cedido, quando bateram à porta. Gisela soltou um grito, ao ver entrar um suposto polícia de grandes bigodes e aspecto medonho, mas à paisana. Seguia-o o Sr. Tocambel, mal dissimulando um sorriso.

FALSO GUARDA - É então esta a ladra, senhor?

TOCAMBEL - É sim, Sr. Guarda; antes de a prender, veja se a convence a entregar-me os dois objectos roubados. Se os entregar de boamente, eu renuncio à queixa.

FALSO GUARDA - Menina, persiste em recusar o que pede este senhor?

- Vou buscá-los - respondeu Gisela, pálida de susto. Batiam-lhe os dentes e tremiam-lhe as pernas. Arrastou-se até um armário, abriu-o, tirou de baixo de um pacote de roupa os sapatinhos do Sr. Tocambel e entregou-lhos, sem resistência. Tendo-os recebido, Tocambel saiu logo, acompanhado pelo suposto guarda.

TOCAMBEL - A sua aparição produziu maravilhoso efeito. Aqui tem o dinheiro que lhe prometi. E muito obrigado pela sua ajuda.

FALSO GUARDA - Não há de quê, senhor. Inteiramente ao dispor, sempre que desejar, para qualquer coisa que surja.

TOCAMBEL - Espero bem não abusar dos seus bons serviços; a verdade é que a pequena o tomou por um autêntico polícia; teve-lhe um medo espantoso; era isso que eu queria.

O falso polícia foi-se embora, e o Sr. Tocambel entrou na sala, onde encontrou Leontina a preparar os cadernos de Gisela.

- Sr.a D. Leontina, fui obrigado a um gesto violento. Imagine que a Gisela começou por negar, há bocado, ter escamoteado ontem o prémio que me saiu na quermesse. Depois recusou-se a entregar-mo. Após a feia acção dela, eu não queria dar-lhe os sapatinhos.

LEONTINA (inquieta) - Então, que fez?

TOCAMBEL - Fui procurar um polícia...

LEONTINA (aflita) - Ai! Senhor!

TOCAMBEL - Calma! Nada de susto. Combinei com um falso polícia vir meter medo a uma menina má; se não fosse bem sucedido, retirar-se-ia muito simplesmente. A verdade é que a Gisela teve tanto medo dele, que me entregou, acto contínuo, os sapatinhos.

Uma boa palmada nas costas fez o Sr. Tocambel voltar-se. Quem havia ele de ver? A Sr.a Monclair em pessoa, a fitá-lo encolerizada, mas com essa cólera risonha e amiga que nem fere nem amedronta. Sentaram-se à mesa. Gisela mostrava um ar desdenhoso, que a mãe em vão procurou

decifrar. Conversou-se animadamente, graças à veia humorística da baronesa e à réplica espirituosa de Tocambel.

Estava a acabar o almoço, quando trouxeram a Gisela um embrulho; esta deu-se pressa em abrir, e soltou um grito de alegria quase ao mesmo tempo que erguia um par de sapatinhos semelhantes àqueles de que se mostrara tão desejosa. Inclinando-se para a tia, Leontina disse-lhe, baixinho, umas palavras.

- Gisela, mostra-me esses lindos sapatinhosdisse a tia, sorridente.

A sobrinha passou-lhos para a mão.

SR.a MONCLAIR - Quem foi que te comprou isso?

GISELA - Foi o meu querido papá, para me compensar das maldades de que ontem fui vítima.

SR.a MONCLAIR- São um amor!... Tenho ganas de ficar com eles.

SR. GERVILLE - Vou dar-lhe o endereço do fabricante, minha tia.

SR.a MONCLAIR - Pois sim, mas eu prefiro estes.

GISELA (inquieta) - Não pode ser, minha tia; esses são meus.

SR.A MONCLAIR - Isso que importa? Tu não te apossaste ontem dos sapatinhos do Sr. Tocambel?... Nada, nada, fico com eles; são muito lindos.

E dizendo isto, foi-os metendo na algibeira.

Surpreendida e consternada, Gisela não sabia que fazer.

- Papá! - disse em voz lacrimosa, voltada para ele.

Reanimando-se a este apelo, o Sr. Gerville disse dirigindo-se à tia:

- A tia está a brincar, não está? Bem vê como a Gisela ficou incomodada. Quer ter a bondade de lhe restituir os sapatinhos? SR. MONCLAIR - Quê, meu sobrinho? Faço o que a Gisela fez ontem; com a diferença de proceder publicamente e diante de todos, enquanto que ela o fez às escondidas. Se não procedeu mal, porque não hei-de eu seguir-lhe o exemplo? E se fez mal, porque havia ela de ser recompensada e eu não? Ou então porque não hei-de eu impedi-la de receber a recompensa da sua feia acção?

SR. GERVILLE (reprimindo a custo o mau humor) - Não chores, Gisela; hei- de comprar-te outros; fica certa.

SR.A MONCLAIR - Gisela, se queres reparar o mal feito ontem e esta manhã, e fazer-nos esquecer a tua acção vergonhosa, é-te bem simples: recusa o que te oferece a excessiva bondade do teu papá. Será um lindo rasgo de coragem e generosidade, com que vais remir o feio gesto cometido; elevar-te-ás aos teus próprios olhos e, um dia que te lembres de contar esta anedota, poderás dizer: Tive um lindo gesto na minha infância. Pasmada, Gisela estava indecisa a olhar para a tia e para os pais. Estes últimos

baixavam os olhos.

SR.a MONCLAIR- Olha, Gisela, não estranhes que te diga francamente que és culpada. Lá rodeios é que eu não uso. Em vez de recompensa, precisas de um castigo; e, como ninguém se atreve a infligir-to com pena de te entristecer, és tu mesma que o deves aplicar a ti própria, corajosa e generosamente. Vamos, querida amiga; faz um pequeno esforço. Não custa nada; é um instante.

Gisela empalideceu, hesitou um momento, mas, tomada de coragem, disse ao pai:

- Papá, a tia tem razão; o meu procedimento foi mau; estou envergonhada. Não me compre nada. Querido amigo - acrescentou ela, voltando-se para o Sr. Tocambel -, confesso que pratiquei uma acção bem feia; se me quiser perdoar por esta vez, será grande a sua bondade.

TOCAMEL (abraçando-a) - Pois não havia de perdoar, minha amiguinha? Do fundo do coração.

SR.a MONCLAIR - Ora, é assim mesmo, Giselinha; vês como foste bonita? Estou muito contente contigo. Para não esqueceres este dia, que te deve ficar de lembrança, quero que guardes os sapatinhos, que te ofereço com o maior prazer. Ganhaste- os com a tua coragem; são teus.

A baronesa entregou à Gisela os sapatinhos que lhe havia confiscado. Encantada, Gisela agradeceu-lhe com tanto ardor e abraçou-a com tanto carinho, que deixou ciumentos os pais, cujos excessivos mimos tolhiam as boas disposições naturais da filha.

SR.a MONCLAIR - Tendo concluído o desempenho do meu papel aqui, agora que a Gisela se reabilitou, o que tanto me alegra o coração, vou deixá-los, levando comigo o meu fiel amigo Sr. Tocambel e os seus sapatinhos. Portem-se os três com muito juízo. Tu, Vítor, pai demasiado indulgente, e tu, Leontina, mãe excessivamente complacente, imitai a vossa filha, que teve a coragem de ouvir a voz da consciência, infligindo-se um castigo que reconheceu

merecer; e tu, minha corajosa Gisela, continua a tratar-te com justiça, para chegares à perfeição.

E abraçando Gisela, a Sr.a Monclair saiu com Tocambel que começou a arrelhar logo que deixou a sala.

- Muito gosto da tia! - disse Gisela, ao cabo de uns momentos.

SR. GERVILLE - E de mim, filhinha, não gostas?

- Oh ! sem dúvida - disse friamente Gisela.

SR. GERVILLE - Tanto como da tua tia, não?

- Sim, papá - respondeu ela, com hesitação.

Percebendo esta hesitação, o pai, inquieto, insistiu:

- Ó Gisela, então gostas menos de mim que da tia?

GISELA (embaraçada) - Não sei bem, papá; respeito muito a tia e tenho confiança nela.

SR. GERVILLE - Então eu não te inspiro igual confiança?

GISELA - Não, papá, porque me estragas com mimos.

SR. GERVILLE - Estrago-te, estrago-te! Então não vês que, se acedo aos teus pedidos, é pela muita ternura que te voto, e para te dar prazer?

GISELA - Bem o sei; mas também sei que faço mal, e o papá não tem coragem de mo dizer, o que é mal feito; pois me prejudica em lugar de me beneficiar. Eis a razão de não ter no papá a confiança que tenho na tia baronesa.

SR. GERVILLE - Nesse caso, também não tens confiança na mamã?

GISELA - Tenho alguma, porque a mamã impediu-me algumas vezes de proceder mal.

SR. GERVILLE - Ah! Gisela. Como és ingrata connosco, especialmente comigo!

GISELA - Ingrata não sou, papá. Gosto muito de si, mas... não sei como explicar o que sinto... Estimo-o muito, sim; não lhe tenho, porém, o respeito que nutro pela tia.

O Sr. Gerville não replicou. O que Gisela não sabia explicar dizia-lho a consciência. Perdera a confiança da filha.

Novas maldades do anjinho ; A mãe continua a dar sinais de fraqueza

Os dias seguintes decorreram razoavelmente, não se tendo Gisela deixado vencer por cóleras violentas, por impertinências manifestas, nem por grandes teimosias. Leontina triunfava; recebia as felicitações da tia e dos irmãos. Gisela ia perdendo os modos arrogantes, escarninhos, revoltados. Começava-se a crer na sua regeneração. O pai estava sempre a dizer:

- Mas que amor de criança!

A mãe dava-lhe agora mais que nunca o nome de seu anjinho, seu amorzinho>>. E Gisela sem abusar!

Mas um dia, dia fatal, entrou a Sr.a Rondet, a nova professora, precipitadamente no gabinete de Leontina, muito descontente, de olhar irritado e de lábios cerrados. Esta atitude fez tremer Leontina.

Meu Deus! - pensou ela. - Que teria sucedido? Coisa bem grave, pela certa.

- Que deseja, querida senhora? - perguntou com o seu mais gracioso e benévolo sorriso, para a acalmar de antemão.

SR.A RONDET- Peço-lhe, minha senhora, que leia este papel, que encontrei, quando arrumava os cadernos da menina Gisela.

Eis o que Leontina leu:

Retrato da Sr.a Rondet.

A Sr.a Rondet é uma estúpida. A Sr.a Rondet é um ouriço-cacheiro. A Sr.a Rondet é uma víbora.

A Sr.a Rondet é um sapo. A Sr.a Rondet é um cão de

fila. É feia como um diabo; detesto-a como a um demónio. Aborrece-me, arrelia-me, enfurece-me.

Leontina ficou pasmada, sem poder explicar tão injuriosa missiva. Como desculpar Gisela e acalmar a Sr.a Rondet?

- Minha querida senhora - balbuciou por fim -, Gisela é tão nova! Foi uma brincadeira de mau gosto, uma criancice. Suplico-lhe que lhe perdoe.

SR.a RONDET- Quem me dera poder perdoar-lhe, minha senhora; para isso é preciso que ela manifeste o seu arrependimento, redobrando de docilidade e de aplicação para me fazer esquecer tal impertinência.

LEONTINA - Custa-me a crer, Sr.a Rondet, que houvesse impertinência. A pequena nunca pensou que a senhora viesse a ler esse papel. Foi uma criancice. Peço-lhe que não creia em má intenção. Ela está tão mudada!

SR.a RONDET - Não digo o contrário. Melhorou, decerto, minha senhora, mas há uns dias para cá afrouxou bastante. Custa-lhe a obedecer, apresenta os exercícios mal feitos... Vejo-me forçada a ralhar-lhe e foi, talvez, isto que me valeu o elogio que se lê nesse papel.

LEONTINA - Ouça, senhora professora: eu vou falar com a Gisela, e estou certa de que ela se apressará a vir pedir-lhe desculpa e a mostrar-se arrependida e dócil.

Esta satisfação quase que contentou a Sr.a Rondet. Tocando a campainha, Leontina mandou dizer à menina Gisela que desejava falar-lhe. Esta apresentou-se logo a seguir, dizendo:

- A mamã chamou-me? Como vê, vim imediatamente.

LEONTINA - É assim que se faz, minha querida filha. Ora diz cá, meu anjinho, porque foi que escreveste isto que a tua professora acaba de me apresentar?

GISELA (apoderando-se do papel) - Ai! Céus! Então ela deu com isto? Quem a manda remexer-me as gavetas? Não quero que as abra, e vou proibir-lho.

LEONTINA - Vê como falas, minha querida! Proibir-lho? Tens lá o direito de proibir-lhe seja o que for?

GISELA - Não permito que toque no que me pertence.

LEONTINA - Mas, filha, é indispensável que ela te veja os cadernos, os corrija e os arrume.

GISELA - Então está assim furiosa?

LEONTINA - Como? Furiosa, não; mas descontente, sim, e muito. Está à espera que lhe vás pedir desculpa.

GISELA - Ora essa! Pedir desculpa, não? Pois então, bem pode ficar à espera. Tenho de levar este papelinho aos Campos Elísios, onde todas as minhas amigas ficaram de levar também o retrato das suas mestras, para lermos tudo aquilo. Vai ser divertido!

LEONTINA - Ó minha filha; não faças tal, que é muito mal feito. Se as professoras vierem a sabê-lo, ficarão fúlas, e não mais quererão dar-vos lições.

GISELA - Ah! o perigo não é grande: morreriam de fome!

LEONTINA - Ora vê a gravidade do caso: todas faltariam ao reconhecimento e respeito que deveis às professoras, só por supordes que, para viverem, elas precisam das vossas lições. Como vos enganais! Nem todas precisam das lições para viver; i, depois, quando assim fosse, tu não tinhas vergonha de te aproveitar da pobreza de uma pessoa bem educada, instruída e complacente, para a humilhar e afligir, só por a julgares sem defesa?

GISELA - Não digo que não; mas lá pedir-lhe desculpa é que não peço.

LEONTINA - Como queres tu que ela continue a dar-te lição depois de ter lido as palavras ofensivas que escreveste?

GISELA - Que finja tê-las esquecido.

LEONTINA - Não pode ser, minha filha, isso é impossível! Vamos, Gisela, vai abraçá-la e dizer que estás muito pesarosa por a teres magoado; que foi uma brincadeira de criança, que foi para rir que escreveste aqueles disparates.

GISELA - Abraçá-la é que não quero, pois cheira muito mal.

LEONTINA - Pois então não a abrace, mas diz-lhe umas amabilidades parecidas com um pedido de desculpa.

Gisela não deu resposta; deixou a mãe e lá foi, amuada, para a sala de estudo. Embora escutasse, Leontina não ouviu nada. Instantes depois, voltara a mestra.

- Venho comunicar-lhe, minha senhora, com bastante pesar, que me é impossível continuar a dar lições à menina Gisela.

LEONTINA - Então porquê, senhora professora? A Gisela não lhe pediu desculpa da sua criancice?

SR.a RONDET - As desculpas da menina só agravaram a falta cometida, senhora. Eis o que ela me disse :

Minha senhora, sinto muito que tivesse encontrado e lido o papel que foi entregar à mamã. Não devia remexer nas minhas gavetas; não está autorizada a tocar nas minhas coisas. Não foi para a senhora que escrevi aquele papel, mas sim para as minhas amigas dos campos Elísios.

- Já vê, minha senhora, que não posso aceitar a posição que teria, de futuro, junto da menina Gisela. Peço-lhe o favor de regularizar as contas, pois vou retirar-me.

LEONTINA (contristada) - Estou deveras penalizada, querida senhora; mas, pois assim o quer, vou pagar-lhe as lições. Julgo que foram dez. Aqui tem a importância respectiva e creia que sinto muito que a senhora não possa continuar a leccionar a minha filha.

A Sr.a Rondet cumprimentou e saiu. Leontina foi à sala de estudo, mas não estava lá ninguém. Ordenou ao criado que fosse chamar a menina Gisela.

- A mamã chama-a - disse o criado, ao entrar.

GISELA - Pois diga-lhe que saí; vou já partir com a

criada.

CRIADO - Mas, visto a menina não ter saído ainda, deve ir ter com a mamã.

GISELA - De forma nenhuma. Eu bem sei porque a mamã me chama; é por causa da tola da

Sr.a Rondet; nada de grandes pressas. Vai, Henrique, vai, e dá-lhe bem o recado...de contrário...

Gisela não acabou a frase; o pensamento foi-lhe completado por um dedo ameaçador.

De contrário, farei com que te mandem embora - compreendeu para si Henrique.- É sempre o mesmo lindo génio!

Henrique cumpriu as ordens de Gisela, dizendo que a menina saíra.

- Saiu. É singular! - notou Leontina.- Porque se apressou tanto?

Preocupada, decidiu ir a casa do irmão, a quem pôs ao corrente das novas maldades de Gisela.

Em face da constante fraqueza de Vítor e da vontade pouco firme da irmã, Pedro reflectiu durante algum tempo, não sabendo como aconselhá-la.

PEDRO - Havia um meio excelente; mas nem o Vítor nem tu estais dispostos a empregá-lo. Falta-vos para tanto a coragem.

LEONTINA - Qual é ele, mano Pedro? Que queres dizer com isso? De que meio falas tu?

PEDRO - Internar Gisela num convento até à sua primeira comunhão. Está com dez anos: dois anos de convento far-lhe-iam muito bem. Vinha de lá corrigida. Tínhamo-la aí dócil, meiga e afável.

LEONTINA - Isso nunca, Pedro! Separar-me da minha filha, não, nunca!

PEDRO - Então das duas uma: ou te resolves a ser firme a valer, em face dos maus hábitos que ela contraiu desde criança, e que são difíceis de corrigir, ou tens de deixá-la fazer todas as vontadinhas, ficando cada vez mais impertinente e insuportável. Escolhe uma das duas; não há meio termo.

LEONTINA - És muito desanimador, Pedro: vou aconselhar-me com a tia Monclair, que, decerto, me dará um conselho mais suave.

PEDRO - Experimenta, Leontina. Se a tia Monclair encontrar processos mais suaves, tanto melhor para ti. Porém, o mal é antigo; começou, pode dizer-se, no berço da Gisela; não te é fácil corrigi-la.

- Ó papá - disse o Jorge, aparecendo a correr -, está ali a Gisela toda enlameada e cheia de arranhadelas. Foi espancada por um grupo de meninos. Foi a nossa criada que a salvou, quando ela estava a chorar alto, e a trouxe para aqui.

Leontina soltou um grito e atirou-se pelo corredor que

dava para o quarto dos sobrinhos. Pedro seguiu-a logo, precedido de Jorge.

Quando Leontina entrou, já tinham tirado o vestido enlameado à Gisela; procurava a criada lavar-lhe a cara, mas ela não queria: gritava e debatia-se. Teve Pedro de agarrá-la e obrigá-la a lavar-se, à força. Viu-se então que não havia ferimento algum de gravidade, embora as arranhadelas fossem numerosas. A mãe, aflitíssima, queria abraçá-la, estreitá-la ao seio; porém a filha repeliu-a, não querendo mesmo responder às suas perguntas consecutivas. A criada dos sobrinhos conseguiu, finalmente, fazer-se ouvir.

CRIADA - À chegada da menina Gisela aos Campos Elísios, senhor, já se encontravam muitos meninos a brincar; os nossos também lá estavam. A menina Gisela pôs-se a ler um papel que trouxera; uns riam, outros censuravam-na. Logo a seguir, a menina propôs, ao que parece, que todos fizessem o

retrato dos próprios papás e mããs, proposta que foi rejeitada por eles. Sem desistir, pôs-se a menina Gisela a fazer o retrato do seu papá, de modo tal, que nem me atrevo a repeti-lo. Quis depois fazer o retrato dos pais dos outros meninos. Estes zangaram-se, mas ela continuou sem fazer caso das ameaças. Então eles lançaram-se todos contra ela, para a forçar a calar-se. Estando num terreno regado de fresco, escorregou e caiu num sítio cheio de lama, rolando pelo chão, sem contudo deixar de continuar com os disparates sobre os pais dos meninos. Estes pretenderam tapar-lhe a boca com as mãos; mas, como ela se debatia, apanhou muitas arranhadelas com as unhas, como se lhe pode ver na cara.

PEDRO - Mas onde é que estava a criada dela, quando a história principiou?

CRIADA - Tinha ido a um recado e pedira-me para olhar pela menina Gisela, como pelos meus meninos. Mas é que não é fácil guardá-la, porque foge, apesar de todas as cautelas. Ora, eu não podia deixar os meus meninos sozinhos entre a multidão para correr atrás dela. Fiquei deveras embaraçada, quando a vi no chão, sacudida por todas as crianças, meninos e meninas, indignados por lhe ouvirem insultar os pais, fulos como já estavam pelos insultos que ela dirigira à professora, conhecida e estimada de muitos dos que estavam presentes. Tendo confiado os meninos a um indivíduo, boa pessoa que os meninos há muito conhecem e estimam, corri a libertar a menina Gisela e trouxe-a para aqui auxiliada pela bondosa pessoa a quem confiara os meninos, e a quem pedi que dissesse à criada da menina Gisela onde esta se encontrava.

LEONTINA - Mas para que abandonou a Emília a minha filha a todos esses meninos maus?

CRIADA - Foi mesmo a menina que a mandou ir comprar-

lhe não sei quê. Quanto aos meninos não se lhes pode chamar maus, minha senhora. Divertem-se muito delicadamente uns com os outros, e até com o menino Jorge e a menina Isabel, mas ficaram irritados, ao ouvirem a menina Gisela falar dos pais deles tão inconvenientemente.

LEONTINA - Sofres muito, meu anjinho?

-Horrivelmente... -respondeu Gisela, que não tinha quase dor nenhuma.

PEDRO (indignado) - Ainda bem, criança depravada! Desejava que te doesse deveras, e que, em vez dessas arranhaduras, que não são nada, ficasses desfigurada a valer, para o rosto condizer com a tua feia alma e o teu mau coração!

LEONTINA - Ah, Pedro, como és cruel!

PEDRO - Eu, cruel; tratando-se de uma desgraçada que leva a maldade a ponto de ofender o pai, excessivamente bom para ela, e ferir os bons sentimentos desses meninos de quem gosto imenso por terem vingado as ofensas aos seus pais?

- Vista a menina para a levar já comigo! - disse Leontina, fora de si. - Não podemos ficar mais tempo nesta casa.

PEDRO - Tens razão. Vai continuar em casa a tua linda obra, com o auxilio do teu marido. Venham, meus queridos filhos, venham ter com a mamã e com as tias.

Gisela disposta a entrar num convento

Gisela não se sentia bem; a mãe não lhe falara ainda da sua impertinência para com a Sr.a Rondet, nem da sua saída precipitada com a criada, nem do que se passara nos Campos Elísios. Era impossível que não lhe viesse a falar no assunto. Receava, pois, as perguntas e os ralhos da mãe, cuja fisionomia deixava entrever tristeza e descontentamento. Permanecia, por isso, sentada na outra extremidade da sala, afastada da mãe; fingia ler.

Por sua vez, Leontina parecia muito entretida com um livro, mas pensava em Gisela; procurava persuadir-se de que ela tinha bom coração, viva afeição pelos pais e que os pequenos defeitos do seu carácter desapareciam pelo raciocínio e com o tempo. Sentia-se muito desgostosa com o mano Pedro, achando-o cruel e absurdo. Revoltava-a o seu conselho de internar a Gisela num convento.

Alheada nestes pensamentos, nem viu nem ouviu a tia Monclair entrar na sala. Ao vê-la assim absorvida, a Sr.a Monclair fez sinal à Gisela para a seguir, saindo sem ruído. Gisela assim fez: levantou-se e seguiu a tia para a sala de visitas.

SR.a MONCLAIR - Gisela, senta-te ali e responde francamente ao que te vou perguntar. Devo prevenir-te de que estou ao corrente de tudo: estive com a Sr.a Rondet em

casa da menina Mouny que estava contigo nos Campos Elísios; vi a Lúcia Tornac, que também lá estava. Falei ao tio Pedro e à criada dos teus primos; já vês que sei o que se passou. Portaste-te muito mal em tudo e por toda a parte: com a Sr.a Rondet procedeste maliciosa, tola e cobardemente; com as tuas amigas dos Campos Elísios foste, no tocante aos pais delas, grosseira, má e malcriada; no que respeita a teu pai, ingrata, revoltante, abominável. Eis quanto ao passado. Quero saber o que tu sentes, o que pensas, o que receias, o que esperas. Para começar pelo princípio, diz-me porque escreveste aquelas inconveniências contra a Sr.a Rondet?

GISELA - Porque me arreliou muito na lição anterior; chegou a obrigar-me a repetir vinte vezes uma frase que, no entender dela, eu dizia mal. Para me vingar das suas arrelias, escrevi o papel que ela foi buscar à minha gaveta.

SR.a MONCLAIR - Mas para que foste mostrá-lo às tuas amigas?

GISELA - Porque lhes tinha falado nele, na véspera; acharam graça à ideia e ficou combinado lermos todas, esta manhã, os retratos das nossas professoras.

SR.a MONCLAIR - E nenhuma pensou na maldade de tal leitura?

GISELA - Não, tia; não me parece que haja nisso maldade. As professoras arreliam-nos tanto, que me parece justo tirarmos a desforra.

SR.a MONCLAIR - Se vos arreliam é para vosso bem, instruindo-vos; e vós, caluniando-as, desfazeis a sua boa reputação. Porque tiveste o mesmo mau pensamento para com o teu pobre papá?

GISELA - Porque... não me atrevo a dizê-lo, tia; certamente vai ralhar-me.

SR.a MONCLAIR - Ah! isso é que não, Gisela; nunca te ralharei por uma explicação franca e verdadeira; podes falar sem receio; estás aqui como em confissão: nada do que me disseres será repetido lá fora, a não ser com o teu consentimento. E não poderá acarretar-te a menor censura.

GISELA - Pois bem, minha tia, é que não gosto lá muito do papá; amima-me de tal forma, que não gosto de estar com ele; não quero passear com ele, pois receio encontrar as minhas amigas, que escarnecem das suas mimalhices. Não consigo convencer-me a estimá-lo; ele quer-me de mais, e sinto que me prejudica com esses extremos.

A Sr.a Monclair não respondeu logo; ficou uns momentos a reflectir de rosto escondido nas mãos e a Gisela julgou ouvi-la dizer a meia voz: Que castigo !

- E à tua mãe - disse, por fim, a Sr.a Monclair -, a tua pobre mãe, queres-lhe muito ao menos?

Gisela fez-se muito vermelha e baixou a cabeça.

SR.a MONCLAIR - Diz francamente, Gisela: gostas da tua mãe?

GISELA - Bastante, minha tia.

SR.a MONCLAIR - E porque não gostas muito? Se ela é tão boa para ti...

GISELA - Lá isso é, minha tia, mas... já sei que me vai ralhar.

SR.a MONCLAIR - Não, não, menina; escusas de ter medo. Juro-te que não ralharei, digas tu o que disseres !

GISELA - Pois bem, tia, aí vai: a mãe é muito boa, lá isso é, mas tem medo de mim; chama-me o seu anjo, o seu amor, sabendo muito bem que nem sou uma coisa nem outra; mas receia que eu estoire, me irrite. Nem sequer ousa ralhar-me, castigar-me, ou dizer-me que procedi mal. Não é bem a mesma coisa que o papá, mas aproxima-se muito. Ora, tal coisa desagrada-me; não gosto disso, e faço pouco deles a sós comigo mesma, o que me impede de lhes querer tanto quanto devia.

SR. MONCLAIR - Mas, Gisela, tu compreendes perfeitamente quão mal procedeste hoje, e o desgosto que hão-de experimentar a mamã e o papá.

GISELA - ■De facto, minha tia, bem o sei; é-me desagradável, mas não me inquieta. Se me pudesse ausentar uma temporada, muito gostaria, pois aborrece-me vê-los tristes, à mamã principalmente, pois que o papá até me impacienta.

SR.a MONCLAIR - Como tens duro o coração! Pobre Gisela! Minha pobre amiguinha, queres emendar-te? Mas queres a valer?

GISELA - Pois sim, tia; mas é tão difícil! E é tão bom fazer todas as nossas vontadinhas, nunca ser contrariada !

SR.a MONCLAIR - Não és contrariada, é verdade; mas também ninguém gosta de ti. Até as tuas amigas fogem de ti! Aqueles a quem magoaste hoje combinaram nunca mais brincar contigo! Será uma vida agradável a que vais levar?

GISELA - Será aborrecidíssima para mim, tia; mas... e volta a dar-lhe? Tenho culpa de ter sido assim amimada e estragada, desde que nasci, pelo papá e pela mamã?

SR.a MONCLAIR - Cala-te, menina, se fazes favor. Não te faças pior do que és, lançando a culpa dos teus defeitos sobre os teus pais. Vou fazer-te ainda uma pergunta, e será a última. Não quererias tu entrar num convento por dois anos, até à tua

primeira comunhão?

GISELA (aterrada) - Num convento! Oh, não, não quero ir para lá; é muito triste e aborrecido. Prefiro ficar com a mamã. Peço-lhe, minha boa tia, que os não aconselhe a internar-me.

SR.A MONCLAIR - Não aconselharei tal, Gisela, pois sei que tu não ficarias lá.

GISELA - Pois está visto que não: fugia na primeira oportunidade.

SR.a MONCLAIR - Não era isso que eu queria dizer, mas que te expulsariam do convento.

GISELA - Expulsar-me! Ora essa! Se as freiras pensam que me expulsariam como a uma pobretona, estão bem enganadas.

SR.a MONCLAIR - Que remédio havia senão saíres, se elas te obrigassem!

GISELA - Mas tal não aconteceria, pois eu havia de me comportar de forma a não dar motivo a medida tão severa.

SR.a MONCLAIR- Era o que nós veríamos se lá entrasses; garanto-te que não levavas a melhor.

GISELA- Quando desejo uma coisa a valer, sempre a obtenho. Se quisesse ir para o convento, ninguém mo impediria, nem me expulsariam depois de lá estar.

Sra MONCLAIR - Pois eu informo-te que saías. E, dizendo isto, deixou a sala. Estás apanhada! - disse para consigo- contanto que os pais me deixem agir! Arreliando-a um pouco com a saída forçada do convento, ela quer ir, só para nos fazer pirraça. E, uma vez lá, que remédio tem senão habituar-se a obedecer, a trabalhar, a ceder! Falar-lhe-ão de religião, de caridade, de doçura e bondade e, daqui a dois anos, temos uma Gisela emendada.

- Leontina - disse a Sr.a Monclair, entrando no gabinete da sobrinha. Esta estremeceu e voltou-se. Não se tinha mexido donde estava desde a saída de Gisela.

SR.a MONCLAIR - É preciso, Leontina, que teu marido nos deixe agir livremente, no interesse da Gisela.

LEONTINA - Não lhe há-de ser difícil, tia, pois sente-se desanimado e muito disposto a nunca mais se intrometer neste assunto.

SR.A MONCLAIR - Tanto melhor; mãos à obra. Queres confiar-me a direcção de Gisela durante dois anos?

Leontina debulhou-se em lágrimas. A tia acal mou-lhe o nervosismo com palavras suaves, mas firmes e sensatas. Contou-lhe, embora sem dizer tudo, o resultado da conversa com a filha, a necessidade instantânea de internar Gisela no convento e o meio de a fazer permanecer lá. Após longa discussão e muitas lágrimas, consentiu Leontina em secundar o plano da tia, autorizando-a a tratar de tudo com Gisela.

SR.a MONCLAIR - É enquanto o ferro está quente que se deve malhar. Vou ter com a Gisela e verás que vai ser ela quem te forçará a deixá-la entrar no convento.

LEONTINA - Não posso crer em tal, minha tia; vamos mas é ter uma cena em sentido contrário.

SR.a MONCLAIR - Tu verás.

A tia abriu a porta da sala. Gisela ainda lá estava, pensativa e irritada.

- Gisela, minha pobre sobrinha, receio termos de ceder; a mamã tem muita pena de se separar de ti; tem medo de que sejas expulsa do convento antes de um mês, e, para te evitar essa humilhação, prefere reter-te em casa e educar-te com a ajuda do papá. Anda ter com ela; provavelmente terás de ficar aqui; afinal não vais ser

infeliz, pois trabalharás com a mamã e passearás com o papá.

GISELA - Pois nem quero trabalhar com a mamã nem ir passear com o papá. Quero entrar para o convento.

SR.A MONCLAIR - Mas para quê, se vais dar motivos a que te expulsem?

GISELA - Já lhe disse que não darei pretexto a ser expulsa, minha tia.

SR.A MONCLAIR (dirigindo-se a Leontina)Vamos lá, Leontina, concede-lhe o que te pede, visto que nos promete não dar motivo à expulsão.

LEONTINA - O quê? Ela promete ser bem comportada? É impossível!

GISELA - Pois quero entrar no convento e entrarei mesmo.

LEONTINA - E teu pai? Que vai ele dizer?

GISELA - O papá nada dirá, sabendo que sou eu que quero.

LEONTINA - Bem... se não houver maneira de to recusar. . .

SR.A MONCLAIR - A mamã consente. Anda depressa, Gisela, vem comigo; vamos tomar um carro para visitar os conventos dos Oiseaux e o do Sacré-Coeur. Se qualquer deles te agradar, iremos às compras para o enxoval e só depois viremos dar a resposta à mamã.

Surpresa e irritação do Sr. Gerville

A baronesa e a sobrinha visitaram os dois conventos: dos chOiseaux, e do Sacré-Coeur".Como a Gisela preferiu o primeiro, voltaram lá, e viram todas as instalações,tendo mesmo a Superiora autorizado Gisela a brincar com as alunas,na meia hora de recreio,ao lanche. Enquanto Gisela travava conhecimento com as futuras condiscípulas,explicava a Sr.a Monclair à Superiora a situação e o carácter da sobrinha.Logo

compreendeu a Superiora,de grande inteligência e religiosidade,que não se tratava apenas de receber mais uma aluna,mas de uma grande obra a realizar.

Prometeu,pois,velar por isso com o maior cuidado, usar para com Gisela de grande firmeza,suavizada de extrema doçura, e compreendeu o pensamento da Sr.a Monclair em fazer admitir a pequena o mais depressa possível, para não lhe dar tempo a mudar de ideia. Ficou, pois, assente que a levariam a pedir ela própria a sua entrada no convento logo no dia seguinte. Terminado o recreio, já Gisela estava inteiramente relacionada com duas ou três condiscípulas da sua idade, ardendo em desejos de voltar a vê-las, o mais cedo possível.

- Vem já amanhã, nós to suplicamos - disseram-lhe as novas amigas. - É feriado por ser dia de anos da nossa

professora.

- Virei, de certeza, eu vo-lo prometo. Como nos vamos divertir! Adeus, queridas amigas, já gosto muito de vocês.

-E então nós! Também te queremos muito. Que felizes não seremos juntas! Hás-de ver.

- Adeus, adeus!

Gisela foi ter com a tia, e saíram para as compras. Gisela estava doida de alegria; beijava as mãos da tia em sinal de agradecimento.

- Amanhã, - disse ela - levantar-me-ei cedinho.

SR.a MONCLAIR - Para dar a teus pais tempo de estarem contigo e de se habituarem à ideia de passarem sem ti?

GI SELA - Oh! se vamos a isso, quanto mais cedo, melhor. Eles vão chorar, quererão mesmo obrigar-me a ficar, o que me desolaria. Suplico-lhe, minha boa tia, que me faça entrar amanhã mesmo. É feriado por causa do aniversário de uma professora; vai ser muito divertido. Quero absolutamente entrar já amanhã.

Ficou, pois, assente que, no dia seguinte, ao meio-dia, a Sr.a Monclair viria buscar Gisela para a levar ao convento. O Sr. Gerville e a esposa só lá deviam ir no dia imediato à entrada, a fim de verificarem como ela se dava, e se queria ficar. Muito satisfeita com o combinado, Gisela foi-se deitar, depois de recomendar à tia que fosse pontual.

Gisela foi recebida com entusiasmo; as amigas da véspera fizeram-lhe mesmo esquecer a tia, que ela deixou partir sem um adeus. A visita dos pais no dia seguinte foi-lhe pouco agradável, por lhe fazer perder o recreio com as amigas, e por ter sido abraçada umas cem vezes. Gostou muito da primeira vez que saiu, porque lhe fizeram perguntas sobre a vida do internato, e por ter feito tudo o que lhe apeteceu de manhã à noite. O regresso ao convento foi alegre; o pai até ficou chocado com a alegria descuidada que ela testemunhou.

Mau efeito das férias

Vieram as férias, as quais tendo principiado bem, acabaram mal. Leontina foi descaindo em concessões de começo, maiores seguidamente. Foram passar quinze dias a casa do tio Pedro, onde também se encontravam a Sr.a Monclair e o Sr. Tocambel. Gisela lembrou-se, um dia, de ir a uma festa de aldeia. Acompanhou-a toda a família. Pedro velava especialmente pelos filhos, que lhe pediram para entrar numa barraca, onde estavam expostos animais selvagens.

- Não, meus filhos - respondeu o Sr. Néri -, porque estes animais nem sempre estão bem guardados. Aproximando-vos demais podereis ser maltratados por eles.

Habituaos a obedecer, Jorge e Isabel não insistiram,

e pediram para ir comprar rifas no bazar, o que lhes foi concedido com gosto. Enquanto lhes saíam chávenas, copos e pão de ló, lembrou-se Gisela de pedir que a levassem a ver as feras.

LEONTINA - Não, Gisela, lá isso não; é muito perigoso: não ouviste o que disse o tio aos prinos? Vamos a outra coisa.

GISELA - É que eu desejo muito ver as feras.

LEONTINA - Já viste bem mais lindas, no Jardim Zoológico.

GISELA - É o mesmo; quero ver estas também.

Leontina lutou ainda algum tempo, mas vendo-a prestes a dar espectáculo, disse o Sr. Gerville:

- Eu levo-te lá; comigo não há-de haver perigo.

LEONTINA - E se lhe acontece alguma?

SR. GERVILLE - Não lhe há-de acontecer nada. Não há tanta gente que entra e sai sem perigo!

LEONTINA - Pois bem, Vítor; já que o desejas... Mas cuidado, querida filha; não te chegues muito a esses bichos.

GISELA - Fique descansada, mamã; terei cautela. Vamos, papá, vamos depressa; vejo vir acolá o tio Pedro.

O Sr. Gerville apressou-se a pagar e a entrar na barraca; os animais eram de magreza aterradora, pelados e de aspecto sarnento.

- Oh! Que feios! Que magros são! - exclamou Gisela.

SR. GERVILLE - Não devem ser muito perigosos; parece estarem a morrer de velhice e fraqueza.

Nisto, ouviu-se o rugido de um tigre perto de Gisela, que a deixou a tremer e lhe fez dar um salto para a retaguarda, mas, tropeçando, foi cair perto da jaula de um urso preto, oculto na escuridão. O grunhir do urso excitou o tigre, que tornou a rugir. Aterrada, Gisela quis erguer-se, mas sentiu-se presa pelo vestido, que as garras do urso haviam apanhado através das grades da jaula; o bicho procurava puxar para si a Gisela, que fugia, com o corpo, a cada novo esforço do urso.

- Papá! oh papá! - gritava Gisela.

Tanto o tigre como o urso continuavam os rugidos; excitados pelos gritos das pessoas presentes, as demais feras faziam um barulho, que atraiu a guarda e a multidão. Por mais que o Sr. Gerville se esforçasse por segurar Gisela e procurar desembaraçá-la, o urso ganhava terreno, tendo já rasgado a manga do vestido e tocando-lhe com as garras na pele. Valeu-lhe um guarda que, notando o perigo que Gisela corria, desembainhou a espada e descarregou uma violenta pranchada nas patas do urso, que fugiu, a grunhir, para o fundo da jaula. Gisela caiu ao chão por efeito do abalo, apenas se sentiu livre das garras do bicho; o sangue do urso espirrara sobre ela, o que dava a impressão de estar ferida quando a levaram para fora. Foi então que

Leontina, aterrada pelos gritos que se faziam ouvir dentro da barraca, acudiu em socorro da filha.

Vendo o marido a transportar a pequena com o braço ensanguentado, soltou um grito e desmaiou. Todos acorreram, pressurosos, a socorrer a mãe e a filha. Alguns foram buscar água para lavar o braço de Gisela. Enquanto se ocupavam da criança, Pedro refrescava a testa e as fontes de Leontina e, mal esta abriu os olhos, tranquilizou-a sobre o estado da filha, que afirmava não estar ferida, como, felizmente, todos puderam verificar. Quando se restabeleceu a calma, agradeceram ao corajoso guarda o ter intervido tão oportuna e habilmente.

As senhoras e os cavalheiros do solar dos Néri abandonaram o arraial, recolhendo a casa, Gisela estava toda molhada, mas, como a tarde ia quente, enxugou antes de chegar a casa.

SR.a MONCLAIR - Se tivesses dado ouvidos à tua mamã, Gisela, nem tinhas sido apanhada pelo urso nem salpicada com o sangue dele. Assim, causaste à mamã um tremendo susto, e estragaste a festa a toda a gente.

GISELA - Eu supunha lá que havia perigo, minha tia!

SR.A MONCLAIR - Disse-to o tio Pedro.

GISELA - Lá isso é verdade; mas não teria insistido, se o papá não se oferecesse para me acompanhar àquela barraca.

SR. GERVILLE - Ofereci-me por te ver tão desejosa de lá entrar, meu amor.

GISELA (em tom seco) - Nem sempre se deve fazer o que eu peço; bem o sabe o papá.

SR. GERVILLE - Mas, amorzinho...

GISELA - Ó papá, não me chame amorzinho, pois bem sabe que estou longe de merecer tal deno minação.

SR. GERVILLE - Vou, então, chamar-te meu anjinho, pois tu és um anjinho.

GISELA - Muito menos ainda! Se o papá soubesse como essas coisas me impacientam! Eu mereço-as tão pouco!

- Anjo querido, tu mereces o que há de melhor - exclamou o pai, a querer abraçá-la.

Mas ela correu para a tia, a quem disse:

- Veja, minha tia; se é possível ser um anjo e afável. Isto aborrece-me tanto, que vai ser com prazer que verei chegar o fim das férias.

SR. MONCLAIR - Não digas coisas tão amargas para os teus bons pais, Gisela. A excessiva ternura de teu pai não é razão para fazeres de menina amimada. Podias muito bem não o forçar a conceder-te o que te recusava a mamã.

Gisela não respondeu, e continuou a acompanhar a tia, que se divertia a brincar com o bom do Sr. Tocambel, que ela obrigava a correr, empurrando-o e arreliando-o, com grande gáudio da Gisela, bem mais divertida com a alegria da baronesa do que com as meiguices dos pais. O fim das

férias só foi triste para o Sr. e a Sr.a Gerville. Ambos queriam acompanhá-la ao internato, mas as instâncias desta junto da tia Monclair para não expor os pais a uma viagem tão dolorosa e para lhe evitar a visão das lágrimas destes, foram de tal ordem, que a tia prometeu convencê-los a deixarem-se disso, embora a grande custo, fazendo-lhes ver o desgosto que teria Gisela. Arranjou-se tudo como dissera a baronesa e como a Gisela queria. O adeus foi o mais calmo possível da parte dos senhores Gerville, pois haviam prometido à filha que não chorariam. Gisela estava séria ; o prazer de regressar ao convento, onde se dava tão bem, era temperado pela disciplina que lá reinava.

- Adeus, papá; adeus, pobre mamã! - gritou ela já da carruagem entre a tia e o Sr. Tocambel.

E lá foram. Leontina debulhou-se em lágrimas, e o marido misturou as suas às da esposa. Recolheram ao quarto, onde o Sr. Gerville conseguiu acalmá-la, fazendo-lhe ver que Gisela se sentia feliz por voltar para o internato.

Luta e vitória de Gisela

O ano seguinte passou como o anterior. O pensamento da primeira comunhão parece ter influído notavelmente no sentido de uma mudança sensível de Gisela para com seus pais. A mãe já não chorava pela frieza da filha, pois, embora esta não fosse ainda terna e meiga, era, contudo, polida e amável, não repelindo as carícias, por vezes excessivas, da mãe. O pai achava-a fria, mas razoável, não procurando, mas também não evitando, os passeios que lhe propunha, nem as visitas que desejava fazer com ela. Durante as férias, ainda houve uns esboços de revolta, umas manifestações de impertinência. Seguiu-se-lhes, porém, o pedido de desculpa, e o desejo manifesto de reparar o mal causado. Lá para o fim das férias travou-se uma luta formidável, quando Gisela falou na próxima partida e o pai lhe disse que não havia partida nenhuma, pois tendo acabado os dois anos de convento, ela ficaria agora em casa, na companhia dos pais.

GISELA- Não me quer deixar voltar para o convento? O papá fala a sério ou está a brincar?

SR. GERVILLE - Muito a sério, minha filha. Não posso viver afastado de ti: preciso de te ver e abraçar diariamente, e saber que estás sempre a meu lado.

GISELA - Pois eu, papá, tenho agora mais precisão do convívio das professoras, que são boas, firmes e ternas. Se ficar aqui, voltarei a ser má, insuportável. E tornando-me detestável, cairá a responsabilidade sobre o papá, não sobre mim.

O Sr. Gerville estava estupefacto. Esta saída vigorosa da filha tomara-o de surpresa. Após uns segundos de silêncio, disse por fin:

- Bem, eu vou reflectir e ver o que se pode decidir, depois de falar à mamã.

GISELA - E se a mamã aconselhar o papá a deixar-me voltar para o convento?

SR. GERVILLE - Nesse caso, voltarás para lá. Mas desilude-te: ela não consentirá.

Gisela mostrou um sorriso de incredulidade e deitou a correr para o quarto da mãe.

GISELA - Mamã, eu não terei razão ao dizer que a mamã gosta muito sensatamente de mim?

LEONTINA - Tens mil vezes razão, minha querida Gisela. Quero-te muito e espero fazê-lo sensatamente.

GISELA - A mamã vai, então, conceder-me o que lhe vou pedir.

LEONTINA - Pois, com certeza, filhinha, se o que pedes for razoável.

GISELA - Pois bem, mamã; venho pedir-lhe, suplicar-lhe que me deixe voltar para o convento.

LEONTINA - Porquê, minha Gisela?

GISELA - É que me aborreço aqui, onde não tenho amigas, nem vejo ninguém, a não ser tios e tias, ou crianças que me enfadam, como o Jorge e a Isabel. No convento há por onde escolher. Brincamos juntas, trabalhamos juntas... é outra coisa.

LEONTINA - Ouve, Gisela; não quero recusar antes de falar a teu pai, que deseja muito vivamente ver-te a seu lado cá em casa, e tenho razões para crer que não te deixará sair.

GISELA - O papá disse que isso dependia da mamã.

LEONTINA - Pois bem; amanhã dir-te-ei o que ambos resolvemos.

GISELA - Amanhã, não; há-de ser já. Peço-lhe, mamãzinha, que vá imediatamente ter com ele.

Embora contristada com a urgência da filha, Leontina foi ter com o marido, indo encontrá-lo preocupado com a cena passada pouco antes. Após ouvir Leontina, contou-lhe, por sua vez, a conversa entre ele e a filha, terminando por pedir o parecer da esposa.

LEONTINA - O meu parecer, Vítor, é que devemos sacrificar-nos mais um ano, por muito duro

que nos pareça. Se a retivermos contra a vontade, ficará descontentíssima, e não deixará de no-lo fazer sentir bem asperamente. Se, pelo contrário, lhe fizermos a concessão pedida de mais um ano de internato, pode ser que nos fique reconhecida.

SR. GERVILLE - Pois muito bem; é o que eu quero. Regulemos a nossa vida pelos gostos e pela idade da pequena. Se conseguirmos torná-la feliz, fazendo com que ela se prenda ao nosso lar, teremos atingido a nossa finalidade.

Foram ambos comunicar à filha que ela teria ainda um

ano de convento. Agradecendo-lhes a sua complacência em aceder aos seus desejos, Gisela prometeu-lhes não pedir mais nada para o ano seguinte. Tal afirmação proporcionou à mãe e ao pai uma agradável surpresa, que redundou em abraços tais e tantos, que a cansaram.

Gisela deixa o convento e volta ao passado de tirania

Chegada a nova época de férias, Gisela saiu do convento sem deixar saudades nem afeição em ninguém. Julgava-se suficientemente preparada, e demasiado monótona a vida do internato, contando levar em casa existência mais alegre e agradável. A satisfação que deu ao pai, quando este a foi buscar, comoveu profundamente o Sr. Gerville.

Leontina sempre tinha razão - pensava para consigo. - Abriu-se finalmente para nós o coração deste anjinho. Ao chegar a casa, foi recebida de braços abertos pela mãe, pelos tios, tias, primos e demais pessoas da intimidade, que tinham sido convidadas a passar uns dias no solar dos Gerville. Via-se ali a tia Branca, casada, havia três anos, com o Sr. Octávio Milet, que também lá estava. A tia Lourença casara três meses antes com o Sr. Lacour, mancebo perfeito, convidado também a passar em Gerville o mês em que lá deviam encontrar-se os cunhados e outros amigos.

Esta gente toda deslumbrou Gisela; pensou que ia divertir-se, dançar e passear.

Foi, pois, encantadora para a mãe, para os tios, primos e para todos, agradando imenso. Era muito linda, morena, fresca e graciosa: olhos pretos, que pareciam de veludo; feições delicadas; lábios nacarados; uma floresta de cabelos negros, lustrosos como seda; fisionomia animada, inteligente; estatura graciosa, alta e já formada não obstante a pouca idade. De conversação viva e espirituosa; riso franco e alegre, comunicativo, excitando a alegria de quem a escutava, tal era Gisela aos catorze anos, ao voltar para a casa paterna. Esta figura encantadora, embora demasiado decidida, perdia todo o encanto quando se irritava ou se mostrava descontente: os olhos aveludados tomavam a aparência do aço; corava muito; a alegria era substituída por um aspecto de indiferença, por um todo repontão, furioso mesmo, segundo o grau de irritação. Nos primeiros dias portou-se irrepreensivelmente; mas certa manhã, entrando na sala onde se encontravam as suas tias, os primos, o marido da Lourença e outras visitas, encontrou ocupada pela tia Branca a poltrona da mãe.

GISELA - Tia, quer dar-me essa cadeira, que é minha?

BRANCA - É tua a cadeira?! Em primeiro lugar é a poltrona da tua mamã; em segundo lugar, uma criança não tem cadeira privativa na sala; e, finalmente, uma sobrinha nunca pratica a descortesia de fazer levantar a sua tia, principalmente quando a sobrinha só tem catorze anos.

GISELA (com vivacidade) - Eu não sou uma criança; aos catorze anos já se é alguém. Demais a mais, sempre me sento na poltrona da mamã, quando ela não está presente.

BRANCA - Mas como a ocupo eu, continuo a ocupá-la.

GISELA - Se o disser à mamã, ela fá-la-á levantar.

BRANCA - A mamã será, pela certa, mais deli cada do que tu, e mandar-te-á passear.

GISELA - A ver vamos; a mamã dá-me sempre ouvidos. Quem é descortês é a tia, que me fala como se eu tivesse sete anos.

BRANCA - Porque tu nos fazes esquecer a tua idade, portando-te como uma criança de sete anos.

GISELA - Seja como for, quero a poltrona, e hei-de tê-la.

BRANCA - Pois não terás a poltrona, enquanto eu quiser ocupá-la.

Gisela fez-se escarlate, começando-lhe os olhos a despedir faíscas.

- Sr.a D. Branca, seja mais razoável do que a sua sobrinha - disse, a rir, um amigo dos três primos, Juliano Montimer - e sente-se nesta poltrona que lhe ofereço.

- Em verdade - disse Branca - prefiro ceder para evitar um aborrecimento. Vejo no rosto afogueado de Gisela que se prepara para me atacar, e confesso que não sou lá muito amiga de combates.

Dizendo estas palavras, Branca ergueu-se e ocupou a cadeira que Juliano lhe oferecia. Gisela ficou envergonhada; sentou-se na poltrona da mãe, mas não se sentiu à vontade, levantando-se ao cabo de uns momentos. Ao vê-la embaraçada e sozinha, pois todos se tinham afastado, Juliano compadeceu-se e abeirou-se dela.

JULIANO - Valeu-lhe de pouco o triunfo, menina. Não parece satisfeita.

GISELA - É por todos me terem abandonado, nem sequer se dignando olhar para mim.

JULIANO - Talvez por não quererem ver o seu rosto, sempre sorridente e amável, alterado por uma irritação a que não estamos habituados.

GISELA - Todavia, assistia-me o direito de exigir um assento que me pertence.

JULIANO - Não sou do seu parecer, menina. As razões da sua tia eram boas e verdadeiras.

GISELA - Acha então que devo ser tratada como uma criança?

JULIANO - Ah! isso não! A não ser que a menina seja a primeira a querê-lo, procedendo como criança. Neste caso, era fácil esquecer que a menina está mais perto de ser uma senhora do que uma criança.

Gisela ficou descontente; não respondeu e foi sentar-se lá fora na relva, onde brincavam os primos Jorge e Isabel. Ninguém a acompanhou; ficou sozinha.

- Gisela é muito sujeita a acessos de mau humor, como o que acaba de ter? - perguntou Julia no a Branca.

BRANCA - É tão novinha ainda, que nem sempre pesa as palavras e as acções; mas, como vê, o acesso é de pouca dura.

JULIANO - É verdade terem-na os pais estragado com mimo, na infância?

BRANCA - Infelizmente, assim foi, e ainda é. Teve, porém, o bom senso de querer entrar no convento; aliás, não seria instruída nem estaria moderada no génio, como agora está, se não o fizesse.

JULIANO - Foi então ela que quis ir? Isto depõe em seu favor.

BRANCA - Sim, na verdade. E foi tanto mais interessante, quanto é certo terem os pais ficado desesperados. Há na Gisela muita coisa aproveitável; é por isso que peço sempre paciência para os defeitos que ainda tem, e que acabarão por desaparecer.

Com o seu bom fundo, Branca desculpava Gisela mais do que esta merecia, continuando a atenuar-lhe a culpa, que lançava sobre a sua deficiente educação. Esta conversa levou Juliano a pensar que era preciso perdoar muito a Gisela, procurando melhorá-la pela doçura, embora aproveitando as boas disposições de momento para lhe resistir e fazê-la ceder. Vinha muito amiúde a casa dos Srs. Gerville e de toda a família desde o casamento de Branca, visto ser amigo íntimo do marido desta. Mas era a primeira vez que se encontrava com Gisela. Ainda não fora convidado pelos Srs. Gerville a vir à sua casa de campo; mas, este ano, por causa do regresso da Gisela, do desejo de a divertir, juntando em volta dela várias pessoas, teve o pai a ideia de fazer convites para as férias e para os dois ou três meses de caça. Juliano andava nos vinte e um anos, era rico e perdera os pais ainda muito novo; independente, amável, espirituoso e de um temperamento encantador, todos viam com gosto a sua presença na intimidade do solar dos Gerville. Gostava muito de trabalhar, passando boa parte da manhã e da tarde a preparar o último exame de direito, que tinha em fins do Outono.

Interessou-se muito por Gisela. Testemunha da má educação que recebera em criança, affectando-lhe o carácter e o coração, cuidava poder vir a triunfar desta deficiente educação, tornando boa uma natureza que já o podia ser, se a não tivessem deixado atingir esse ponto. Chegara, de facto, decorrido um mês, a exercer sobre Gisela uma certa influência, a ponto de esta se constranger diante dele, e de reprimir, na sua presença, a violência do seu carácter e as impertinências para com os pais, os tios e os demais familiares. Branca estava encantada com os progressos da sobrinha, que só via na sala de visitas e nos passeios que

davam. É que Leontina escondia dos irmãos os ímpetos coléricos da filha. Iam-se lentamente perdendo os progressos alcançados no convento; recomeçavam as vontadinhas de Gisela, que se tornavam cada vez mais difíceis de satisfazer.

Leontina andava permanentemente receosa de qualquer arrebatamento em público, que viesse trair os graves defeitos da filha e a sua própria fraqueza.

O Sr. Gerville pouco se importava de que os parentes e amigos o vissem amimar a filha. Uns e outros encolhiam os ombros, muito se admirando de Gisela não abusar mais ainda da condescendência e da fraqueza da mãe e do pai.

Certo dia, o Sr. Gerville descia ao pátio com o cunhado, para experimentar uma parelha de cavalos que desejava comprar.

GISELA - Aonde vai o papá com o tio?

SR. GERVILLE - Vamos experimentar uma parelha de cavalos novos, que mandei atrelar.

GISELA - Também queria ir.

SR. GERVILLE - De modo nenhum, minha querida; os cavalos podem ser fogosos de mais e acontecer um desastre.

GISELA - Para que vai então o papá? Sendo perigoso para mim, porque não o será igualmente para o papá e para o tio?

SR. GERVILLE - É que nós, os homens, somos mais desembaraçados; não perdemos facilmente o sangue-frio, podendo saltar do carro...

GISELA - Também posso saltar.

SR. GERVILLE - Não tão facilmente; as saias embaraçar-se-iam no rodado, dificultando-te os movimentos.

GISELA - Não faz mal, papá; quero ir; leve-me, por favor.

SR. GERVILLE - Rogo-te, amorzinho, que não insistas; podes estar certa de que há para ti grande perigo.

Quanto mais o pai a tentava dissuadir, mais ela insistia. Acompanhando-o até ao pátio, viu atrelar os cavalos e, quando o pai e o tio subiram, já ela tinha subido antes.

SR. NÉRI - Ó Vítor, suplico-te que a obrigues a descer do carro; bem sabes que se arrisca a grande perigo. Se a Gisela for, não te acompanharei. Não quero participar nessa irresponsabilidade.

- Querida Gisela, minha amiguinha, faz-me o favor.

GISELA (rindo-se) - Não há Gisela nem Giselinha que o valha; cá estou, cá fico.

O Sr. Néri não sabia o que havia de fazer: quis pegar nela e pô-la no chão, mas os seus gritos foram de tal sorte, que chamaram a atenção de algumas pessoas, entre as quais o marido de Branca e o seu amigo Juliano.

-Que ouve? - exclamaram eles, acudindo, pressurosos.

SR. NÉRI - É a Gisela que quer à força acompanhar-nos

nesta experiência de cavalos; já lhe fizemos ver o perigo que corria, mas não há maneira de convencê-la... não quer saber de razões.

JULIANO - Todos estão fartos de saber que a menina Gisela é muito corajosa, não receando perigo algum; mas ao saber que só a inquietação pela sua presença pode ser perigosa para o pai e para o Sr. Néri, tenho a convicção de que será a primeira a desejar descer do carro.

GISELA - Julga então o Sr. Juliano que o papá e o tio correm perigo na minha companhia?

JULIANO - Estou absolutamente convencido disso, pois que, em vez de pensarem nos cavalos e de estarem despreocupados em caso de perigo, só pensarão na menina, deixando de guiar a parelha, como seria necessário.

GISELA - Nesse caso vou já descer - disse ela, saltando em terra.

Juliano congratulava-se com o facto e dizia consigo mesmo: Se lhe fizessem ouvir a razão, tinham-na doce como um cordeirinho. Mas não a sabem levar!

Juliano triunfa

- Mamã - disse Gisela dias depois -, eu muito queria montar a cavalo!

LEONTINA - És demasiado nova para isso, minha filha; além de que, não tendo recebido ainda nenhuma lição de equitação, não deves começar por passeatas.

GISELA - Então porquê? Se todos aqui andam a cavalo...

LEONTINA - Os homens talvez, mas as mulheres não.

GISELA - Não será a mesma coisa? Se os homens cavalgam, porque não o hão-de fazer as senhoras?

LEONTINA - não! Há mais perigo para as senhoras do que para os cavalheiros.

GISELA - Ora essa! Eu era capaz de segurar o cavalo tão bem como o papá, os tios, os primos e esses senhores todos.

LEONTINA - Ainda não tens a firmeza de mãos dessas pessoas, para conter o cavalo; além de que as senhoras sentam-se de lado sobre o cavalo, firmando-se, portanto, menos que os homens.

GISELA - É o mesmo! Preciso de montar, o que me divertirá deveras.

LEONTINA - Nem penses nisso, querido amor; há tantas formas de distração...

GISELA - Prefiro cavalgar; quero dar passeios pela mata.

LEONTINA - Não temos presentemente cavalos que possas montar: são demasiado fogosos.

GISELA - Pois diga ao papá que compre um.

LEONTINA - Não seria razoável, minha querida; daqui a dois ou três anos, veremos.

GISELA - Eu quero lá esperar tanto tempo! É preciso começar já amanhã!

LEONTINA - Olha, Gisela, tu não és razoável. Começa por nem haver selim de mulher.

GISELA - Ora, se há. Já vi um ou dois na cocheira, e o criado disse que tinham servido às tias e à mamã.

LEONTINA - Selins pode haver; mas se não há cavalo para ti, é o mesmo que não haver selins.

GISELA - Mas que aborrecimento! A mamã recusa-me sempre tudo o que lhe peço.

LEONTINA - Ó filhinha! Pois não vês que me pedes coisas impossíveis e perigosas? Já se vê que não posso conceder-tas, no teu próprio interesse.

GISELA - E se o papá der licença, a mamã consente?

LEONTINA - Não sei... Tenho medo...

GISELA - Nada receie, mamã. Diga que sim, ou ter-me-á a chorar toda a manhã.

LEONTINA - Ai senhor! Como és voluntariosa e persistente nos teus caprichos, Gisela!

GISELA - É por eles serem bons. Ora vamos, mamã, diga que sim, que em paga eu deixar-me-ei abraçar todo o dia pelo papá e pela mamã.

LEONTINA - Falas a sério? - disse Leontina alegre e já a abraçar a filha, o que fez mais de vinte vezes seguidas. - Está bem; consinto, desde que o papá não se oponha. Mas deixa-me tornar a abraçar-te mais outra vez e ainda outra. Gisela prestou-se de bom grado aos afagos maternos, correndo depois à procura do Sr. Gerville. Encontrou no pátio o Juliano, que vinha a entrar, e perguntou-lhe se sabia onde parava seu pai; que lho dissesse depressa, pois tinha imediata precisão de lhe falar.

JULIANO - Vi o seu papá na casa do guarda. Tem assim tanta pressa?

GISELA - Muita pressa, e quero que o senhor me auxilie; corramos, pois, à procura dele.

- Mas então de que se trata, menina? Em que posso ajudá-la? - perguntou Juliano, a correr atrás dela.

- Sabê-lo-á quando encontrarmos o papá - foi a resposta de Gisela, sempre de corrida. Mesmo a correr, foi-lhe explicando que desejava montar a cavalo, sendo, portanto, necessário comprar um selim e um cavalo. Não era fácil conversar assim, em corrida, sem tomar fôlego; Juliano ouvia-a, pois, sem dar resposta, espantado com este novo capricho, que brotava tão impetuosamente do cérebro de Gisela. Quando chegaram à casa do guarda, tinha o pai saído havia uns cinco minutos.

GISELA - O Renaud sabe dizer-me aonde foi o papá?

O GUARDA - Parece ter ido para o moinho.

GISELA - Para o moinho a toda a pressa, Sr. Juliano. E partiu como uma seta.

- Menina, menina Gisela! - gritava Juliano, correndo atrás dela.

Mas esta não o ouvia nem abrandava a correria.

JULIANO (a correr) - Menina!... Páre um instante... Já não a posso seguir... Não posso mais... exclamava ele, sem alento, sufocado pela rápida e estirada corrida.

Perdendo-a de vista, Juliano sentou-se. Palavra! não sou capaz de a acompanhar... Afinal que necessidade tenho eu de me vergar aos seus caprichos? Que ideia foi essa de correr atrás do pai, como uma lebre? Quer, ao que parece, montar a cavalo. Se fosse ao pai, proibia-lho terminantemente. É uma asneira. Sem saber nada de equitação, dispor-se a montar potros fogosos em campo aberto! Rachará a cabeça, pela certa! Espero bem que os pais não levem a sua condescendência a esse ponto; mas se caírem na insensatez de lho autorizarem, lançarei mão da minha influência para me fazer ouvir, porque sei levá-la. É pena eu não estar no lugar do pai; faria dela uma menina tão encantadora no moral, como já o é no físico. Como está é que não se tolera.

De volta ao solar, Juliano viu que todos estavam à espera dele para se sentarem à mesa. Teve de explicar o motivo da demora, que lhe valeu ser escarnecido pela Gisela, que sorriu do seu cansaço.

- Felizmente para mim, não tive precisão do seu auxílio, Sr. Juliano; o papá, que é tão gentil, anuiu quase logo ao meu pedido.

SR. GERVILLE - Quase logo, é um modo de falar. A verdade é que me atormentaste tanto, que me vi obrigado a ceder. Imagine, Sr. Juliano, que ela se me pendurou ao pescoço apertando-mo como num torno, e dizendo que não me largaria, enquanto eu não lhe fizesse a vontade. Abraçou-me dez a vinte vezes, tendo finalmente dado o meu consentimento para poder respirar livremente.

GISELA - E o papá até prometeu que seria o Sr. Juliano que me daria as primeiras lições.

JULIANO - Sinto imenso, menina Gisela, não poder ratificar a promessa do seu pai, mas é-me impossível dar-lhe as lições que pretende.

GISELA - Então porquê? Uma hora só por dia custaria muito?

JULIANO - Ando a preparar o meu exame final de Direito.

GISELA - Mas o senhor não é obrigado a submeter-se a provas este ano; pode bem adiar isso para daqui a uns meses.

JULIANO - Isso é que eu não faço; não vou adiar o cumprimento de um dever, para ceder a um passatempo.

GISELA - Na sua idade não se estuda por obrigação.

JULIANO - Peço perdão, menina, mas o dever de todo o homem é ser útil à Pátria o mais cedo possível.

GISELA - É melhor dizer francamente que o aborrece dar-me lições.

JULIANO - Não é aborrecimento, é remorso de consciência.

GISELA - Como assim? Remorsos, porquê?

JULIANO - Porque não quero ajudá-la a suicidar-se.

GISELA - A suicidar-me! Que disparate! Como se a gente se matasse, por montar a cavalo!

JULIANO - Sim, nas condições da menina Gisela, é muito arriscado. Cavalos fogosos, mão fraca e inábil para os refrear, um mestre inexperiente e falho de autoridade, picadeiro aberto em campo livre, tudo isto é mais que suficiente para ocasionar os mais graves acidentes.

Gisela não disse mais nada, limitando-se a olhar para a mãe, que olhava, por sua vez, com ar agradecido, para o corajoso Juliano. Os demais convivas aplaudiram a franqueza de Juliano, fazendo coro com ele para desviar os Srs. Gerville de acederem ao capricho perigosíssimo da filha.

Após o almoço, Gisela aproximou-se de Juliano ; e disse- lhe:

- Sr. Juliano, não lhe perdoo o que me fez.

JULIANO - Senti-lo-ei, tanto mais quanto é certo, menina, ter-lhe falado com sinceridade e dedicação de verdadeiro amigo. Custou-me deveras contrariá-la; de boa vontade lhe sacrificaria os meus estudos, se não fora o medo dos perigos a que se expunha, a verdadeira razão da minha recusa. GISELA - Será realmente sincero o que diz?

JULIANO - Tão sincero como se falasse diante do próprio Deus.

GISELA - Nesse caso... - acrescentou Gisela, mostrando um sorriso de satisfação - sigo o seu conselho: não montarei.

- Pois, muito obrigado, menina - disse Juliano, agradavelmente impressionado com esta saída airosa.

- Mamãzinha, tranquilize-se - disse Gisela -, já não penso em montar a cavalo.

LEONTINA - Oh! Que bem pensado! Como estás boazinha, minha Gisela! De que cuidados me livras !

GISELA - Onde é que pára o papá? Desejo levar-lhe esta boa notícia.

LEONTINA - O papá deve estar na casa dos arreios a mandar preparar o selim que tu queres.

- Sr. Juliano - disse Gisela, virando-se para ele, sorridente -, quer ter a bondade de comunicar ao papá a mudança dos meus projectos, dizendo-lhe ao mesmo tempo a quem se deve tal alteração?

JULIANO - A última parte deixo-a à sua generosidade, menina; agora da primeira parte vou já desempenhar-me com o maior prazer.

E Gisela propôs à mãe irem ter com as tias ao jardim,

ao que esta anuiu pronta e alegremente.

GISELA - Então não me abraça em paga do meu juízo, mamãzinha?

Aproveitando o convite da filha, Leontina abraçou-a ternamente, mas com moderação, receosa de a contrariar.

Gisela pensa em casar

Acabou assim, alegremente, para Gisela, o Outono. Todavia, as visitas começaram a debandar; Juliano saiu em fins de Outubro para se apresentar a exame; Branca e o marido ficaram ainda um mês com Leontina. À partida de Juliano começou Gisela a deixar-se levar, cada vez mais, pelos seus caprichos e acessos de cólera; com a diminuição das distrações coincidia a maior irritação do seu carácter irascível; estava permanentemente aborrecida e descontente. Leontina chorava com frequência e o Sr. Gerville andava sombrio e taciturno, pois os rasgos de ternura da filha iam rareando. Tinha ainda uma coisa boa: a perseverança nos estudos. Lia muito, applicava-se quase sem descanso à música, por ser meio de fazer figura. Passeava muitas vezes para surpreender paisagens, para fazer estudos de árvores, esboços, perspectivas. A região era linda, muito acidentada. Gisela desenhava bem. De regresso a casa, acabava o esboço. O Inverno em Paris não lhe correu tão agradavelmente como esperava. Os dois anos seguintes passaram-se em meio das discussões, dos arrebatamentos e das exigências da

menina. Os pais viviam em permanente receio de desagradar à filha, levando o tempo a lutar contra os mais insensatos caprichos dela. Chegou um dia em que ela declarou à mãe que desejava casar.

- Vou fazer dezoito anos e aborreço-me em casa, onde sou contrariada do nascer ao pôr-do-Sol.

Também quero começar a mandar.

LEONTINA - E julgas, filhinha, que o casamento te dispensará da obediência?

GISELA - Pois, naturalmente. Saberei casar-me com quem me deixe ser senhora das minhas acções.

LEONTINA - E onde vais tu desencantar esse homem modelar, que nunca terá outra vontade que não seja a tua.

GISELA - Não há-de ser difícil de encontrar: casarei com o Sr. Juliano.

LEONTINA - De há um ano para cá é menos assíduo nas suas visitas. Olha, filha, não te iludas a esse respeito.

GISELA - Iludo agora! Creia que é o marido que me convém.

LEONTINA - Juliano é, na verdade, um cavalheiro excelente e muito sensato; mas parece-me que há-de ter medo do teu génio arrebatado e do teu grande amor pelos divertimentos.

GISELA - Mande-lhe falar pela tia Branca, e vê-lo-á acudir de imediato.

LEONTINA - Quem me dera! Seria, decerto, a melhor escolha que podias fazer. Vou comunicar à tia Branca que desejo falar-lhe.

A chamamento da irmã, não tardou Branca a vir ter com ela. Leontina estava só, e apressou-se a transmitir à irmã o desejo da Gisela de casar com Juliano.

LEONTINA - Parece-te, Branca, que Juliano pensa nisso?

BRANCA - Não posso sabê-lo. Ainda há um ano era ele grande admirador da Gisela; mas não me tornou a falar sobre o assunto este Inverno. Encontrou-a muitas vezes na sociedade, observou-a na sua intimidade, e falou-me várias vezes no carácter de Gisela, que lhe parecia difícil de domar. Presenciou certas cenas contigo, e receia que ela só queira saber de reuniões e divertimentos. Mas, enfim, ignoro absolutamente o que ele agora pensa a esse respeito. Contudo, vou falar-lhe já esta noite, se assim o desejas, como ideia que me surgisse ao saber que os pais desejam casar a filha antes de voltarem para o campo. Se tiver ideias de a desposar, dir-mo-á imediatamente, tanto mais que não ignora que Gisela é um bom partido, linda, rica e espirituosa como é.

LEONTINA - O duque de Palma fez-me esta manhã uma proposta de casamento, mas nem ainda disse nada porque esse cavalheiro, embora titular, riquíssimo e de aparência notável, passa por pouco inteligente e muito dissipador, o que seria fatal para Gisela.

BRANCA - E tens razão. Seria a antítese do Juliano, que é sensato, católico e de fino trato. Não lhe fales nesse senhor duque, enquanto não estiver resolvida a questão do Juliano. Se há alguém com domínio sobre Gisela e capaz de a poder orientar sensatamente, é ele!

No dia seguinte, estava Branca de regresso a casa da irmã.

LEONTINA - Então, Branca? Viste-o? Ele aceita?

BRANCA - Desejava-o ardentemente, mas receia o temperamento de Gisela, a quem muito quer, apesar de tudo. Solicita autorização para a ver amiúde uns quinze dias, e, se depois entender que pode fazer a felicidade dela e a própria, apresentará o pedido à Gisela, e depois a ti por pura formalidade, visto estar tudo previamente combinado contigo.

LEONTINA - Muito bem. Convince-o a vir o mais depressa possível, em vista do pedido do duque, que é urgente.

BRANCA - E pode vir muitas vezes?

LEONTINA - Diariamente, se assim o entender; ora a minha casa, ora à tua ou à da Noémia. Entender-nos-emos para isso.

Decorrida uma hora, estava já o Juliano em casa da Sr.a Gerville. Como Gisela se encontrava ausente, pois fora

ao picadeiro com o pai, Leontina falou com Juliano longa e afectuosamente.

- Esteja certa, minha senhora, de que se não lhe fizer, dentro de dez dias, o pedido oficial da formosa Gisela, é por me ter convencido de que me julgo incapaz de a fazer feliz.

LEONTINA - Fique para jantar connosco, Sr. Ju liano, se não se aborrecer de estar sozinho, pois vou ter que sair durante a hora que precede o jantar. Dar-nos-ia muito prazer.

JULIANO - Se me dá licença, ficarei a ler um livro, enquanto não volta. Uma hora depressa passa e não me faltam assuntos para meditação.

LEONTINA - Faça o que lhe aprouver, caro senhor; aprovo tudo o que fizer.

Leontina saiu, mas Juliano pouco tempo ficou só, pois chegava Gisela cinco minutos depois, vestida de amazona, deslumbrante de frescura e beleza, como sempre.

GI SELA - Boa tarde,Juliano.Bons olhos o vejam! Parece que estava zangado connosco, a julgar pelo número de dias que deixou passar sem querer saber de nós.

JULIANO - Tive imenso que fazer, menina, mas janto hoje cá,se mo permitir.

GI SELA - Com o maior dos prazeres.Vou-me vestir e não tardo cinco minutos.

Que menina encantadora! - disse consigo Juliano.- Que pena ter sido tão mal educada! É de temer que o hábito de se divertir e dominar os outros lhe tenha estragado para sempre o coração,o espírito e o carácter.

Gisela cumpriu,estando de volta uns minutos depois.Em seguida a algumas banalidades, Juliano perguntou-lhe se se tinha divertido muito depois da última vez que a vira.

GI SELA - Ah ! muitíssimo. Fui ao teatro italiano,à Ópera,dancei,montei a cavalo.

JULIANO - Divertiu-se então do nascer ao pôr-do-Sol; é um moto-contínuo de gozo.

GI SELA - Bem preciso de aproveitar o tempo. Não sabe que me querem casar na próxima primavera?

JULIANO - Que pressa! E que fará a menina para viver ajuizadamente quando tiver casado?

GI SELA - Viverei como agora; o meu marido levar-me-á às reuniões da sociedade e a toda a parte.

JULIANO - E se ele não gostar dessas exterioridades?

GI SELA - Ora! Se eu lho pedir,ele gostará.

JULIANO - Pode dar-se o caso de o marido não ser tão dócil,como o foram seus pais,em ceder aos seus caprichos.

GI SELA- Oh! isso não me preocupa; nós cá nos entenderemos.

JULIANO - Além de que,nem sempre se está em Paris; também se vai descansar para a aldeia para o sossego.

GI SELA - É verdade ! Gosto muito do campo com muita

gente, pois nos divertimos tanto como na capital.

JULIANO - Eu falo da aldeia sem essa gente.

GISELA - Então, como? Só com o marido?

JULIANO - Exactamente; é isso o que eu chamo descansar.

GISELA - Como sabe que é divertido, se nunca lá vai?

JULIANO - Por estar só, e ser triste viver sozinho. Mas se tiver comigo uma esposa que eu ame e me queira também, é essa vida pacata da aldeia que eu prefiro levar durante sete ou oito meses do ano.

Gisela fitou-o, surpreendida.

GISELA - Mas vai morrer de aborrecimento e fará morrer consigo a esposa. Onde encontrará uma mulher que queira enterrar-se na aldeia durante oito meses do ano?

JULIANO - Talvez consiga arranjar.

GISELA - Quer-me parecer que o não fará. Se o acreditasse, ficava aterrada.

JULIANO - Como assim? Em que podem os meus gostos aterrará-la?

GISELA - Oh, o Juliano sabe muito bem que eu compreendo a razão por que diz tudo isso. A tia Branca aconselhou-o a pedir a minha mão à mamã porque me pretendem casar e ela sabe que eu não recusarei. Ora, o senhor quer agora ver o que eu digo, ao ameaçar-me com a ideia de me fazer passar oito meses numa propriedade aborrecidíssima, vivendo nela como selvagens.

JULIANO - Anda muito perto da verdade, Gisela, e comove-me a franqueza com que me anuncia o seu consentimento no projecto da sua tia. Mas para ser feliz no lar, é preciso que os gostos se harmonizem, que os génios se amoldem, que, de ambos os lados, haja a tranquilidade de um afecto dedicado. Isto encontra-o em mim, Gisela; mas, pensa a menina poder chegar também a este afecto que traz a doçura, a complacência, enfim, a dedicação?

GISELA - Lá a afeição, sim, Juliano; agora enterrar-me na aldeia e viver como um urso, não.

JULIANO - Também não é isso o que lhe pediria; gosto de companhia, e tê-la-ia tanto em casa, como fora dela; mas o que abomino é o reboliço das festas, bailes e prazeres ruidosos do mundo. Bem sabe o que eu quero dizer, não sabe?

GISELA - Claro que sei; e é precisamente o que me contraria, pois bem sabe que é disso que eu gosto. Mas não tenhamos pressa; vamos falando com toda a franqueza, e é possível que cheguemos a harmonizar o que lhe parece agora tão desconhecado. Talvez se torne mais viva a afeição pelo Juliano, bastante viva para me transformar os gostos e as ideias. Reconheço que sou muito imperfeita, consequência inevitável do excessivo mimo que me deram. Fui habituada a dominar tudo e todos! Talvez o senhor, tão sensato e bondoso, me possa transformar.

- Deus a ouça, Gisela! - disse Juliano, beijando-lhe a

mão. - Que encantadora seria, se o quisesse, Gisela!

GISELA - Verei, tratarei de experimentar. Venha diariamente conversar comigo, pois dar-me-á imenso prazer. Vou deixá-lo, pois o papá queria falar-me, e eu já me esquecia. A culpa é sua - acrescentou ela, sorridente, e deitando a correr para o gabinete do pai.

Que adorável criança estragaram! - disse tristemente Juliano. - Eu não me iludo; acho o mal por demais enraizado para poder ser vencido. Pode ela melhorar; mas vir a ser a mulher que eu pretendo, isso nunca! Creio bem que nunca!

A escolha de Gisela

Enquanto Juliano ficava ali triste e pensativo, Gisela contava ao pai, toda alegre, o que se passara entre ela e Juliano.

- É uma grande coisa, papá, pois tenho vontade de me casar e o Juliano é um partido muito do meu agrado.

SR. GERVILLE - Ainda terias outro mais interessante, se quisesse; era mesmo o que eu te desejava comunicar.

GISELA - Um ainda superior? Então, quem?

E como o sabe?

SR. GERVILLE - Se te parece! Não há-de ser melhor! É nada menos que o duque de Palma, a quem deste a volta ao miolo e que te pede em casamento.

GISELA - Esse duque de Palma, que me aparece em toda a parte? É bastante idoso, cuida eu, e sofrivelmente estúpido.

SR. GERVILLE - Velho, não; está nos quarenta! Quase da minha idade. Não é lá nenhum fura-paredes, mas também não é nenhum asno.

GISELA - Não muito, mas o suficiente para se deixar andar pelo beicinho. Lá isso não deixava de me convir. Na verdade, ainda tem regular aparência o duque de Palma.

SR. GERVILLE - Está bem de ver; é muito apresentável.

GISELA - Tem carros magníficos!

SR. GERVILLE - Não admira; com o alto rendimento que tem...

GISELA - Apesar de tudo, eu preferia o Juliano.

SR. GERVILLE - Então, porquê? Está-te sempre a dar lições. . .

GISELA - Por isso mesmo é que eu o prefiro a qualquer outro. Tenho confiança nele.

SR. GERVILLE - És absolutamente livre, meu anjo. Escolhe quem mais te agrada. Não te apresses; escolhe só depois de madura reflexão.

GISELA - Lamento que o papá me falasse nesse duque de Palma. Casaria com Juliano muito a meu contento, e penso que me tornaria bem sensata e feliz.

SR. GERVILLE - Para seres ajuizada, não tens precisão do Juliano, meu anjo.

GISELA - Eu sei muito bem o que digo. O papá não me pode julgar, mas, nos meus momentos de seriedade, eu sei muito bem conhecer-me.

SR. GERVILLE - Que devo responder ao duque?

GISELA - Que vá esperando.

SR. GERVILLE - Isso é lá uma resposta!

GISELA - Pois é a minha, e não lhe dou outra, por agora.

Gisela voltou para o salão com ar de triunfo.

- Ah, ah, ah Não quer saber o que me acaba de dizer o papá? - Que o duque de Palma pede a minha mão.

JULIANO (sorrindo) - E que foi que a Gisela respondeu?

GISELA (a rir) - Absolutamente nada. Que vá esperando... Verdade seja que não tem grande tempo a perder.

JULIANO (inquieta) - A menina não pode ser esposa desse homem.

GISELA - Queria saber porquê...

JULIANO - Porque é demasiado idoso para si.

GISELA - Pois sim, mas é duque.

JULIANO - É fraca bisca.

GISELA - Mas tem um óptimo rendimento.

Além de que posso bem dirigi-lo, governá-lo com uma varinha.

JULIANO - Olhe, Gisela, brinque com tudo, menos com o casamento; é coisa séria de mais para isso.

GISELA - Não é com o casamento que eu brinco, mas com o marido que me aparece.

JULIANO - Prefiro isso, mas...

GISELA - Mas já vejo que o senhor está com ciúmes, que tem medo.

JULIANO - Oh! isso, não; estimo-a de mais para a supor, por um instante que fosse, disposta a aceitar semelhante marido que, de resto, seus pais recusaram.

GISELA - Lá por isso... quisesse eu, que eles também queriam. Mas sossegue, pois eu não quero; ou, pelo menos, assim penso.

Antes de Juliano poder dar qualquer resposta, ela correu para a mãe, que ia entrando.

GISELA - Mamã, quer saber uma coisa muito engraçada?

LEONTINA - Que vem a ser, querida filha?

GISELA - É que o duque de Palma pede a minha mão.

LEONTINA (admirada) - Quem foi que to disse? Não foi o Juliano... - acrescentou ela, sorridente, mas preocupada.

GISELA - Oh, não há perigo que o Juliano me diga coisas dessas. Só fala por si. Foi o papá que mo disse agora mesmo.

Leontina não deu resposta, mas ficou deveras contrariada. E Gisela pôs-se a chalacear sobre a idade do duque e os cabelos grisalhos dele, mas não prosseguiu por haver notado que a sua alegria não era partilhada.

Juliano continuou a ir, alguns dias mais, ora a casa

da Sr.a Gerville, ora a casa de algumas pessoas de família, dedicar parte das suas tardes e todo o serão.

Quanto ao duque de Palma, também era frequentemente recebido no solar: Fora essa a condição que impusera, como satisfação à resposta que recebera, de esperar. As súplicas instantes da filha levaram os fracos pais a consentirem nessa cláusula. Era, pois, mais assíduo que nunca, ocupando-se exclusivamente de Gisela, a quem falava das suas propriedades, das jóias, da vida movimentada que contava proporcionar à mulher.

- Se me casar - dizia-, minha esposa não terá desejos insatisfeitos; há-de possuir tudo o que uma mulher pode ambicionar; serão minhas as suas vontades, pois me constituirei seu escravo.

Estava bem de ver que tal perspectiva era de molde a seduzir Gisela; confrontava os assíduos galanteios do duque com a prudente reserva de Juliano, de que resultava a sua vaidade pender para o duque, embora a razão e o coração lhe ditassem

Juliano. Por fim, venceu a vaidade. Um dia que o duque a instou mais vivamente do que nunca para se decidir, ela deu-lhe a perceber que já se decidira em seu favor. A alegria do duque só pôde comparar-se à insensatez de sua paixão. Foi autorizado a fazer o pedido oficialmente, meteu-lhe no dedo o anel com um magnífico rubi, encrustado de diamantes, e, quando no dia seguinte Juliano veio fazer a Gisela uma visita imprevista, ela disse-lhe embaraçada:

- Tenho, Juliano, uma coisa a comunicar-lhe.

JULIANO - Também eu, querida Gisela. Vinha fazer-lhe as minhas despedidas.

GISELA - Então vai-se embora?

JULIANO- Vou, sim; vou fugir da menina. Como a não posso tornar feliz, e me tornaria a mim mesmo infeliz, venho declarar-lhe, Gisela, que não pode ser minha mulher.

GISELA - Fico deveras saudosa, Juliano; creia que sinto saudades suas, porque lhe quero a valer; prometi, porém, a minha mão ao duque de Palma...

JULIANO - Gisela, que foi fazer! A menina não o ama; ainda está a tempo: recuse.

GISELA - É tarde de mais, visto que já me comprometi; bem compreendi que não lhe servia. Veja o anel que ele me deu; que lindo rubi!

Juliano nem para ele olhou, mas, fixando tristemente o olhar em Gisela, pegou no chapéu e saiu, dizendo:

- Pobre criança! Adeus para sempre!

Gisela ficou petrificada. Partiu para sempre, - disse, e desatou a chorar.

Embora chore, Gisela é duquesa e milionária

Chorou por muito tempo, pois tinha verdadeiras saudades

de Juliano, lastimando haver-se comprometido com o duque, a quem não amava. Decorrido, porém, o primeiro momento, procurou entusiasmar-se com o futuro que preparara, pensando nas jóias que lhe ia dar o marido, na vida feliz que levaria, no luxo de que se veria rodeada, na admiração de que seria objecto. Confrontou esta existência com a que lhe proporcionaria Juliano, cuja monotonia e privações propositadamente exagerou.

Na realidade - pensou ela - vou ser bem mais feliz com o duque, que não se atreverá a recusar-me coisa alguma, deixando-me senhora dos meus actos.

Assim pensando, ergueu-se e foi mirar-se ao espelho.

Ai, céus! - exclamou. - Que cara me deu o choro! De olhos vermelhos e inchados! Que pensará o duque se me vir assim? Não o lisonjeará muito; suporá que me arrependo de me ter comprometido.

Talvez não demore. Vou humedecer os olhos e arranjar um aspecto sorridente. Coitado do Juliano!

Todavia eu gostava dele, embora não o bastante para me submeter como escrava às suas vontades.

Que pena ter ideias assim tão esquisitas, não ser titular e não possuir um bom rendimento, como esse duque de quem não gosto!... Muito naturalmente, vai oferecer-me lindos e ricos presentes, o Sr. duque. Vou pedir-lhe rubis, de que gosto imenso. E então as opalas, cercadas de diamantes! Ai que lindas !

Gisela foi compor o rosto, a fim de receber o eleito da sua vaidade e não do seu coração. Antes de voltar para a sala, foi ter com a mãe.

- Então a mamã já sabe que o Juliano se foi embora?

LEONTINA - Sei, sim, minha filha; já me tinha dito que viria esta manhã cedinho para se despedir de ti. Coitado! Chorava quando veio dizer-me adeus.

GISELA - A culpa é dele! Eu também chorei. Viu por acaso o duque?

LEONTINA - Não, não vi; mas escreveu-nos a pedir a tua mão, dizendo que o faz com o teu consentimento.

GISELA - É verdade, mamã, estou resolvida a casar com ele, visto terem-me dado a liberdade de escolher. Bem preferia o Juliano; acho-o, todavia, demasiado exigente e austero.

LEONTINA - Queres dizer, demasiado ajuizado para ti, pobre criança. Mas teu pai informou-se bem acerca do duque, e as informações não são desfavoráveis. Parece que leva uma vida muito regrada desde que te faz a corte, ou seja de há um ano a esta parte. Dizem-no muito bom e generoso para o pessoal; está muito caridoso e mostra excelente carácter, havendo todas as razões para crer que vais ser feliz.

GISELA - Quer ver, mamã, o lindo anel que ele me deu ontem?

LEONTINA - Então já? Não devias tê-lo aceitado ainda.

GISELA - Não me foi possível recusá-lo. Declarou que era uma recordação da minha promessa; que eu devia trazer o anel como símbolo de escravidão, não minha, mas dele, pois ele é que se constituía meu escravo. E, ajoelhando diante de mim, beijou-me as mãos. Mal pude arrancar-lhas. A mamã já lhe deu resposta?

LEONTINA - Na carta dizia que vinha pessoalmente receber a resposta antes do almoço; aguardo-o a cada instante.

GISELA - Acha que eu posso ficar aqui?

LEONTINA - Não vejo nisso mal nenhum, visto ele já ter falado contigo.

GISELA - E que lhe parece o papá?

LEONTINA - Parece satisfeito. Bem sabes que não gostava lá muito do pobre Juliano, pelo facto de te contrariar.

GISELA - Não me fale no Juliano, mamãzinha; a lembrança dele ainda me faz chorar, eu não quero que o duque me veja sinais de lágrimas.

- O Sr. duque de Palma, anunciou o criado.

O duque deu entrada quando Gisela ainda limpava os olhos rasos de água. Notando isso, o duque assustou-se.

- Parece que Gisela chora; serão, porventura, repelidos os seus e os meus votos?

-Tranquiline-se, caro duque - respondeu Leontina erguendo-se e estendendo-lhe a mão. É com o maior prazer que lhe confiamos Gisela.

Todavia, não é sem emoção que uma donzela toma semelhante resolução. Segue à letra o conselho de Vítor Hugo à filha no dia do casamento desta:

- Sai com uma lágrima, entra com um sorriso.

- Obrigado, mil vezes e eternamente obrigado, minha senhora - respondeu o duque, depondo-lhe na mão um beijo. - E a menina - prosseguiu ele dirigindo-se a Gisela - enxugue essas lágrimas que, embora naturais, me fazem sofrer deveras, por eu ser a causa delas. Aqui lhe juro solenemente que, a partir do momento em que seja minha mulher, nunca mais derramará uma só por minha causa.

Gisela bem quis responder, mas não pôde articular palavra; limitou-se, pois, a uma leve pressão

com a mão que o duque retinha nas suas. Este declarou que não mais abandonaria a sua Gisela, ficando às suas ordens do romper do dia ao anoitecer. Terminado o almoço - que decorreu tragicómico, dada a gravidade dos Srs. Gerville, o misto de lágrimas e sorrisos da Gisela e os êxtases de admiração do noivo - a noiva saiu da mesa, seguida passo a passo pelo duque, que se sentou ao lado dela e lhe perguntou se gostava de pulseiras.

- Imenso, embora nunca as tivesse usado - foi a resposta da noiva.

DUQUE - E, todavia, o seu braço é admiravelmente talhado para usar tudo o que possa haver de mais lindo. Ora, dê-me licença de lhe fazer experimentar uma, destinada ao pulso da Vénus de Médicis.

Gisela sorria, enquanto o duque tirava do bolso um estojo de veludo azul e oiro. Abrindo-o, patenteou aos olhos extasiados da noiva um bracelete de diamantes e rubis, de indiscutível beleza, que ele mesmo colocou no braço de Gisela, ajustando-se perfeitamente. O encanto de Gisela, exteriorizado pelas suas exclamações de alegria, foram ampla recompensa ao gesto largo e generoso do noivo. A partir de então, sentiu-se Gisela inteiramente à vontade, sem tornar a pensar no Juliano nem nos quarenta anos do duque. Os presentes afluíam dia a dia, e cada vez mais valiosos, não só para a noiva, como para toda a família e pessoas das suas relações. E fazia-o com tanta gentileza, que Gisela começou a achá-lo encantador e a esperar as suas visitas com impaciência, a ponto de lhe dar a perceber que era amado. Todos, incluindo a baronesa, tinham dele as melhores impressões, sendo estimadíssimo pelos criados, que não tinham mais que dizer a seu respeito, estimulados pelas moedas de oiro que profusamente distribuía.

Gisela era constantemente felicitada pela boa escolha que fizera, todos lhe augurando perene felicidade. O casamento era apressado pelo duque. Este viu, extasiado, que a noiva apoiava o seu desejo, a ponto de, um mês volvido sobre a retirada de Juliano, se realizar o matrimónio, tornando-se Gisela duquesa de Palma. Como é de presumir, os primeiros tempos foram um encanto pegado. Os pais viam-na raras vezes; viviam tristes no isolamento e no receio, pois bem conheciam a filha para não preverem que as exigências dela terminariam por cansar a paciência e boa vontade do marido. De facto, surgiu a primeira desinteligência um dia em que o duque, acometido de reumatismo no braço, lhe pediu que passasse a noite em casa, a fim de lhe permitir descansar.

- Isso é impossível, caro amigo; é absolutamente indispensável que me leve ao baile da corte. Tenho um vestido deslumbrante, e estou convidada para dançar tudo, incluindo o cotillon. Além de que prometi cear à mesa das duquesas e princesas. Posso lá faltar a tal reunião?

DUQUE - Sim, mas como hei-de eu acompanhar-te, se nem me é dado erguer o braço para enfiar a casaca?

GISELA - Tenho, então, de ir sozinha. A um baile daqueles é que não posso faltar.

DUQUE - E tens coragem de me deixares sozinho? Eu, por mim, sacrificaria, de bom grado, todos os bailes e diversões do mundo só para te fazer companhia.

GISELA - Não admira; dançou e divertiu-se durante vinte anos, e eu só agora começo, pois só estou casada há seis meses.

DUQUE - Mas não vês,minha querida Gisela, que ainda és muito nova para ires sozinha às reuniões da sociedade? Escreve uma palavrinha a pedir desculpa, minha amiga.Peço-te encarecidamente.

GISELA - Não faço tal,para não dar margem a comentários desfavoráveis: todos iam dizer que o duque é ciumento.

DUQUE - Se o dissessem,querida amiga,não mentiam.

A discussão prosseguiu,mas Gisela manteve o seu capricho contra as mais prementes solicitações do marido. Vestiu-se,penteou-se e lá foi depois de, por favor,se ter deixado admirar durante cerca de meia hora pelo marido, que, ficando sozinho, nem se deitou até ao regresso da esposa.

Esta divertira-se a valer.O marido recebeu-a sem mostras de ressentimento,e antes,com ternura, o que lhe valeu ouvir da boca dela todas as atenções com que a haviam distinguido,ser beijado e acarinhado e receber dela a promessa de não fazer outra, pois,se não fora por causa da corte,não teria ido a tal baile.Finalmente,usou de tal arte,que o marido ficou encantado e lhe obedecia cada vez mais. Cenas idênticas,e mais agitadas ainda, foram-se repetindo cada vez mais frequentemente, acabando por provocar frieza.Dois anos após o casamento,ia Gisela sozinha para toda a parte,enquanto o marido, por seu lado, procurava diversões. As despesas doidas que ambos faziam foram arruinando a imensa fortuna do duque. Longe de acudir ao descalabro, ele não fez caso, e, já para esquecer, já para recuperar o que ambos desperdiçavam, atirou-se ao jogo, que o arruinou de vez. Abandonou Gisela, que já não amava, tendo esta de ser recebida pelos pais, que passavam a vida, desolados, a chorar.

Gisela arruinada, infeliz e arrependida

Dez anos após o casamento,estava Gisela sentada,tristemente,certa noite,na sala de visitas da casa paterna; posta fora de casa pelo duque,que a tornava responsável pela sua ruína,abandonada pela sociedade que censurava as suas prodigalidades e o seu procedimento, repelida por toda a gente,estragada, doente, encontrara asilo em casa dos pais.As desditas tinham-lhe operado radical transformação no carácter.Finalmente,vencera a razão; o coração abria-se à ternura filial; tornara-se sincero o seu arrependimento; era horrorizada que reflectia nos desgostos de que enchera os pais e o marido. Nessa noite, estava ela sozinha; chorava. Trajava luto pesado pelo marido, morto havia pouco, em consequência de uma queda de cavalo.Antes de morrer, consentira em tornar a vê-la,e perdoara-lhe de muito boamente. Expirou nos braços do confessor, de mão na da esposa. Morte tão desgraçada não

pôde deixar de causar viva impressão em Gisela, fazendo-a voltar aos sentimentos cristãos, que por completo esquecera no turbilhão do mundo e seus prazeres. Estava só e a chorar, quando se abriu precipitadamente a porta, entrando alguém que supunha vir encontrar Leontina. Erguendo para ele os olhos rasos de lágrimas, Gisela soltou um grito e precipitou-se para esse homem, cujas mãos estreitou fortemente nas suas, enquanto dizia comovidamente:

- Juliano, meu querido Juliano! É Deus que o envia ao encontro de quem tantas saudades suas tem sentido, depois de tanto o ter ofendido! Ah!

Juliano, que infeliz tenho sido! Quantas vezes tenho pensado no senhor, no bem da sua presença! Que vida a minha! Que mágoas causei! Ah! Leio agora na minha consciência como num livro aberto. Fui a angústia de todos os que me queriam bem. Fui a causa da ruína e da morte do meu marido.

Gisela descaiu sobre si mesma, quase desfalecida. Assustado, Juliano amparou-a, fê-la sentar num sofá e, tomando um copo de água, refrescou-lhe a testa e as fontes. Gisela abriu os olhos, fitando-o, reconhecida.

JULIANO - Das poucas palavras que me foi dado ouvir, Gisela, tomo conhecimento de um facto que inteiramente desconhecia - a morte do seu marido. Já sabia de parte das suas desditas antes de haver partido; mas, depois da minha longa viagem, o meu primeiro cuidado, no regresso, foi vir visitar a sua pobre mãe, que eu deixara bem infeliz. Vejo com satisfação que reconhece os erros passados e que está na disposição de reparar aqueles que ainda são susceptíveis de reparação, aqueles que tanto feriram os seus pais. Agradeço-lhe a satisfação, que mostrou pela minha presença, e razão tem para contar com a minha velha afeição, que nunca lhe faltará... Mas... ai! como está mudada, pobre Gisela! Magra e pálida! Deixei-a no deslumbramento da mocidade e da formosura aqui nesta mesma sala onde venho encontrá-la lacrimosa, de luto carregado. Tem assim sofrido tanto, pobre Gisela?

GISELA - Andei uma temporada como que embriagada; supunha-me feliz. Chorei uns instantes a sua retirada, e não tornei a pensar no senhor, senão na desgraça. Sob o jugo de uma paixão a que não correspondia, e abusei tanto dela, que a destruí completamente. Tive inúmeros desgostos e cuidados dobrados; arruínei meu marido e atirei-o para uma vida desgraçada, que foi a morte dele. Não fiz caso de meus pais, tão bons para comigo; e, ao lançar sobre mim um olhar retrospectivo, percebi que era demasiado tarde: não merecia a felicidade. Estou com vinte e sete anos apenas, e já sem gosto pela vida, que acabou para mim! Ao voltar a vê-lo, sinto-me contudo, algo consolada. Parece-me um auxílio enviado por Deus para a minha inteira conversão. Que foi feito do senhor, Juliano, nestes dez anos das minhas tristes folias e da minha desgraça? Nunca me atrevi a falar no

senhor. Já casou? Tem filhinhos?!

JULIANO - Não, Gisela; vivi bastante tempo isolado numa quinta da aldeia, utilmente ocupado, por lá tendo feito algum bem. Raras vezes vim à capital, com medo de a encontrar, muito menos contando vir vê-la hoje viúva e arrependida.

GISELA - Oh, sim, Juliano; muito arrependida e horrorizada do meu passado.

- Pois, querida Gisela, trate de reparar o passado com o futuro. Seja para seus pais a consolação e o orgulho dos seus velhos dias, na certeza de que tudo lhe será perdoado e esquecido.

Ao regressar a casa, a Sr.ª Gerville ficou tão surpreendida como o ficara Gisela de tornar a encontrar Juliano. Logo o pôs ao corrente do sucedido na família. A espirituosa e excelente Sr.ª Monclair morrera pouco depois da partida de Juliano. Profundamente impressionado com o falecimento da encantadora senhora, Tocambel, o bom velho, estava paralítico e falto de juízo. Quanto aos manos Pedro e Noémia, esses continuavam a viver na melhor harmonia. Seu filho Jorge acabava de completar os estudos em Saint-Cyr, e constituía com a Isabelinha, já na idade de vinte anos, a alegria e a felicidade dos pais.

Branca estava com três filhos e a Lourença com quatro.

- Gisela vive connosco há três anos - acrescentou a mãe. - Perdeu o marido há dez meses, ficando muito doente depois disso, como se lhe conhece no rosto. Faz-nos companhia e cuida de nós com tal dedicação e carinho, que nos compensa amplamente do que em tempos sofremos. Já não quer saber do mundo: vive para a família, sem pensar em sair dela. E aqui tem, caro senhor, o que vem encontrar: sossego por toda a parte.

GISELA - Excepto no meu coração, querida mamã. Nunca mais perdorei a mim própria o mal que espalhei.

LEONTINA - A felicidade que nos proporcio nas agora, minha Gisela, deve fazer-te esquecer tudo o que tão amargamente deploras...

GISELA - Amarga e justificadamente, querida mamã.

Juliano voltou a frequentar o solar dos Gerville e era incansável em interrogar tanto a mãe como a filha sobre os acontecimentos cujos pormenores desconhecia; vinha amiúde partilhar da conversa da família, vendo com satisfação voltar a paz ao coração de Gisela e de sua mãe, dois anos depois deste convívio íntimo. Com a saúde, Gisela retomava as cores lindas, que perdera. A conversa com Juliano tinha o condão de a tornar mais calma e menos triste. Testemunhava-lhe a mesma afeição que em tempos sentia por ela; a desta para com ele era agora mais dedicada, mais viva, mais absoluta.

Ah! - disse ela um dia consigo mesma, se eu o tivesse amado assim aos dezassete anos, nunca teria sido duquesa

de Palma. Perdi a felicidade por minha culpa. Mas fui e continuo a ser bem castigada.

JULIANO - Em que pensa, assim tão tristemente, de há uns tempos para cá, Gisela?

Esta, não o tendo sentido entrar, estremeceu.

GISELA - Penso no meu triste passado, Juliano.

JULIANO - Então ainda! Esse passado a aparecer-lhe sempre, como fantasma! Porque não há-de antes pensar no futuro?

GISELA - É que para mim não há futuro; Por minha culpa; casei por egoísmo e uma grande vaidade com um homem que não amava, rejeitando aquele que amava, que sempre amei e sempre chorarei.

debulhou-se em lágrimas.

- Gisela - disse-lhe Juliano, pegando-lhe numa das mãos humedecidas de lágrimas, a sua mágoa dá-me prazer, por ser a prova palpável da sua transformação, que é agora bem real; eu gostava mais de uma alegria suave e de um espírito liberto de inquietação. O homem que a Gisela chorou, de quem tem saudades e que desejaria amar, continua sendo o mesmo, querendo a sua felicidade acima de tudo, amando-a de todo o coração e pedindo-lhe a ventura de uma vida em comum, vida de esposos cristãos. Se julga poder amar-me agora como eu pedia há dez anos, não tem mais do que dizer, Gisela, e satisfará assim os meus mais ardentes desejos.

GISELA - Fala a sério, Juliano? Julga-me ainda digna de usar o seu nome, de casar consigo?

JULIANO - Hoje mais digna do que nunca, minha muito bem amada Gisela. Jamais falei tanto a sério.

GISELA - Nesse caso, meu amigo, aqui tem a minha mão. Quanto ao coração esse pertence-lhe sem partilha.

Osculando-lhe aquela mão tão desejada, Juliano pediu que lhe fosse concedido o prazer de ser ele a comunicar a boa nova aos Srs. Gerville, que se apressaram a vir felicitar a filha, abraçando-a ternamente. Anunciou-se o casamento a toda a família, que ficou inteiramente satisfeita. Os pais de Gisela deram-lhe novo dote, para substituir o que se perdera com a fortuna do duque. O noivo era rico. Pela morte dos pais devia Gisela vir a ser muito abastada.

Purificação pelas lágrimas. Gisela chega a uma conclusão

Dado o consentimento de Gisela, devia o casamento realizar-se, pouco tempo depois, no solar dos Gerville. Ao acto só assistiram os parentes mais chegados, não tendo havido festa.

-Eis-te despojada do título de duquesa!disse Juliano ao regressar da igreja. - Não tens saudades dele?

GISELA - Só lamento uma coisa, meu amigo, é ter-te

sacrificado à vaidade de o usar. Deus me perdoe este grande erro da minha vida!

JULIANO - Acabas de o pagar ao tomares hoje o meu nome.

GISELA - Praza a Deus que não faça dele o uso que fiz do nome do infeliz duque!

JULIANO - Isso não me dá cuidado, minha querida Gisela, quando se passou pelas provações por que passaste, e se sai delas com o arrependimento sincero e profundo que me testemunhaste logo na primeira entrevista, todo o ser retoma vida nova. Arrependimentos destes não são frequentes, não; mas não são um caso sem exemplo; e para o provar, aí está a minha Gisela. O que outrora só te surgia raramente tornou-se agora uma ideia bem sincera e radicada. Aprendeste a amar a Deus e às criaturas. Sendo uma dessas criaturas assim favorecidas, é do fundo da minha alma que louvo e agradeço a Deus.

Não se enganava o marido, pois Gisela deixou os interesses mundanos, consagrando-se toda e sem reserva à felicidade de Juliano, dos filhos e dos pais que não a querem deixar, e cujo único pesar é a recordação do passado, de que, não sem razão, se acusam. Os filhos, já em número de três, vão muito bem educados. A mais velha, uma menina, dava indícios de uma triste parecença com o temperamento da mãe quando criança; mas as asperezas desse temperamento, tão temido de Gisela, são diariamente corrigidas por uma repressão prudente e sensata. O pai não receia os presságios da mãe, pois bem sabe que uma boa educação fará desaparecer o que for defeituoso.

Os senhores Néri casaram a Isabel com o primo Tiago, cuja união foi felicíssima. Jorge quer, a exemplo do cunhado Tiago e do primo Juliano, adiar para mais tarde o casamento, a

fim de ser um marido mais ajuizado e um pai experiente. Acha-se muito novo ainda com vinte e sete anos de idade. Quando Juliano se lembra de querer arreliar a esposa, diz-lhe falando da sua Leontininha:

- Ai! que amor de criança!

E Gisela:

- Por amor de Deus, Juliano, não lhe dê esse nome; que pena que sentiam os pais, se te ouvissem! Bem sabes que era assim que me chamavam no tempo em que era tão má!

E Juliano punha-se a rir. Mas, de uma vez que Gisela lhe ouviu dizer isso quando, sem ele dar por tal, a sogra vinha a entrar, desatou em pranto tão amargo, que deixou Juliano desolado, levando-o a prometer nunca mais evocar tão triste lembrança.

FIM